Carla Gomes Franco

Agora é com os pais! Fecundidade na adolescência e juventude na perspectiva masculina em Belo Horizonte e Região Metropolitana

Belo Horizonte, MG
UFMG/Cedeplar
2016

Carla Gomes Franco

Agora é com os pais! Fecundidade na adolescência e juventude na perspectiva masculina em Belo Horizonte e Região Metropolitana

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Demografia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Demografia.

Orientadora: Profª. Paula Miranda-Ribeiro

Belo Horizonte, MG
Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional
Faculdade de Ciências Econômicas - UFMG
2016

Ficha catalográfica

Franco, Carla Gomes.
F825a Agora é com os pais! [manuscrito] : fecundidade na adolescência e
2016 juventude na perspectiva masculina em Belo Horizonte e Região Metropolitana / Carla Gomes Franco . – 2016.
xiii, 127 f.: il., gráfs. e tabs.

Orientadora: Paula Miranda-Ribeiro.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional.
Inclui bibliografia (f. 117-124) e anexo.

1. Fecundidade humana – Belo Horizonte (MG) – Teses.
2. Adolescentes (Meninos) – Belo Horizonte (MG) – Teses.
3. Paternidade – Teses. I. Miranda-Ribeiro, Paula. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. III. Título.

CDD: 362.7042

Elaborada pela Biblioteca da FACE/UFMG. – NMM/067/2017

Folha de Aprovação

Ao futuro pai do(s) meu(s) filho(s).

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que por meio do Programa de Excelência Acadêmica (Proex), financiou o meu mestrado tornando este plano viável.

À minha orientadora, Paula Miranda-Ribeiro pelo carinho, compreensão, apoio, estímulo e sensibilidade pelo tema e pela causa dos pais, objeto de estudo deste trabalho. Desde sempre, a pergunta que ela me fazia era: “É precoce para quem?”, o que me fez ir em busca da resposta ao compreender o significado da paternidade na adolescência conversando com os pais entrevistados. Além disso, sua convicção na compreensão dos fenômenos sociais para além dos dados que já existem (o que não é o caso para a paternidade, tão facilmente quanto para a maternidade), me amparou para utilizar o método investigativo de abordagem qualitativa para levantar hipóteses sobre o fenômeno estudado e me fez ir para o campo de coração aberto para ouvir os pais. Além disso, suas orientações foram sempre muito prazerosas e compreensivas, com cafés, para animar, e lenços para enxugar as lágrimas que caíram nos momentos de angústia. Muito obrigada, Paula, pelo carinho que se via no brilho dos seus olhos!

Aos professores do Programa pela compreensão e paciência, em especial ao professor José Alberto Magno de Carvalho e à professora Simone Wajnman, que desde o início me ouviram e se sensibilizaram para uma compreensão maior. Em especial, também, ao professor Fausto pelas escutas e ao professor Irineu, pela compreensão no momento final.

Aos funcionários do Cedeplar, sempre solícitos às nossas demandas e ágeis nas soluções para nos ajudar em processos que se fizeram necessários.

Aos colegas da coorte 2013 que me ajudaram muito durante, principalmente, o primeiro ano do mestrado. Desde as aulas de matemática básica até as de TAD II, a ajuda e apoio de vocês foram essenciais. Em especial ao Rafa (e sua família), Melissa, Laura e Janaína, muito obrigada!

À minha família que me apoiou desde o momento que decidi aplicar para o mestrado no Cedeplar, em especial à minha irmã gêmea, Camila e a minha mãe

que sempre estimulavam com perguntas e sorrisos de significados únicos. À minha irmã Ana Paula e ao Alex pelo apoio e por sempre perguntarem sobre tudo de forma curiosa e incentivadora! Ao meu pai por saber pouco sobre todo o processo, mas sempre perguntando!

Ao Antônio que, desde o começo do mestrado esteve comigo, obrigada pela paciência, perseverança, compreensão, dedicação, apoio, incentivo, força, carinho, amor... etc! Agora podemos nos casar!

A todos os meus amigos pela compreensão, em vários momentos e, principalmente, nos momentos finais, de todos os convites recusados por mim em função da necessidade de encerramento deste projeto.

A Deus, soberano sobre todos, por me fazer acreditar no Seu sustento diário para seguir em frente!

Sumário

LISTA DE ILUSTRAÇÕES X

RESUMO XII

1 – INTRODUÇÃO 15

2 – JUVENTUDE(S) ALÉM DE UMA PALAVRA 19

2.1 – Categoria social, fase de vida ou transitoriedade? 20

2.2 – A precocidade e a problematização do evento 29

3 – MEDIDAS DE FECUNDIDADE 37

3.1 – A contribuição das Taxas Específicas de Fecundidade (TEF) na Taxa de Fecundidade Total (TFT) 37

3.3 – Fecundidade masculina 46

2.3 – Parentalidade na adolescência e juventude 52

4 – METODOLOGIA 56

4.1 – Abordagem qualitativa: questões teóricas 56

4.2 – Comitê de Ética, roteiro de entrevista e trabalho de campo 64

4.3 – A análise das transcrições 70

5 – RESULTADOS 74

5.1 – Perfil dos entrevistados 74

5.2 – O que diferencia a adolescência, a juventude e a vida adulta? 78

5.3 – O que significa ser pai na adolescência ou na juventude? 87

5.3.1 – O planejamento (ou não) da fecundidade 87

5.3.2 – A reação à notícia 90

5.3.3 - Mudanças impostas pela paternidade: status conjugal 92

5.3.4 - Mudanças impostas pela paternidade: comportamento reprodutivo 95

5.3.5 – Mais filhos? 97

5.3.6 – Fecundidade dos filhos e filhas 100

5.4 – O que mudou? 104

5.5 Transição de status 110

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS 113

7 – REFERÊNCIAS 117

ANEXO I 125

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Degraus das Idades representando a vida em etapas 23

FIGURA 2 – Termos que se relacionam com diferentes etapas da vida 79

FIGURA 3 – Elementos marcadores da fase de transição para a vida adulta (juventude) 81

FIGURA 4 – Significado de ser pai 109

GRÁFICO 1 – Taxas de fecundidade total, segundo as Grandes Regiões e Brasil - 1980/2010 39

QUADRO 1 – Taxas específicas de fecundidade, segundo as Grandes Regiões, Brasil e grupos de idade das mulheres - 1980/2010 38

QUADRO 2 - Taxas específicas de fecundidade entre adolescentes e jovens, segundo as Grandes Regiões, Brasil - 1980/2010 42

QUADRO 3 – Tipologias estabelecidas para definição de sequências de eventos de transição 62

QUADRO 4 – Análise Documental x Análise de Conteúdo 72

QUADRO 5 - Perfil dos entrevistados 76

QUADRO 6 – Comparativo sobre planejamento do primeiro filho e a reação do pai ao saber da notícia 91

QUADRO 7 – Comparativo sobre planejamento do primeiro filho e repercussão de morar junto 94

QUADRO 8 – Comparativo sobre planejamento do primeiro filho e repercussão de mudança no comportamento reprodutivo do homem 96

QUADRO 9 – Perspectiva de fecundidade futura entre os entrevistados 99

QUADRO 10 – Perspectiva de fecundidade dos filhos 102

QUADRO 11 – Reprodução intergeracional da fecundidade na adolescência e juventude 104

TABELA 1 - Taxas Específicas de Fecundidade, segundo as Grandes Regiões, Brasil e grupos de idade das mulheres - 1980/2010 40

TABELA 2 – Percentual de queda da Taxa Específica de Fecundidade entre 15 e 24 anos e Taxa de Fecundidade Total, no Brasil e Grandes Regiões, 1980/2010 (%) 43

TABELA 3 – Percentual da participação da Taxa Específica de Fecundidade das mulheres de 15 a 24 anos na TFT, segundo as Grandes Regiões, Brasil - 1980/2014 (%) 44

TABELA 4 – Perfil dos entrevistados extraídos da “Pesquisa Jovem - 2010” para recrutamento das entrevistas em profundidade (n=69) 66

TABELA 5 – Perfil dos entrevistados extraídos da “Pesquisa Jovem - 2010” para recrutamento das entrevistas em profundidade (n=60) 66

TABELA 6 – Situação do cadastro telefônico e resultado dos contatos dos perfis levantados 68

TABELA 7 – Realização das entrevistas segundo origem do recrutamento (n=23) 68

RESUMO

O objetivo desta dissertação de mestrado é entender os impactos da fecundidade ocorrida na adolescência e juventude sobre a vida de homens residentes em Belo Horizonte e na Região Metropolitana. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com vinte e dois homens entre 21 e 30 anos, que foram pais pela primeira vez na adolescência (entre 15 e 19 anos) ou na juventude (entre 20 e 24 anos). As conversas possibilitaram uma aproximação retrospectiva das trajetórias desses pais, englobando desde o momento do início do relacionamento com a mãe da criança, passando pela notícia da gravidez e a reação das famílias, e chegando à paternidade propriamente dita, tendo em vista o cuidado, envolvimento e convívio atual com o(s) filho(s). Os resultados sugerem que não houve diferença entre os pais que tiveram seus filhos na adolescência e aqueles que tiveram na juventude quanto à reação à notícia da gravidez – a maioria fala em “choque” e “susto”. Ao serem questionados sobre como receberiam a mesma notícia nos dias atuais, alguns pais afirmaram que, ao ter um filho planejado, a reação seria “mais tranquila” e menos impactante que no passado. No que tange à decisão de morar juntos após a notícia da gravidez, não houve diferença entre os pais que tiveram seus filhos na adolescência ou na juventude. No entanto, mais pais jovens do que pais adolescentes permanecem com as mães de seus filhos. Ao serem indagados sobre o desejo de ter mais filhos, apenas três entrevistados afirmaram não desejarem mais filhos – um tem 3 filhos, um tem 2 filhos e um tem 1 filho. Assim, dos vinte e dois entrevistados, somente um pretende ter apenas 1 filho, contribuindo para que, ao menos neste pequeno e seletivo grupo, a fecundidade se aproxime do nível de reposição. Quando falam da fecundidade futura, de seus filhos e filhas, eles ressaltam a “hora certa” e as fases que devem ser cumpridas antes de ter um filho – estudo, trabalho e casamento. Finalmente, o significado de ser pai está fortemente associado ao termo “responsabilidade”, que também aparece nas falas como uma característica da vida adulta. Além da responsabilidade, ser pai está ligado a “estar presente”, “educar”, dar “carinho” e “afeto”, indicando mudanças na percepção da figura do pai em relação ao passado, mas sem deixar de lado o papel tradicional do pai provedor, que “sustenta a casa e o filho”.

Palavras-chave: fecundidade; fecundidade na adolescência; paternidade; adolescência; juventude; Brasil.

ABSTRACT

The objective of this master's thesis is to understand the impacts of fertility occurred in adolescence and youth on the lives of men living in Belo Horizonte and in Metropolitan Region. Semi-structured interviews were conducted with twenty-two men between ages 21 and 30, who were parents for the first time in adolescence (between 15 and 19 years old) or in the youth (between 20 and 24 years old). The conversations made possible a retrospective approximation of the trajectories of these parents, from the moment of the beginning of the relationship with the mother of the child, through the news of the pregnancy and the reaction of the families, and arriving at the paternity itself, with regard of the care, involvement and current relationship with the child (ren). The results suggests that there was no difference between the parents who had children as teenagers or those who had as young man as the reaction to the news of pregnancy - most speak of "shock" and "fright". When asked how they would receive the same news these days, some fathers said that if they were having a planned child, the reaction would be "calmer" and less shocking than in the past. Regarding as the decision to live together after the news of the pregnancy, there was no difference between the parents who had their children in their adolescence or in their youth. However, more young parents than adolescent parents remain with the mothers of their children. When asked about their desire to have more children, only three respondents answers they did not want more children - one has 3 children, one has 2 children and one has 1 child. Thus, of the twenty-two interviewees, only one intends to have only one child, therefore, at least in this small and selective group, the fecundity approaches the level of replacement. When they speak of the future fertility of their sons and daughters, they emphasize the "right time" and the phases that must be fulfilled before having a child - study, work and marriage. Finally, the meaning of being a father is strongly associated with the term "responsibility," which also appears in speeches as a feature of adult life. Additionally to being responsible, being a father is linked to be present, educate and give love and affection, which indicates changes in the perception of the father figure in relation to the past, but without leaving aside the traditional role of the father provider, who "sustains the house and the son".

Keywords: fertility; teenage fertility; paternity; adolescence; youth; Brazil.

1 – INTRODUÇÃO

A fecundidade é uma das componentes da dinâmica demográfica e refere-se ao processo de incremento populacional computado através dos nascimentos observados em uma determinada população. Associada a ela está a reprodução, que se relaciona ao processo de reposição populacional, segundo o qual novos membros entram na população em questão, substituindo os que saíram – pelo evento da mortalidade ou da migração (PRESTON *et al*, 2001).

Na demografia, a maioria dos estudos sobre fecundidade utiliza taxas de fecundidade cujo cálculo exige apenas informações sobre nascidos vivos por idade da mãe e número de mulheres em idade reprodutiva (15 a 49 anos). Assim, o que se tem nesses estudos é um retrato da fecundidade feminina, que é dado pelas taxas por grupos quinquenais de mulheres em idade reprodutiva. As investigações sobre fatores associados à fecundidade, na mesma linha, levam em conta quase que exclusivamente as mulheres. Uma análise de conteúdo feita por Zhang (2011) constatou que, dentre os mais de 75.000 estudos sobre fecundidade realizados no período entre 1950 e 2000, apenas 381 tratam sobre fecundidade e comportamento reprodutivo masculino, sendo que destes, 2/3 são de orientações biológicas e médicas. O que corrobora com um cenário onde pesquisadores da demografia ou da sociologia não assumem uma postura analítica, tão pouco crítica, quanto ao tema na perspectiva masculina.

Desta forma, os homens constituem uma “minoria negligenciada” nos estudos de fecundidade (COLEMAN *apud* ZHANG, 2011), pois pouco se aborda sobre as suas perspectivas no que tange aos métodos de contracepção, decisões de reprodução, desejo de ter filhos, envolvimento nos cuidados diários com estes, e demais temas relacionados à fecundidade e paternidade. Oliveira *et al* (2009) afirmam que a “ênfase quase exclusiva na mulher nos estudos sobre reprodução reflete a construção naturalizada do gênero feminino” (p. 276), com uma definição restrita de papeis dentro e fora do domicílio.

No entanto, apesar de a mulher ser tratada como a principal protagonista do processo de geração e criação de filhos e, desta forma, ser foco dos estudos sobre fecundidade, aos poucos os homens vêm sendo incluídos nas preocupações dos pesquisadores da demografia social, uma vez que fazem parte não apenas da concepção, mas também do cuidado e envolvimento futuro com a criança, espontaneamente ou impulsionados pelas mães de seus filhos.

Em relação ao período do ciclo de vida do qual este trabalho diz respeito, - a adolescência e juventude – vários estudos sobre fecundidade tem sido realizados. Além das taxas neste grupo etário terem se mantido elevadas por algumas décadas, a gravidez nesta fase da vida é vista por muitos como um problema não apenas individual, onde, por muito tempo discutiu-se os riscos para a saúde da mãe e da criança, mas também social, uma vez que as mães adolescentes são, em sua maioria, pobres (PANTELIDES, 2004). Mais uma vez, a ênfase é nas mães adolescentes. Os pais adolescentes também são negligenciados.

Esta dissertação se insere no esforço de dar visibilidade aos homens nos estudos de fecundidade na adolescência. O objetivo é entender os impactos da fecundidade ocorrida na adolescência e juventude sobre a vida de homens residentes em Belo Horizonte e na Região Metropolitana. Serão comparados homens que foram pais pela primeira vez na adolescência (entre 15 e 19 anos) ou na juventude (entre 20 e 24 anos) buscando responder as seguintes perguntas: O que diferencia a adolescência da juventude ou da vida adulta? O que significa ser pai na adolescência ou na juventude? A fecundidade foi planejada? Qual foi a reação da família? Quais as mudanças impostas pela paternidade na vida dos entrevistados, seja em termos do status conjugal ou da contracepção? Os pais desejam mais filhos? Quais as suas expectativas com relação à fecundidade de seus filhos e filhas? Faz diferença ser pai na adolescência ou na juventude?

A escolha por estas perguntas específicas reporta a necessidade de entender o papel da fecundidade na adolescência e juventude vivenciadas por homens, e justificam-se na tentativa de fazer um primeiro exercício para compreender o fenômeno. Além disso, partindo-se do pressuposto de o

impacto na vida dos adolescentes é mais difundido por este ser considerado mais prejudicial no ciclo de vida dos indivíduos, é que se propõe a comparação.

Para a execução do trabalho foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com vinte e dois homens que, no momento da entrevista, tinham entre 21 e 30 anos. Estes pais caracterizam-se por serem, em sua maioria, todos de classe média baixa, os quais exercem ocupações precárias e possuem baixa escolaridade (até o Ensino Médio ou Fundamental). As conversas permitiram uma aproximação retrospectiva de suas trajetórias desde o momento do início do relacionamento, passando pelo momento da notícia da paternidade, o acompanhamento (ou não) da gravidez até os dias atuais, abordando o cuidado, envolvimento e convívio com o(s) filho(s).

A abordagem metodológica utilizada compreende àquela que trata do curso de vida, a qual permite investigar sobre como algum evento impacta na vida individual ou coletiva, considerando esta última o ponto de vista de uma coorte ou geração, permitindo maior aproximação com a demografia. Ou seja, como um determinado fenômeno, que ocorre em uma determinada sociedade, impacta na vida dos que ali estão de modo amplo, permitindo nos aproximarmos da relação de interdependência entre “microssocial biographical processes and macrosocial structural change” (SACKMANN e WINGENS, 2003, p. 93).

Além disso, compreenderemos aqui as etapas de vida não como concretas, mas como um processo onde transitar da adolescência para a juventude, leva em consideração a vivência do indivíduo, a qual faz com que o mesmo conceba e assimile tais etapas a partir dos significados atribuídos por ele aos processos e às experiências por ele vividas e não apenas por imposições macrossociais. Neste trabalho pretende-se compreender a relação entre “ser jovem” e “o que se espera de um jovem”, se justificando na desconstrução do pré-conceito de precocidade ou de banalização do evento da paternidade na vida do jovem pai, ou mesmo na desconstrução de um tipo ideal de jovem (CABRAL, 2009), que reforça a perspectiva estrutural funcionalista do cumprimento de etapas fechadas e concretas.

Cabral (2005) chama a atenção para a necessidade de ampliar a compreensão do processo incluindo não só o parceiro, mas também seus familiares. Ela evidencia situações diversas sobre o desejo de ser pai pelo

processo de assimilação que acarreta na aceitação da criança tanto pelo jovem, que tornar-se-á pai, quanto pelos familiares e ciclo social no qual ele está inserido. A autora reforça que a desestruturação provocada incialmente pelo evento da gravidez é “temporária e reparada pela assimilação do episódio no âmbito da escola, do trabalho e da família” (CABRAL, 2005, p. 92) até que o evento seja enquadrado no “curso normal das coisas” (VILAR e GASPAR *apud* CABRAL, 2005, p. 92).

Esta dissertação está dividida em seis capítulos. Após esta introdução, no capítulo 2, são apresentados os conceitos de adolescência e juventude, que vão além de uma mera categoria etária, se constituindo em categoria social. No terceiro capítulo, são apresentadas e discutidas as variações nas taxas de fecundidade observadas no século XX, suas interpretações e as repercussões no sentido de como a fecundidade na adolescência passa a ser tratada como um problema social e de saúde pública, estigmatizando o fenômeno de precoce junto à população que o experimenta. Além disso, serão discutidas as razões pelas quais a fecundidade masculina é pouco estudada, tanto do ponto de vista técnico quanto social e situações de parentalidade no período aqui estudado. No capítulo 4 estão a metodologia e as técnicas empregadas para a análise da fecundidade na adolescência e juventude. O capítulo 5 traz os resultados e sua análise. Por fim, o sexto capítulo apresenta as considerações finais acerca do trabalho. Os resultados levam à conclusão de que fecundidade, contracepção e filho também são assuntos de homem adolescente e jovem.

2 – JUVENTUDE(S) ALÉM DE UMA PALAVRA

Ocupar um lugar na sociedade não é só “estar ali”, na escola, no trabalho, na cozinha, na rua, ou em algum lugar desejável para ocuparmos. É, muito antes, assumir e assimilar uma identidade que se torna autônoma, porém, de início, imputada socialmente. Ser negro, branco, pobre, rico, estudante, trabalhador, jovem ou velho são categorias nas quais se justificam os lugares que ocupamos no dia-a-dia e fundamentam nossas atitudes legitimadas pelo senso comum de pertencimento a determinado grupo.

Estar dividido entre adolescência e juventude, assumir uma identidade e corresponder às expectativas sociais é uma constante na vida de jovens e adolescentes que procuram se identificar nas várias possibilidades de lugares sociais existentes, os quais eles podem ocupar. Essa identificação é feita a partir da relação de pares e grupos, viabilizada pelo lugar que já está atribuído a eles, sendo o principal deles, a escola. Além disso, a juventude é mais que uma palavra (BOURDIEU, 1983) e, portanto, além de uma categoria de análise, representa um misto de significados que afetam o cotidiano destes e dos que se esforçam para compreendê-los.

Para iniciarmos a discussão a que se pretende este trabalho, o capítulo corrente destina-se a apresentar as perspectivas que abordam a categorização da juventude com o objetivo de investigar a influência de tais abordagens nos estudos sobre fecundidade na adolescência e juventude, que muitas vezes é vista como prejuízo aos sujeitos que a experimentam sem, contudo, dedicarem-se aos efeitos minimamente positivos na vida destes ou mencionar questões prévias ao fenômeno que não sejam meramente fatores socioeconômicos. Portanto, a perspectiva de uma fecundidade desejada entre jovens e adolescentes é muito restrita na literatura e, consequentemente, no senso comum dos que julgam o fenômeno de tal forma: como prejuízo apenas.

Parte-se do pressuposto que a limitação da fase de vida (adolescência e juventude) a uma simples nomenclatura, sem compreender em que contexto ela se dá, induz para a concepção de indesejável e precocidade de determinados eventos na vida dos indivíduos que estão inseridos em tais categorias. Tal precocidade é geradora de estigma, que torna os sujeitos

marginalizados pela sociedade (GOFFMAN, 1891) e, por vezes é tratada da paternidade e maternidade somente na fase da adolescência – nem tanto na juventude.

2.1 – Categoria social, fase de vida ou transitoriedade?

> *"O homem, quando jovem, é só, apesar de suas múltiplas experiências. Ele pretende, nessa época, conformar a realidade com suas mãos, servindo-se dela, pois acredita que, ganhando o mundo, conseguirá ganhar-se a si próprio." Carta de Hélio Pellegrino para Fernando Sabino à guisa de prefácio em Encontro Marcado - 89ª edição, 2009.*

A epígrafe acima não nos impacta muito quando lemos que o "homem, quando jovem, é só", já que o jovem ainda está em uma condição de formação e alcance de seus objetivos profissionais e pessoais para ser mais que isso e tornar-se um adulto. Entretanto é paradoxal se pensarmos na discussão contemporânea acerca do que significa ser jovem nas suas múltiplas experiências (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006) e, portanto, não apenas jovem, mas jovem na mais ampla diversidade de vivências, ou seja, joven**s**. Iremos, portanto, apresentar algumas das principais abordagens sobre categorização da fase de vida *juventude*.

A primeira abordagem trata-se da que compreende o jovem como alguém que compõe uma categoria social na qual o indivíduo passa por processos sociais que colaboram na construção da sua identidade. Além dessa abordagem, apresentaremos a perspectiva que trata o indivíduo como pertencente a um determinado grupo etário que está passando por uma fase da vida, a qual é compreendida pela sociedade sem que se considerem as experiências vividas por ele (BOURDIEU, 1983). E por último, a perspectiva que trata da transição destes para a vida adulta, como uma etapa de imprecisões, ou como afirmou Arão (2011) uma etapa que os coloca num lugar definido como um "vácuo social" (p. 41).

O objetivo principal apresentando essas três abordagens é situar o que a literatura diz a respeito da população adolescente e jovem, para então

compreendermos a razão pela qual o fenômeno da fecundidade na adolescência e juventude é tratado como precoce, indesejável e prejudicial à vida dos que a experimentam. Entretanto, este trabalho abordará a juventude como um processo de construção social, sem se ater apenas ao marco etário, tentando se aproximar mais dos significados das experiências vividas por eles no que diz respeito a ser pai, foco deste trabalho.

Uma primeira questão a ser apresentada quando se trata de juventude diz respeito ao período da vida no qual o indivíduo se circunscreve e como a concepção do conceito vem mudando ao longo do tempo. Para tal, é necessário falar de como se estabeleceu a percepção social das idades, e, consequentemente, de suas categorias, tornando-se importante falar de como as “idades da vida” (ARIÉS, 1978, p. 30) vieram se modificando ao longo dos séculos XVI ao XIX.

Segundo o autor o nome de uma pessoa está ligado ao mundo da fantasia, enquanto o sobrenome, ao mundo da tradição e a idade, ao mundo da exatidão. Esses três mundos (nome/fantasia, sobrenome/tradição e idade/exatidão) circundam nossos hábitos de identidade na contemporaneidade e são consequências, segundo o autor, do fenômeno observado na Idade Média, onde já não bastava a designação pelo primeiro nome, sendo necessário acrescentar um sobrenome de família ou o nome do lugar e mais adiante, uma designação de caráter numérico, a idade, construindo-se, assim, a concepção de idade (ARIÉS, 1978, p.29). A precisão da idade está no simples fato de uma criança de dois anos acertar sua idade ao ser perguntada sobre quantos anos tem. O que queremos enfatizar com isso? Que a classificação de um indivíduo dentro de uma categoria, identificada pela idade é, desde cedo no nosso cotidiano, de um significado bastante importante imputada socialmente.

A inscrição dos nascimentos nos registros paroquiais, até então não praticada, foi imposta por Francisco I na França, sendo rejeitada pelos párocos inicialmente, até que no século XVIII acredita-se ter aumentado a exatidão dos registros, passando a ser aderida pelos mais escolarizados até se consolidar e a noção de idade tornar-se um consenso absorvido pela sociedade da época. Com o tempo, a idade chegou a ser marcada em fotos e até em mobílias, acompanhadas das datas de suas criações. Daí se origina nossos álbuns de

fotografia com datas para cada foto, desde o nascimento até os primeiros anos de vida, mostrando o passo-a-passo do desenvolvimento da criança e os eventos da sua vida até ali, considerados mais importantes. Entretanto, não se trata nesse contexto, de dar atenção ao indivíduo e sim à etapa da vida, propriamente dita.

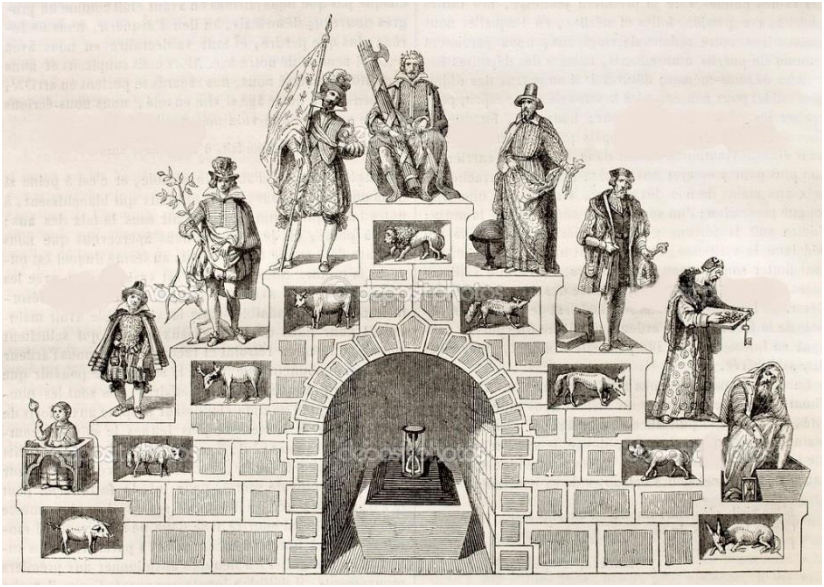
Embora tendo persistido até meados do século XIX, foi a partir do século XVII que a epigrafia familiar começou a desaparecer e as idades da vida passaram a ocupar um lugar importante no âmbito pseudocientífico, onde as terminologias condicionam o período da vida à vivência no seus sentido mais amplo, passando do "domínio da ciência ao da experiência comum" (ARIÉS, 1978, p. 34). Ou seja, a infância, puerilidade, adolescência, juventude, velhice e senilidade passaram de um conceito rudimentar à correspondência da experiência prática. Para compreender tal fenômeno, Ariés (1978) baseou-se na obra de Glanville, de 1556 *Le Grand Propriétaire de toutes choses, très utile et profitable pour tenir le corps em santé*, um tratado sobre os conhecimentos tidos profanos e sacros, dentre os quais, se inseria, entre vinte livros, um sobre os números e medidas, trantando da concepção da vida, feita a partir dos elementos da natureza, dos planetas, dos astros e do simbolismo com os números.

Desta feita, as idades em *Le Grand Propriétarie de toutes choses* eram abordadas segundo a correspondência com os planetas, em número de 7. Estabelecendo-se as seguintes etapas: Infância que vem do *enfant* que quer dizer, criança e dura até 7 anos; em seguida vem a *Pueritia* que dura até os 14; a terceira idade corresponde a Adolescência, assim chamada "porque a pessoa é bastante grande para procriar" (p. 36) estando ainda, disposta fisiologicamente para crescer, concebida assim até os 28 anos; em seguida vem a Juventude, considerada o meio do período etário, embora pleno de força física e dura até os 45 anos ou até 50; em seguida vem a Senectude, que precede a velhice não tendo um limite muito bem definido; a Velhice vem em seguida e dura até os 70 anos, ou para alguns, até a morte; por fim, a *Senies* vem como uma última etapa à velhice, e portanto, sem um limite pré definido.

Nesse contexto, as idades passam a ser retratadas na arte e as figuras chamadas de "Degraus das Idades" marcam os períodos da vida, indo desde o século XVI até início do século XIX, onde a vida passa a ser representada por

etapas muito bem delimitadas (Figura 1). A idade passa, portanto, a corresponder não “apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais” (p. 39) do ponto de vista em que, na prática, a criança brinca; o adolescente estuda (no caso dos meninos) e aprende a tecer (no caso das meninas); o jovem adulto aprende sobre o amor (para as mulheres) e sobre os esportes (para os homens); o adulto maduro vai à guerra enquanto a mulher cuida da casa e dos filhos; e, por fim a idade sedentária corresponde aos homens da Lei. Ao centro da escada, abaixo, há a representação da morte, num caixão, neste caso, com uma ampulheta contando o tempo regressivamente.

Figura 1 – Degraus das Idades representando a vida em etapas



Fonte: http://www.swissinfo.ch/por/exposi%C3%A7%C3%A3o-trata-do-tema-da--meia-idade-/31576400 Acesso em: 16/12/2014.

Ariés (1978) ressaltou que, embora estas imagens fossem representadas em calendários e quadros, fazendo parte do cotidiano das pessoas onde a vida concebida em etapas fosse cada vez mais assimilada pela sociedade, havia uma dissonância em relação à linguística e muitas vezes, indefinição quanto à terminologia e a idade, onde, por exemplo, a “adolescência foi confundida com a infância” (ARIÉS, 1978, p. 41). Na tentativa de traduzir para o francês, o autor verificou que não havia tradução que correspondesse a tantas terminologias em latim. Portanto, em francês, as categorias se limitavam a: *enfance*, *jeunesse* e *vieillesse*. Essa limitação reflete nos dias de hoje justificando as análises baseadas nas divisões do ciclo de vida, assim facilitando as

compreensões e tornando os acontecimentos previsíveis a cada etapa (CAMARANO *et al*, 2006).

Avançando para os séculos XVIII e XIX, a problemática do conceito vem à tona quando se pretendia definir em que momento do ciclo de vida o período da adolescência e juventude se circunscreve, ou quais os eventos marcam a estas fases da vida. A preocupação de uma definição etária se deu quando se percebeu, no processo de urbanização e industrialização da Europa no final do século XVIII e início do XIX, que em parte da classe trabalhadora havia um comportamento delinquente e desviante por parte desta população, então denominada como jovem (GROPPO, 2004). O que se observou entre esta população foi a não assimilação de uma coerção imposta pela criação de uma nova categoria, o que configurou-se como um fato social: a categoria dos trabalhadores que fugiam às regras estabelecidas provocando o mau funcionamento da indústria.

Tal evidência corrobora com a perspectiva estrutural funcionalista, que estabelece um estado de normalidade social, coercitivo, do qual, quem sair, está sujeito à delinquência, ou seja, a uma disfunção social vivendo fora do padrão da desejabilidade social, no qual se prevê um estado perfeito de funcionamento da sociedade. Assim ao cumprirmos com os papeis que nos são impostos (pai, marido, esposa, filho, aluno, empregado) dentro de cada categoria etária, estamos cumprindo, segundo a perspectiva estrutural funcionalista, com deveres que são definidos, alheios a nós, determinados nos âmbitos dos direitos ou dos costumes.

A definição de um marco etário fundamenta não só a ação dos governos, bem como a de instituições socializadoras como, por exemplo, a escola e no caso do Brasil esta definição é legitimada pela criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) datado de 1990 e do Estatuto da Juventude, de 2013.

Além da definição de um limite etário, difundiram-se, a partir do século XX, as contribuições apresentadas pela psicologia e psicanálise de representação da adolescência e juventude pautada em aspectos “universais e atemporais” (HEILBORN, 2006, p. 39), em que prevalece a concepção de fase problemática e cheia de crise. Esta abordagem desconsidera o papel cultural na construção de um indivíduo sociável/social, pois dá força ao “paradigma linearista do desenvolvimento, que institui a juventude como um tempo feito de

etapas sucessivas" (PAPPÁMIKAIL, 2010, p. 375) que se consolidou como um importante arcabouço teórico no que tange as discussões sobre juventude. A autora afirma, portanto, que a juventude é um produto da modernidade, por não haver tido, na Europa pré-industrial, uma definição tão precisa e categórica deste período do ciclo de vida que hoje concebemos como antecessor à vida adulta.

O processo de categorização da juventude como um grupo social é lento e observado principalmente nas sociedades ocidentais contemporâneas, evidenciado fundamentalmente pela expansão da escola. Conforme Ariès (1978) as escolas da Idade Média não tinham a preocupação em divisão segundo idade, sendo observado "homens de idades diversas: *pueros, adolescentes, juvenes, senes*" (p. 167). Ainda segundo o autor, a escola foi concebida nos tempos modernos como um mecanismo de separar crianças em um período de formação moral e intelectual, separando-as do mundo dos adultos.

Segundo Groppo (2004), a divisão da sociedade segundo grupos homogêneos faz parte da "esfera social pública mais elaborada, uma parte da vida social mais ou menos separada da família e das relações de parentesco" (p. 13), processo que está relacionado à segunda socialização, que extrapola as esferas de socialização primária, a que ocorre na família, no caso. Pappámikail (2010) afirma que o processo de atribuição à condição de indivíduo à criança/adolescente/jovem está intimamente ligado à escolarização, ou ao espaço da escola moderna, já que este ambiente se constitui como espaço de socialização e aprendizagem de uso quase exclusivo de jovens, garantindo-os a legitimação de tal período do ciclo de vida, diferente do que se percebia no século XV, mencionado em Ariés (1978) onde, na escola, se misturavam as idades e, portanto, não se definia a condição de criança/adolescente/jovem no ambiente da escola. Ou seja, a escola na Idade Média não legitimava a condição de categoria etária ao indivíduo.

Além disso, a escola moderna permitiu vincular a condição de criança/adolescente/jovem muitas vezes somente a este espaço, impedindo-o de acessar ao mercado de trabalho legal por normas e restrições legais, já que é na escola que os indivíduos em tais fases do ciclo de vida, devem estar e são legitimados como tais. No contexto da escola a liberdade é evidenciada, porém

a dependência familiar continua sendo marcante na vida destes indivíduos. Logo, há duas esferas de observação destes indivíduos, a saber: a esfera familiar e a inter geracional - escola. Portanto, enquanto espaço de socialização e obrigatoriedade, é possível perceber a importância da escola em reforçar a condição do indivíduo duplamente concebida aqui, enquanto fase de vida (etária) e categoria social e cultural (inter geracional).

A junção de fatores naturais e sociais garante uma melhor compreensão da juventude já que os fenômenos naturais, tal como a puberdade proposto pela medicina, e os fenômenos sociais, colaboram para a formação da juventude como uma categoria social. Por isso Groppo (2004) afirma que é preciso analisar a juventude sempre aliado a outra categoria social, tais como religião, raça, gênero, lugar e, fundamentalmente, segundo o momento histórico, o que contribuirá para uma evidência da existência de não só uma juventude, mas várias juventudes, e que as colocam em condições diferentes segundo tais contextos.

Diante desse contexto de indefinições na constituição de uma categoria social, a qual denominou-se juventude, há dois caminhos que se seguem na caracterização desta, a saber: uma que se esforça para concatenar os fenômenos observados à categoria (ser e agir), e outra que busca enfatizar as várias juventudes (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006).

Uma abordagem mais ampla e mais recente é a que concebe o período da juventude como uma passagem inerente à conquista da etapa mais desejada pelo ser humano que é “a tal (e pseudo) estabilidade imaginada da identidade adulta” (BOUTINET, 1998 *apud* PAPPÁMIKAIL, 2010). Pseudo estabilidade, pois a estabilidade conferida à fase adulta ignora o fato de que vida está em constante transformação o que provoca uma dinâmica flexível às fases da vida experimentadas hoje (CAMARANO, 2006). A definição clássica da transição para a vida adulta compreende o que Modell, Furstenberg Jr. e Hershberg (1976) *apud* Nascimento (2008) afirmaram ser a passagem marcada por “eventos específicos, aos quais damos significados específicos” (p.2). Logo, são, assim como a categorização da juventude e adolescência, variáveis conforme o lugar e a sociedade.

A transição para a vida adulta é um fenômeno estudado recentemente, datado da década de 70 nos Estados Unidos, e mais recentemente, no Brasil

(VIEIRA, 2009). Diferentes áreas tais como a sociologia, a pedagogia, psicologia bem como a demografia vem desenvolvendo estudos sobre a transição para a vida adulta englobando questões de cunho individual que impactam a estrutura da população no que diz respeito ao lugar que os indivíduos assumem na sociedade. As questões de cunho individual são: a conclusão dos estudos, a entrada no mercado de trabalho, a saída de casa, a inserção em uma união conjugal e ter um filho. Já a repercussão disso no arranjo social são as seguintes mudanças de status: passar de estudante a trabalhador, de dependente para chefe de domicílio, transitar de solteiro a casado ou em união estável e de filho à pai ou mãe, que, na demografia, estão relacionados à vida reprodutiva e família (VIEIRA, 2009).

Como já mencionado, não podemos desconsiderar as múltiplas experiências juvenis que garantem diversidade à condição juvenil na sociedade contemporânea. Da mesma forma, nos estudos sobre transição para a vida adulta, há uma perspectiva que trata a transição apenas sob a ótica da transição escola-trabalho, mas há, também, a linha mais abrangente que aborda todos os eventos, considerando a complexidade do fenômeno. E mais do que considerar a complexidade do fenômeno, considera as diversas experiências de trajetórias, “recusando a linearidade como ponto de vista privilegiado” (PAPPÁMIKAIL, 2010, p. 380). Camarano (2006) afirma que os modelos tradicionais de transição, que seguem os protocolos de linearidade estão se tornando cada vez mais inapropriados segundo o contexto social, econômico e cultural que prevalecem no presente tempo, sugerindo uma flexibilidade nos processos de transição vivenciados hoje.

Diversos modos de entrada na vida adulta são registrados, já que os eventos clássicos da transição, não necessariamente precisam ocorrer em uma ordem específica, bastando que apenas um deles ocorra. Segundo Nascimento (2008) a transição para a vida adulta acontece cada vez mais de modos variados, em arranjos cada vez mais heterogêneos, e, portanto, com significados, específicos. O autor cita como o significado do evento “sair de casa” tem diferentes conotações, a saber: rito de passagem; marco para alcançar a vida adulta; porta de entrada para a vida adulta dada a necessidade de independência financeira e emocional, e; modo crucial no ciclo de vida para a entrada na vida adulta.

Mesmo na perspectiva da transição para a vida adulta, considerada mais recente, não há uma concordância sobre qual evento marca a fase adulta, fundamentalmente, por causa dos novos padrões de vida experimentados pelos jovens, quais sejam: maior permanência na escola para alcançar um maior nível educação a fim de conquistar um lugar melhor no mercado de trabalho e, em função disso, a maior permanência na casa e na dependência dos pais em alguma medida.

Sumarizando, é factível supor que ser jovem significa estar dentro de um limite etário e estar inserido em um contexto com o qual o indivíduo se identifica. Sendo que o contexto vai determinar, em grande medida, o aparato sociocultural do jovem, e este varia segundo classe social, gênero e lugar (GROPPO, 2000). Logo, é plausível aceitar que não há um padrão que deva ser seguido criteriosamente para que os jovens transitem para a vida adulta e que é aceitável a não sucessão de eventos para tal.

Bourdieu (1983) além de defender a construção social das categorias jovem/velho, reforça que, para entendê-las do ponto de vista de como se "cortam as gerações", "é preciso conhecer as leis específicas de funcionamento do campo" social (p. 113). Aqui fica claro que a concepção funcionalista é levada em conta, já que, segundo o autor, "a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável" e que ao falarmos de jovens como uma categoria social única já indica tal manipulação.

A compreensão da juventude só é possível pela**s** diversa**s** juventude**s**, onde, segundo Vieira (2009) ser jovem significa estar sob uma "condição biossocial" (p.4). Para tal segue-se a recomendação de Bourdieu (1983) que indicou a comparação entre a**s** juventude**s**, ou seja, entre jovens com mesma idade, porém em condições juvenis diferentes, o que significa dizer de jovens em contextos distintos, porém na mesma condição de jovens.

A junção destes aspectos etário (positivista) e cultural (funcionalista) colabora para a definição da categoria social a qual abordaremos neste trabalho: a juventude e mais especificamente, a juventude paterna. Apesar desta breve e simples categorização há autores que afirmam ser, a juventude, uma categoria social de definição complexa, ou mesmo volátil (PAPPÁMIKAIL, 2010).

Uma categoria social pode ser definida como um grupo de indivíduos na mesma condição (jovens) concebido simbolicamente por outro grupo social (a sociedade como um todo) ou pelos próprios indivíduos que o compõem, para dar significado a uma série de comportamentos a eles atribuídos e por eles praticados. No nosso caso os jovens são assim concebidos pela sociedade, como um grupo de indivíduos que vivenciam um período que antecede a vida adulta, segundo a perspectiva positivista, passando pelo evento da paternidade. Portanto, buscaremos compreender estes jovens enquanto indivíduos que passaram pela paternidade na adolescência e juventude (15 a 24 anos), definindo-os, assim, como uma sub categoria social – a juventude paterna de Belo Horizonte e Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Não significa aqui, que iremos trabalhar com toda a juventude paterna de Belo Horizonte e RMBH, mas apenas com alguns jovens que se encontram nessa condição/categoria social.

Não é trivial, portanto, responder à questão: *Categoria social, fase de vida ou transitoriedade?* já que ser jovem significa um misto de experiências que se consolidam em uma identidade assumida pelo indivíduo, tão pouco que, a categorização justifique a atribuição de precocidade ao evento da fecundidade entre adolescentes e jovens. Portanto não abordaremos os jovens de forma restrita a alguma perspectiva, tão pouco simplesmente à fase etária – mesmo entendendo que esta seja importante neste trabalho –, mas o compreenderemos de modo mais amplo a partir de suas experiências e dos processos sociais que se constroem e os tornam jovens pais.

2.2 – A precocidade e a problematização do evento

Este trabalho trata a precocidade como um problema conceitual, pois leva em consideração o aspecto histórico e social da fecundidade na adolescência e juventude, considerando-se que, em épocas distintas, o evento no período da vida do qual estamos tratando foi/é tolerado, aceito e, portanto, construído socialmente. Assim, considera-se que ser adolescente e jovem é um processo, que não cabe nenhum ideal comportamental único a ser seguido e, portanto, é variável de lugar para lugar, de tempos em tempos e de indivíduo para

indivíduo. Tais considerações corroboram com a prerrogativa de que tratar os jovens como uma etapa etária pré definida problematiza a ocorrência do episódio nesse momento da vida (HEILBORN e CABRAL, 2006).

Baseado na definição de adolescência da Organização Mundial de Saúde (OMS), que a determina como o período que vai dos 10 aos 19 anos (WHO, 2001), é que o conceito de gravidez na adolescência se aplica e se amplia para uma perspectiva de precocidade indesejável. Portanto, trataremos aqui a gravidez na adolescência aquela ocorrida antes dos 20 anos completos, e a gravidez na juventude, aquela ocorrida entre os 20 e 24 anos completos.

O termo precoce tem origem na concepção de que, não apenas por questões biológicas, mas sociais, a gravidez no período etário abaixo dos 20 anos tem implicações que repercutem na vida destes indivíduos nos aspectos institucionalizados do ponto de vista do descumprimento ou do atropelamento de fases da vida esperadas para tal etapa, o que se constitui como uma "antecipação dos movimentos socialmente institucionalizados para a reprodução" (CAMARANO, 1998, p. 110).

Além da perspectiva de atropelamento de fases da vida, como, por exemplo, a escolarização dos indivíduos, os estudos reforçam as consequências que, segundo Trindade e Menandro (2002), são superestimadas e consideram apenas os prejuízos para a mãe adolescente e seu filho. As autoras reforçam a necessidade de se considerar o contexto e os valores praticados por quem vivencia a gravidez neste período. Na perspectiva da psicologia, a precocidade se dá devido ao fato de que o sujeito enfrentaria "duas crises simultaneamente: a paternidade e a adolescência" (LEVANDOWISKI e PICCININI, 2004, p. 50).

Para compreendermos melhor a razão pela qual o evento da fecundidade nesta fase da vida é visto como gerador de estigma, tabu, problema social ou como precoce, abordaremos o conceito da adolescência pela perspectiva compreensiva, que entende o período como uma etapa do desenvolvimento humano. Castro e Miranda (2007) chamam a atenção para os termos "precoce" ou "indesejada", que denotam caráter de preconceito ou negativo à vida destes indivíduos, não tomando o devido cuidado para que o evento seja assumido pelos próprios jovens de forma naturalizada.

A perspectiva compreensiva aborda questões relacionadas à afetividade dos indivíduos e transformações psicológicas pelas quais eles passam, compreendendo temas de abordagem contextual tais como uso de drogas, sexualidade e religiosidade e como estes indivíduos se relacionam com estes fenômenos (CARVALHO e PINTO, 2009). Assim, quando os autores afirmam que se trata de uma etapa do desenvolvimento humano, entendemos que há características próprias que definem e marcam as transformações ocorridas nessa etapa da vida que são mudanças biológicas, culturais e sociais. Os fatores culturais bem como os fatores sociais que determinam essas mudanças podem ser a família, a escola e o contexto em que vivem os indivíduos. Desta forma, segundo os autores, se somos uma unidade integrada, tais transformações impactam a vida dos indivíduos emocionalmente e, portanto, em seus relacionamentos interpessoais, o que colabora para a afirmação de que a adolescência é uma fase complexa. Segundo Levandowski e Piccinini (2004), a fase é concebida como complexa devido à "quantidade e qualidade de transformações biológicas, psicológicas e sociais que o indivíduo experimenta." (p. 49).

O adolescente é percebido como quem está entre a infância e a juventude, num período de indefinição e instabilidade tanto conceitual quanto de identidade, passível de dúvidas, sujeito a escolhas e decisões, entretanto, sem autonomia para tal. Vale ressaltar que a indefinição conceitual é um problema exclusivamente nosso, dos pesquisadores, pois para os sujeitos e para a sociedade não há tal indefinição.

No âmbito das relações sexuais, ele se encontra entre "a vida sexual adulta e o lugar social de dependência em elação à família que lhes confere uma condição infantil" de dependência (KEHL, 2004 *apud* CASTRO e MIRANDA, 2007, p. 106). Assim a adolescência é compreendida como um momento de insegurança quanto ao futuro, de instabilidade quanto à afetividade, de questionamentos quanto às normas sociais e de descobertas no âmbito da sexualidade. Todas essas situações condicionam os indivíduos que estão nessa fase da vida a viver, segundo o que muitos autores consideram, um período de conflito e de crises (UTIAMADA, 2010).

Quanto às mudanças biológicas, há fortes variações hormonais e físicas que demandam atenção para compreensão do comportamento do adolescente,

que desenvolve a percepção de si mesmo, no que diz respeito à sua imagem corporal e ao seu corpo, dado que neste período observa-se o surgimento de características sexuais secundárias que irão modificar a percepção de sua autoimagem e suas capacidades reprodutoras (LEWANDOWSKI e PICCININI, 2004). Esta perspectiva corrobora com a concepção de sexualidade definida em Heilborn (1999), de que a mesma “refere-se à construção histórica, na modernidade, de uma dimensão interna aos sujeitos profundamente imbricada num modelo particular de construção da pessoa” (p. 40). Ou seja, é variável de sujeito para sujeito, e, segundo a autora, é muito mais um resultado de processos sociais que psicológicos, já que é determinado pelo “valor que a sexualidade ocupa em determinados nichos sociais e nos roteiros específicos de socialização com que as pessoas se deparam” (p. 40). Tanto é que, segundo Loyola (1999), os estudos sobre sexualidade ampliaram-se significativamente após o surgimento da Aids, sobre a prerrogativa puramente comportamental e de práticas sexuais.

Em relação às mudanças culturais e sociais observadas entre os adolescentes, há uma expectativa, que varia segundo contextos, depositada por parte da família, da sociedade e de seus pares, quanto às suas responsabilidades e aquisição de novas competências, direitos e deveres. Poder dirigir, concluir os estudos, casar-se ou ingressar no mercado de trabalho formal fazem com que esses indivíduos reflitam mais sobre suas relações interpessoais e sobre si mesmos. Dessa forma, atesta-se que a construção da identidade do indivíduo é um processo que envolve não só ele, mas outras pessoas que o cercam, e, portanto, é interpessoal, o que vai justificar as mudanças de relações destes com os outros.

Neste cenário entra a questão da referência grupal, onde o adolescente se ampara devido às suas relações ‘afetadas’ ou desestabilizadas consequentes das mudanças provocadas em seu corpo e, também, as psíquicas, resultados em alguns casos, da primeira. Essa referência atua como um elemento de apoio no sentido que o adolescente se une àqueles com quem percebe maior afinidade e semelhança, que passam pela mesma situação, definindo, portanto, a condição de adolescentes, da mesma forma em que se define a condição juvenil que tratamos anteriormente. Entretanto, mesmo que a referência grupal sirva de apoio, ela pode também, servir para que o

adolescente questione os novos valores e regras impostas pelos pares ou sociedade, fazendo com que o mesmo se posicione e se encoraje frente aos seus questionamentos, assumindo tais responsabilidades e escolhas que nesse momento serão feitas.

Sob essa premissa de que o adolescente assume responsabilidades sobre as escolhas que se faz, ou sob a premissa de que a sociedade espera que ele assuma, é que de forma quase que generalizada, a fecundidade na adolescência tem sido tratada como prejuízo, indesejada ou não planejada pelos jovens/adolescentes por diversos autores, sejam da área da saúde, da psicologia, ou demais áreas. Isso ocorre pelo fato de que se espera de um adolescente ou jovem que se conclua determinadas etapas antes que se assumam novas responsabilidades esperadas para a fase posterior: a vida adulta.

Assim, espera-se que o jovem cumpra etapas socialmente institucionalizadas como concluir os estudos, em primeiro lugar; depois, preparar-se para o mercado de trabalho conquistando sua autonomia e independência financeira; em seguida, sair de casa; casar-se ou unir-se a alguém; para só então (e finalmente) ter filhos. Entretanto, como mencionado anteriormente, a juventude não segue um padrão único para todos os que estão nesta fase etária da vida, logo é vivenciada de formas variadas. Assim, o jovem pode postergar ou antecipar os eventos desta etapa para transitar à vida adulta (CEPESC, 2009) sem maiores constrangimentos.

A discussão acerca da transição para a vida adulta traz à tona uma aproximação da resposta para o modo como a fecundidade na adolescência tem sido abordada sob a perspectiva de problema social ou precocidade. Mesmo que, segundo Cabral (2009) a lógica do controle da gravidez na adolescência adotada por políticas de planejamento não remeta à “ótica de uma responsabilização individual” (pág. 322), mas sim a de um comportamento sexual contraceptivo fora daquilo que se espera para uma população como um todo, a gravidez nesse período da vida de um indivíduo é vista como prejudicial por estar rompendo com um ciclo de vida ideal que se espera que se cumpra.

O transtorno na vida dos jovens é, em muitos estudos, o primeiro plano abordado. Segundo Cabral (2005) nos estudos que reforçam os aspectos indesejados da gravidez na adolescência mencionam, principalmente, os

fatores de incapacidade fisiológica das jovens mães, que repercutem na formação do filho e de imaturidade psíquica destas, que provoca descuido com a criança. A queda da idade média à menarca e da primeira relação sexual também aparecem associadas à gravidez na adolescência e prevalecem nestes estudos. Além destes fatores, o pertencimento a determinada classe social e a falta de escolaridade sugerem explicar o fenômeno da gravidez na adolescência. Ou seja, muitos estudos não consideram as diferenças de classe, gênero e contexto no qual o fenômeno ocorre, restringindo-se em estudos que focam nas mulheres, pobres, mães, jovens e adolescentes.

Segundo Rodriguez (2005) ainda que pertinente, as evidências de que há uma interrupção nos estudos com o evento da fecundidade não são conclusivas de que a causa é a fecundidade, havendo um grande debate sobre a decisão de interrupção dos estudos tomada previamente à paternidade e maternidade. O autor aponta estudos realizados que permeiam o debate, citando um dos principais que é a "Tercera Ecuesta de Juventud, donde solo um 10% de los jóvenes que no estudia declara que la causa es la maternidade/embarazo". (RODRIGUEZ, 2005 p. 136; CEPESC, 2009). O autor reforça a necessidade de se trabalhar com a noção de trajetória educativa para melhor aplicação analítica e maior aproximação da relação entre interrupção dos estudos e fecundidade. Tal perspectiva parte do pressuposto de que "hay uma trayectoria "normal" según la cual se espera que a uma determinada edad la persona haya llegado a um cierto grado escolar." (pág. 136).

Olveira *et al* (2006) em um estudo baseado na Pesquisa sobre Padrões de Vida (PPV), realizada nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil, em 1996 e 1997 concluíram que ter o primeiro filho não representou o principal motivo para a saída da escola, já que o risco de deixar a escola para mulheres que já tiveram o primeiro filho foi de apenas 0,9%, sendo que que tal decisão (ter o primeiro filho) sucede a saída da escola e a entrada no mercado de trabalho. Além disso, os autores identificaram que cada ano a mais de escolaridade, controlando por demais variáveis, reduz em 2,2% o risco das mulheres terem filhos. Ademais, os autores identificaram que o evento da entrada no mercado de trabalho também precede à decisão de ter filhos para aquelas mulheres entrevistadas na PPV. De uma maioria de mulheres que entrou no mercado de

trabalho até 15 anos (46,18%), 28,22% tiveram filhos até os 24 anos (não foi informada a idade mínima de ter tido filho).

Um trabalho que procurou investigar sobre como as desigualdades de classe e de gênero influenciam no comportamento sexual e reprodutivo de adolescentes e jovens do sexo feminino, entre 15 e 24 anos, de classe média e baixa em Belo Horizonte, traz resultados interessantes. Chacham *et al* (2012) identificaram, em uma amostra de 648 adolescentes e jovens, onde 292 eram residentes de bairros de classe média e 356, de favelas, que entre as mulheres de classe média, quase a totalidade (98%) ainda estava estudando, enquanto entre as residentes em favelas, mais de 30% já haviam interrompido os estudos e, entre estas, algumas afirmaram que pararam de estudar independente da gravidez. O estudo apontou que as mulheres de classe média alcançam maior escolaridade em comparação com as residentes de favelas, afirmando que “o ensino médio é o limite da escolarização das moradoras das favelas” (p. 394), pois entre as de 15 a 19 anos apenas 7% haviam concluído o ensino médio, contra 44% das residentes em bairros de classe média. Já entre as de 20 a 24 anos residentes de favelas, apenas 3,3% cursavam nível superior, contra 70% das de classe média que estavam cursando ou já tinha concluído.

A discussão sobre a entrada no mercado de trabalho e saída da escola, relacionadas à fecundidade na adolescência e juventude, permeia a questão de gênero, já que segundo Oliveira *et al* (2006) “enquanto a escola e trabalho podem ser mais importantes para os homens, as mulheres têm maior preocupação com a escola e a maternidade” (p. 110). Por isso, seria mais interessante se tivéssemos estudos que avaliassem a relação dos eventos acima comparando homens e mulheres.

Além disso, há uma exposição midiática excessiva que qualifica a gravidez na adolescência como precoce e indesejada, surgindo como justificativa para enquadrar o evento como um problema social, fundamentado na lógica médica e epidemiológica que se mobiliza, então, em coibir a gravidez neste período do ciclo de vida (CABRAL, 2009). Imagens de pais brigando com os filhos adolescentes/jovens, de susto, de decepção, desespero, medo e surpresa por parte dos envolvidos são frequentes em uma simples busca na internet e representam o rompimento com o vínculo familiar (pais brigando com

os filhos) e a pergunta que se coloca: “E agora, o que vai ser da minha vida?” (para cenas de susto, decepção, desespero, medo e surpresa).

Assim, os termos “precoce”, “indesejada” ou “não planejada” buscam representar a interrupção de fases do ciclo de vida, sobretudo o abandono dos estudos, enfatizando a entrada no mercado de trabalho precário devido à baixa escolaridade. Entretanto não enfatizam a superação desta nova etapa: a entrada no mercado de trabalho, que mesmo precário, diz muito sobre a formação dos indivíduos enquanto pais ou mães e como cidadãos inseridos num determinado contexto. E, portanto, não buscam responder se a carreira profissional e educacional destes jovens teria sido diferente caso não fossem pais antecipadamente. Além disso, sequer mencionam outros aspectos de superação, como por exemplo, o abandono da criminalidade, ou mesmo, o aspecto do planejamento da fecundidade entre essa população, que sim, ocorre em casos atípicos.

O próximo capítulo trata das medidas de fecundidade utilizadas pela demografia. Além disso, apresenta um panorama da fecundidade no Brasil ao longo das últimas décadas.

3 – MEDIDAS DE FECUNDIDADE

O capítulo 3 apresenta o comportamento das Taxas de Fecundidade Total e Específicas (femininas) nos grupos de 15 a 19 anos (adolescentes) e de 20 a 24 anos (jovens) ao longo dos quatro últimos Censos Populacionais do Brasil. Torna-se necessário falar da fecundidade feminina, pois não se tem dados da fecundidade masculina, corroborando, portanto, a necessidade para tal. Em seguida passaremos a uma breve discussão sobre a fecundidade masculina e as razões pelas quais esta não é calculada, para então tratarmos da parentalidade na adolescência e juventude.

3.1 – A contribuição das Taxas Específicas de Fecundidade (TEF) na Taxa de Fecundidade Total (TFT)

A TFT (Taxa de Fecundidade Total) refere-se ao cálculo do número total de filhos que uma mulher teria ao final de seu período reprodutivo, limitado para os grupos de idade entre 15 e 49 anos, e dada pela soma das TEFs (Taxas Específicas de Fecundidade). A TEF refere-se, portanto, ao número total de filhos que uma mulher de um determinado grupo etário (em geral, estabelecido quinquenalmente) teria e é dada pelo número de nascidos vivos de mães dentro de um grupo etário dividido pelo total de mulheres neste mesmo grupo etário. Portanto, o valor da TEF, seja ele alto ou baixo, tem um determinado peso na TFT. A fórmula das duas taxas é dada abaixo:

Taxa de Fecundidade Total – TFT

$$TFT_j = 5\sum_x TEF \quad (1)$$

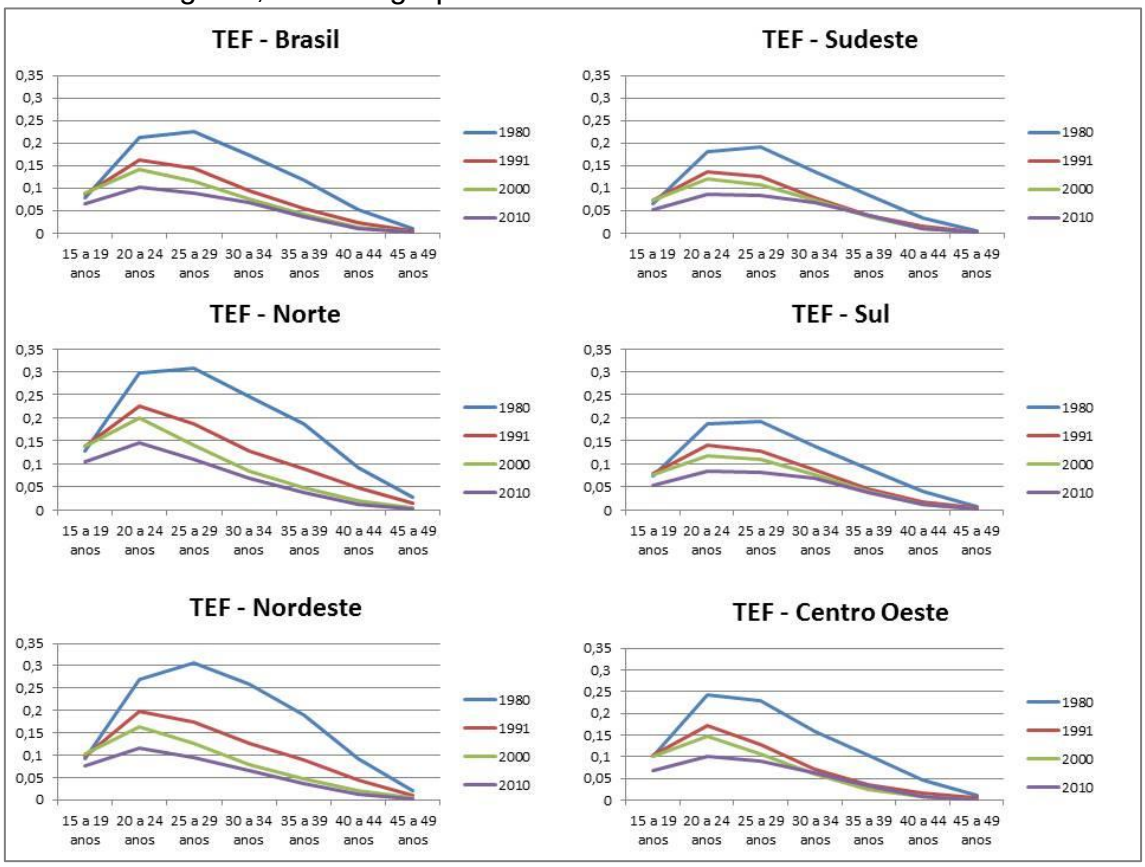
Taxa Específica de Fecundidade - TEF

$${}_nTEF_{x,j} = \frac{{}_nN_{x,j}}{{}_nQ_{x,f,j}} \quad (2)$$

Onde ${}_nN_{x,j}$ é o número de nascidos vivos no ano determinado, em um grupo etário e ${}_nQ_{x,f,j}$ é a população do mesmo grupo etário.

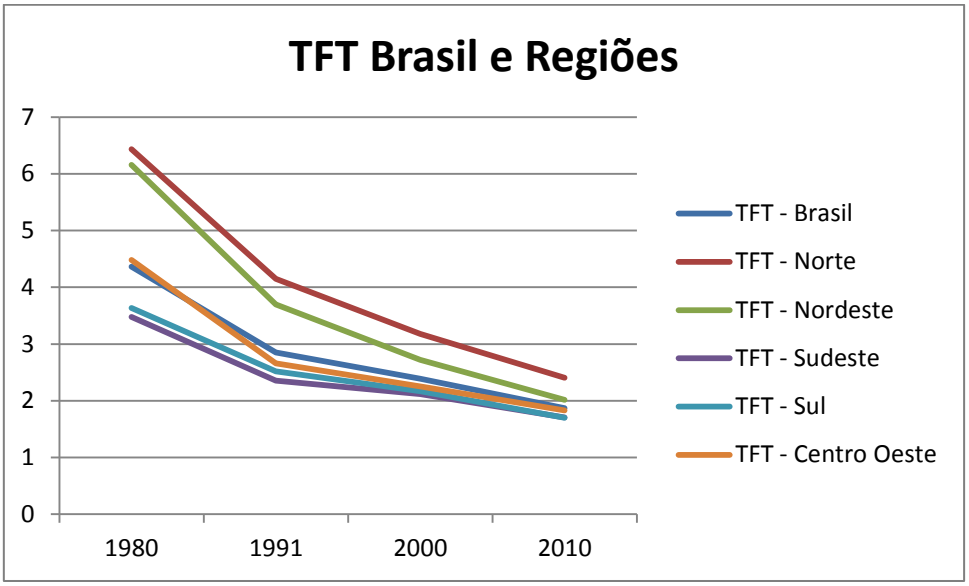
Estas taxas podem ser vistas no Quadro 2 e no Gráfico X abaixo, que apresentam, para o Brasil e para as grandes regiões, o comportamento das TEF e TFT ao longo dos anos.

Quadro 1 – Taxas Específicas de Fecundidade, segundo as Grandes Regiões, Brasil e grupos de idade das mulheres - 1980/2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos.

Gráfico 1 – Taxas de Fecundidade Total, segundo as Grandes Regiões e Brasil - 1980/2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos.

É notório que as taxas específicas das adolescentes de 15 a 19 anos das grandes regiões Nordeste, Sul e Sudeste têm um comportamento aproximado com o que se observa para o Brasil no período em análise. A região Norte apresenta um valor acima do que o observado para o Brasil e a região Centro Oeste, apresenta maiores discrepâncias. Já a TEF das jovens de 20 a 24 anos, apresentam maiores diferenças quando comparada a do Brasil. Para todos os anos em análise, apenas as regiões Sul e Sudeste tem valores aproximados com o observado no Brasil. No ano de 1980, as demais regiões têm suas TEF entre as jovens maiores do que o valor dado para o Brasil.

Além disso, se olharmos os dados detalhadamente (Tabela 1 e Quadro 2) observamos que a fecundidade entre as adolescentes (15 a 19 anos) do Nordeste e Sudeste manteve um padrão de ligeiro aumento verificado até o ano 2000, com queda evidenciada apenas em 2010. Entre as adolescentes do Norte, Sul e Centro Oeste, o crescimento se manteve até 1990, com queda evidenciada, mesmo que pequena, já em 2000. Entretanto, se olharmos para os dados do Brasil, de modo generalizado, a taxa para este grupo mantém um padrão de crescimento até 2000, apresentando queda brusca em 2010, representando 26,69% de queda neste ano em relação ao ano de 2000. Tal qual ocorre para o Brasil (queda em 2010), ocorre em todas as grandes regiões, sendo que a maior queda é percebida na região Centro Oeste, com

32,59% em relação ao ano 2000. O Norte e Nordeste foram as regiões com menor percentual de queda da fecundidade entre o grupo das adolescentes, de 24,5% e 25%, respectivamente.

Tabela 1 - Taxas Específicas de Fecundidade, segundo as Grandes Regiões, Brasil e grupos de idade das mulheres - 1980/2010

Idade/Período	1980	1991	2000	2010
Brasil				
15 a 19 anos	0,0797	0,0874	0,0901	0,0661
20 a 24 anos	0,2130	0,1618	0,1402	0,1010
25 a 29 anos	0,2260	0,1429	0,1158	0,0896
30 a 34 anos	0,1730	0,0941	0,0752	0,0672
35 a 39 anos	0,1170	0,0545	0,0404	0,0370
40 a 44 anos	0,0526	0,0243	0,0133	0,0111
45 a 49 anos	0,0108	0,0056	0,0021	0,0017
TFT	**4,3605**	**2,8530**	**2,3857**	**1,8686**
Norte				
15 a 19 anos	0,1286	0,1389	0,1378	0,1039
20 a 24 anos	0,2978	0,2268	0,2000	0,1457
25 a 29 anos	0,3082	0,1877	0,1409	0,1111
30 a 34 anos	0,2466	0,1269	0,0831	0,0675
35 a 39 anos	0,1866	0,0884	0,0487	0,0371
40 a 44 anos	0,0925	0,0478	0,0203	0,0123
45 a 49 anos	0,0266	0,0138	0,0044	0,0030
TFT	**6,4345**	**4,1500**	**3,1769**	**2,4038**
Nordeste				
15 a 19 anos	0,0917	0,0967	0,1027	0,0770
20 a 24 anos	0,2697	0,1972	0,1630	0,1147
25 a 29 anos	0,3062	0,1753	0,1271	0,0954
30 a 34 anos	0,2585	0,1274	0,0799	0,0663
35 a 39 anos	0,1912	0,0882	0,0482	0,0356
40 a 44 anos	0,0929	0,0440	0,0197	0,0120
45 a 49 anos	0,0209	0,0111	0,0039	0,0025
TFT	**6,1555**	**3,6995**	**2,7227**	**2,0174**
Sudeste				
15 a 19 anos	0,0663	0,0719	0,0731	0,0526
20 a 24 anos	0,1797	0,1363	0,1192	0,0865
25 a 29 anos	0,1903	0,1261	0,1085	0,0835
30 a 34 anos	0,1371	0,0786	0,0733	0,0676
35 a 39 anos	0,0833	0,0398	0,0373	0,0380
40 a 44 anos	0,0333	0,0150	0,0104	0,0109
45 a 49 anos	0,0059	0,0029	0,0012	0,0013
TFT	**3,4795**	**2,3530**	**2,1147**	**1,7026**

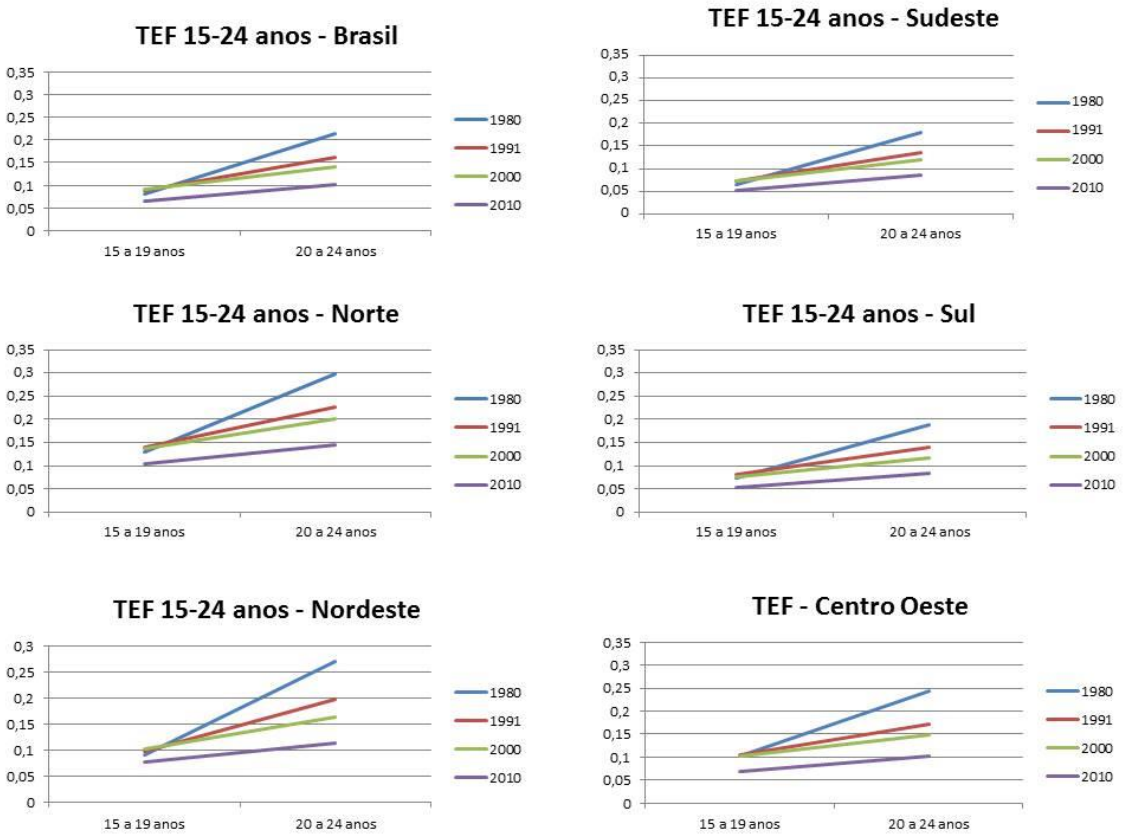
Continua

Continuação

Idade/Período	1980	1991	2000	2010
Sul				
15 a 19 anos	0,0737	0,0803	0,0763	0,0532
20 a 24 anos	0,1880	0,1396	0,1179	0,0837
25 a 29 anos	0,1910	0,1281	0,1087	0,0823
30 a 34 anos	0,1382	0,0872	0,0766	0,0696
35 a 39 anos	0,0888	0,0463	0,0403	0,0386
40 a 44 anos	0,0395	0,0185	0,0122	0,0114
45 a 49 anos	0,0076	0,0035	0,0013	0,0010
TFT	**3,6340**	**2,5175**	**2,1663**	**1,6994**
Centro-Oeste				
15 a 19 anos	0,1013	0,1050	0,1010	0,0681
20 a 24 anos	0,2436	0,1726	0,1482	0,1025
25 a 29 anos	0,2299	0,1275	0,1057	0,0890
30 a 34 anos	0,1576	0,0709	0,0604	0,0638
35 a 39 anos	0,1038	0,0346	0,0262	0,0328
40 a 44 anos	0,0481	0,0166	0,0078	0,0076
45 a 49 anos	0,0124	0,0046	0,0016	0,0018
TFT	**4,4835**	**2,6590**	**2,2545**	**1,8280**

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1980-1991, Projeções da População/IBGE.

Quadro 2 - Taxas específicas de fecundidade entre adolescentes e jovens, segundo as Grandes Regiões, Brasil - 1980/2010



Ao contrário do que acontece no grupo das adolescentes, a TEF entre as jovens (20 a 24 anos) é de queda constante em todas as grandes regiões, bem como para o país, observada desde 1980. Ao olharmos para a TFT do Brasil e grandes regiões, observamos um cenário de queda generalizada, mas chama a atenção os valores das regiões Norte e Nordeste, os quais eram os maiores em 1980, com percentuais de queda de 35,5% e 39,8%, respectivamente do ano 1980 para 1991. Entretanto, não foram nestas regiões que ocorreram os maiores percentuais de queda, e sim, na região Centro Oeste (assim como ocorre para a TEF entre as adolescentes), que obteve 40,6% de queda em 1991 em relação a 1980. Já em 2000, os maiores percentuais de queda da TFT se deram nas regiões Norte e Nordeste, 23,4% e 26,4%, respectivamente, em relação ao ano de 1991. Em 2010, as maiores quedas também foram observadas nestas regiões, com 24,3% no Norte e 25,9%, no Nordeste, em relação ao ano 2000.

A Tabela 2 a seguir, apresenta os percentuais de queda da fecundidade para os grupos de interesse deste trabalho.

Tabela 2 - Percentual de queda da Taxa Específica de Fecundidade entre 15 e 24 anos e Taxa de Fecundidade Total, no Brasil e Grandes Regiões, 1980/2010 (%)

Idade/Período	1980/1991	1991/2000	2000/2010
Brasil			
15 a 19 anos	-9,66	-3,14	26,69
20 a 24 anos	24,04	13,33	27,94
TFT	**34,57**	**16,38**	**21,68**
Norte			
15 a 19 anos	-8,01	0,79	24,59
20 a 24 anos	23,84	11,81	27,13
TFT	**35,50**	**23,45**	**24,34**
Nordeste			
15 a 19 anos	-5,45	-6,24	25,06
20 a 24 anos	26,88	17,32	29,68
TFT	**39,90**	**26,40**	**25,91**
Sudeste			
15 a 19 anos	-8,45	-1,66	27,98
20 a 24 anos	24,15	12,52	27,45
TFT	**32,38**	**10,13**	**19,49**
Sul			
15 a 19 anos	-8,96	5,04	30,26
20 a 24 anos	25,74	15,55	28,98
TFT	**30,72**	**13,95**	**21,55**
Centro-Oeste			
15 a 19 anos	-3,65	3,79	32,59
20 a 24 anos	29,15	14,15	30,80
TFT	**40,69**	**15,21**	**18,92**

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IBGE, Censos Demográficos

A Tabela 3mostra os percentuais de participação das TEF dos grupos de interesse sobre a TFT. É interessante observar que mesmo que o percentual de participação da TEF das adolescentes sobre a TFT aumente ao longo dos anos, caindo apenas em 2010, há quem julgue que a participação das adolescentes ainda permanece alta (Síntese de Indicadores Sociais, 2015; BERQUÓ e CAVENAGHI, 2014). Vale também ressaltar que o peso da participação das jovens de 20 a 24 anos é maior em todos os anos, pois entre estes dois grupos, a maior ocorrência de gravidez é no grupo de 20 a 24 anos.

Tabela 3 - Percentual da participação da Taxa Específica de Fecundidade das mulheres de 15 a 24 anos na TFT, segundo as Grandes Regiões, Brasil - 1980/2014 (%)

Idade/Período	1980	1991	2000	2010	2014
Brasil					
15 a 19 anos	9,14	15,32	18,89	17,68	17,40
20 a 24 anos	24,42	28,36	29,39	27,04	26,40
Norte					
15 a 19 anos	9,99	16,73	21,69	21,62	21,70
20 a 24 anos	23,14	27,33	31,48	30,32	30,00
Nordeste					
15 a 19 anos	7,45	13,07	18,87	19,08	19,10
20 a 24 anos	21,91	26,65	29,94	28,42	28,00
Sudeste					
15 a 19 anos	9,53	15,28	17,28	15,46	15,10
20 a 24 anos	25,82	28,96	28,19	25,40	24,80
Sul					
15 a 19 anos	10,14	15,95	17,60	15,65	15,30
20 a 24 anos	25,87	27,73	27,21	24,64	24,10
Centro-Oeste					
15 a 19 anos	11,30	19,74	22,41	18,63	17,50
20 a 24 anos	27,17	32,46	32,86	28,05	26,6

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IBGE, Censos Demográficos e Síntese de Indicadores Sociais 2015.

Nas Regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste, observa-se um aumento da participação das jovens na TFT de 1980 até 2000, quando então começa a diminuir. Já nas regiões Sudeste e Sul o aumento da participação deste grupo é observado somente até 1991, quando então começa a cair.

É curioso, também, observar o aumento expressivo da participação das adolescentes na TFT observado em 1991, relativo ao ano de 1980. Nos outros anos, essa participação aumenta, porém de forma menos expressiva como o observado em 1991, diminuindo apenas em 2010, exceto no Nordeste, que continua aumentando.

O rejuvenescimento da fecundidade tratado aqui, bem como nos estudos sobre o tema, abordam apenas a questão da fecundidade feminina, restringindo-se ainda mais a abordagem sobre os homens na fecundidade. Portanto, além do tema da fecundidade na adolescência e juventude ser tratado majoritariamente na perspectiva feminina, uma de suas especificidades importantes na demografia – o rejuvenescimento – também é abordada da mesma forma. Mesmo que não há taxas para discutir o possível

rejuvenescimento entre os homens, pesquisas de cunho qualitativo poderiam ser desenvolvidas para compreender o comportamento, interesses, opiniões e escolhas em ter filhos mais jovens.

Berquó e Cavenaghi (2004) abordaram o rejuvenescimento da fecundidade destacando a redução das TEF em todos os grupos etários, exceto no grupo de 15 a 19 anos, entre o período de 1980 e 2000. As autoras identificaram uma participação da TEF entre as adolescentes na TFT que saltou dos 9% em 1980, para 19%, em 2000, o que vale dizer que, naquela época, cerca de um em cada cinco nascidos vivos era filho de mãe adolescente. Mais recentemente, a participação da fecundidade entre as adolescentes na TFT cai para 17,6% em 2010 e 17,4% em 2014.

Com base nos pesos da TEF entre as adolescentes na TFT, Rios-Neto (2005) discute o cenário preocupante dos níveis de reposição populacional, o que significa dizer que, dada a baixa TFT e alta contribuição da TEF das adolescentes na TFT, “não se trata de manter a fecundidade das jovens [adolescentes] brasileiras no patamar corrente, para se evitar uma grande queda da fecundidade abaixo da reposição”, mas pensar políticas de longo prazo para minimizar a consequência da queda da TFT (p. 373), demonstrando a preocupação dos estudiosos no contexto de queda de fecundidade e consideração com o papel das adolescentes nesse contexto.

Fatores como idade à primeira relação sexual são apontados como importantes para a ocorrência da gravidez na adolescência (SIMÃO *et al*, 2006). Além disso, a dissociação de sexualidade e reprodução e sexualidade e nupcialidade fez com que novos padrões de família e de comportamento sexual fossem assimilados e praticados, tornando a gravidez na adolescência um fato mais ocorrente (CAMARANO *et al*, 2009; COUTINHO e MIRANDA-RIBEIRO, 2014) e, com isso, a relativização da virgindade (FONTOURA e PINHEIRO, 2009). Miranda-Ribeiro e Coutinho (2014) identificaram que as mulheres têm iniciado a vida sexual cada vez mais cedo, com registro de queda da idade mediana à primeira relação sexual de 19,5 para 17 anos a partir dos dados das PNDS 1996 e 2006, respectivamente.

Berquó e Cavenaghi (2014) evidenciaram, mais recentemente, a paralização do rejuvenescimento da fecundidade, uma vez que, no grupo das adolescentes de 15 a 19 anos, houve queda do número de nascimentos,

passando de 93 a cada mil mulheres em 2000, para 71 a cada mil mulheres em 2010. Mesmo assim, segundo as autoras, a taxa de fecundidade neste grupo ainda permanece alta.

A queda observada na TEF entre as adolescentes ainda não estimulou grandemente a produção de trabalhos, mas tem sido tema de debate na agenda de políticas para a juventude. Interessa-nos mais fortemente que os estudos abordem, também, o comportamento da fecundidade entre homens adolescentes e jovens, para que as taxas femininas sejam melhor compreendidas a partir da perspectiva destes e para que compreendamos o fenômeno em uma visão mais ampla e menos estigmatizada.

3.3 – Fecundidade masculina

Tradicionalmente, as taxas de fecundidade são construídas considerando as informações da mãe/mulher justificando-se, segundo perspectiva já consolidada da demografia que a "fertility analysis is more complex than mortality analysis in several respects. First, human fertility involves two individuals of opposite sexes" (PRESTON *et al*, 2001, p. 92). Estas dificuldades são sanadas na demografia pelo relato de nascimentos dado apenas por um indivíduo, "traditionally the mother" (p. 92), refletindo o fato de que os dados de nascimento são mais comumente disponíveis para as mães. Com isso, reforça-se a associação frequente que se faz de fecundidade e maternidade, dificultando a mudança de paradigma (WATKINS, 1993).

Preston *et al* (2001) apontam a complexidade do fenômeno da fecundidade pela limitação fisiológica (fertilidade), afirmando que nem todos os indivíduos de uma população são capazes, ou estão sujeitos ao risco de se reproduzirem (terem filhos). Além disso, por se tratar de fecundidade feminina, e, portanto, as mulheres terem um período fértil limitado entre a menarca e a menopausa, os autores definem a idade como um importante dimensionamento para a análise da fecundidade ser facilitada.

Além de melhor precisão fisiológica, os autores apontam a atividade sexual, concebida a partir de uma determinada idade, e o casamento, atrelado a esta atividade, como determinantes para que ocorra um nascimento. E mais

ainda, afirmam que a “analisys is usually made more precise by considering separately in-wedlock and out-of-wedlock births” (p. 93), carregados de conservadorismo, justificando uma melhor definição analítica.

Certamente, toda a discussão que os autores fazem sobre a complexidade da análise da fecundidade (em um contexto didático) é plausível, já que se trata de demonstração das técnicas de mensuração da mesma, e, portanto, os autores apresentam todas as técnicas possíveis de mensuração da fecundidade a partir da seguinte definição: “Fertility rates relate the number of births in a population during a period of time to some measure of exposure.” (p.93).

As razões pelas quais não se mede a fecundidade masculina são, fundamentalmente, expostas a partir do esforço de Zhang (2011). São eles os fatores biológicos, metodológicos, teóricos e sociológicos.

Quanto ao aspecto biológico, sabemos que as mulheres têm seu período reprodutivo mais facilmente identificável (puberdade, menopausa, duração da gravidez, amamentação), o que a condiciona a uma restrição biológica já conhecida e consolidada em várias áreas da ciência. Como consequência disso, a fecundidade feminina é frequentemente estudada por sociólogos e demógrafos com o argumento de que as medidas de fecundidade feminina são as melhores para indicar o fenômeno.

O segundo aspecto (fatores metodológicos) diz respeito à não evidência do homem nos estudos de fecundidade e está associado à metodologia, em todas as etapas. Do ponto de vista da coleta dos dados, aborda-se, na maioria das vezes, as mulheres que estão em casa e respondem às entrevistas. Além disso, confia-se à elas a credibilidade de que as informações serão mais precisas, já que as mesmas vivenciam diretamente os eventos reprodutivos (gravidez e nascimentos). Ademais o modelo clássico de estimativa da fecundidade é o modelo de um só sexo. Como um exemplo clássico temos o modelo de populações estáveis que nos permite analisar as implicações ao longo prazo da manutenção dos padrões demográficos correntes (mortalidade, fecundidade). Tal modelo considera apenas as TEF e TEM feminina. Segundo Wood *apud* Zhang (2011) o uso do modelo de um sexo torna-se uma questão de convenção. Está dado, consolidado e pré-definido que os dados para cálculo das taxas são referentes à fecundidade feminina.

Um terceiro aspecto diz respeito à tradição teórica da demografia. Entre as teorias que explicam as mudanças na fecundidade, poucas levam em consideração ou incluem os homens. São representativas destas teorias as seguintes: teoria da transição demográfica, teoria política e econômica, teoria da difusão. Nenhuma considera o valor do filho para o pai, e sim para a família, não consideram as decisões do pai sobre a fecundidade e não consideram, por fim, as mudanças sociais relativas ao cumprimento do papel do homem dentro do domicílio (ZHANG, 2011).

Além da tradição propriamente dita demográfica, a tradição dos estudos, de modo mais geral nos levam a compreender o fenômeno da fecundidade na adolescência como algo inerente apenas às mulheres que passam por esse processo. Para mencionar bem poucos estudos, alguns reforçam as causas socioeconômicas que provocam a gravidez na adolescência (BASSI, 2008), outros dizem respeito a contracepção (LONGO, 2002) e outros à autonomia e empoderamento feminino (CHACHAM, *et al* 2012).

E por fim, nas abordagens sociológicas tradicionais, os estudos de família, por exemplo, reforçam os papeis do homem e da mulher no domicílio, onde os homens aparecem, principalmente, como chefes de famílias. Além disso, eles são regularmente descritos como os que trabalham fora, para prover bens, e as mulheres, como as responsáveis pelos afazeres domésticos e com as crianças (WATKINS, 1993).

Contudo, este trabalho não pretende estabelecer uma fórmula para mensuração da taxa de fecundidade masculina, - como assim o fez Zhang (2011) -, mas apenas instigar pesquisadores da área para tal discussão. Falar da fecundidade masculina implica em falar de uma série de fatores que envolvam o homem em atividades ou assuntos que, por ora são tratados apenas como assuntos femininos ou são considerados apenas pela perspectiva das mulheres (MEDRADO e LYRA, 1999). O que vale dizer que não falar dos pais, dos homens, do masculino no que diz respeito à fecundidade é o equivalente a não considerá-los em um lugar que eles possam ocupar ou, conforme afirmou Lyra (1997), é a constituição de um não lugar na sociedade brasileira, evidenciado pela falta de informação sobre os mesmos em instituições que trabalham com adolescentes. O autor afirmou esta questão no contexto de ausência de informações sobre pais adolescentes e jovens em

instituições que trabalhem com adolescentes, indicando uma realidade de incoerência e negligência com tal população[1].

Além disso, Lyra (1997) identificou o não lugar na sociedade brasileira por parte dos pais adolescentes, fundamentalmente devido à "o filho ser considerado como da mãe e o adolescente ser percebido apenas como filho." (p. 104), reforçando a tradição dos estudos sob esta lógica, e propondo uma metodologia de implantação de espaços que acolham, eduquem que conscientizem os pais, fundamentalmente, os adolescentes, dando visibilidade ao homem, pai, adolescente.

A maioria dos estudos identificados por Zhang (2011) trata a fecundidade masculina na perspectiva biológica ou médica, discutindo questões como fatores biológicos, comportamentais e naturais que afetam a reprodução masculina ou a saúde reprodutiva, métodos contraceptivos masculinos e causas de infertilidade. Entretanto a autora salienta que dentre os estudos que tem sido feito no campo da demografia e sociologia com base nos dados da Demographic and Health Surveys (DHS), alguns abordam sobre o papel do homem na redução da fecundidade e no planejamento familiar em alguns países da África, citando vários autores (Lamptey, Nicholas, Ofosu-Amaah e Lourie, 1978; Maharaj, 2001; Petr-Nustas, 1999).

Estudos importantes citados por ela demonstram que, em alguns países da África, os homens têm grandes conhecimentos em métodos contraceptivos e são muito envolvidos no planejamento familiar e tem um papel decisivo na tomada de decisão em ter filhos. Além disso, as pesquisas mostram que, em países como Ghana, Kenya, Nigéria, Sudão e Zâmbia, de tradições patriarcais e famílias com fortes laços, as motivações masculinas influenciam as femininas sobre adotar o planejamento familiar e sobre a quantidade de filhos que o casal terá. Segundo Zhang (2011) "men's motivations of contraceptive use and their fertility preferences eclipse those of their wives." (p. 12). O que chama a atenção, já que o desejo masculino é o que prevalece e o que mensuramos é dado pelo desejo feminino, omitido neste caso por questões de imposições culturais, as quais prevalecem a decisão masculina. A autora reforça, por meio de outro estudo, que a fecundidade realizada pode até ser a mesma entre

[1] Para sanar ou minimizar o problema houve a criação do Instituto Papai, em 1997 como uma Organização Não-Governamental.

homens e mulheres, entretanto, a fecundidade desejada é diferente (Mott e Mott,'s, 1985 *apud* Zhang, 2011). Os mesmos autores, citados por Zhang (2011) afirmam que em um estudo na Nigéria, onde entrevistaram alguns casais selecionados, identificaram que o desejo de ter filhos entre o casal é diferente se o esposo é poligâmico ou monogâmico. Ou seja, homens que vivem em poligamia desejam menos filhos que suas respectivas esposas e homens monogâmicos desejam mais filhos que suas esposas.

Além dos estudos de cunho biológico e médico, há alguns estudos da área da psicologia e serviço social que procuram investigar sobre os impactos do fenômeno da vida dos jovens, tal como os de Trindade e Menandro (2002), Levandowski e Piccinini (2004) e Utiamada (2010).

Trindade e Menandro (2002), em uma abordagem qualitativa, encontraram que, entre oito jovens entrevistados (classe média e baixa), há relatos que demonstram falta de conhecimento sobre métodos contraceptivos e falta de compromisso quanto à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, bem como sobre a responsabilidade da gravidez atribuída às parceiras. Além disso, identificaram as reações no momento em que os jovens souberam da notícia da gravidez destacando que a mesma "causou abalo e choque" (p. 18) em três, dos oito jovens entrevistados, bem como reações de "revolta, medo e vergonha" (p. 18), sendo que apenas dois entrevistados afirmaram se sentirem alegres pela notícia.

Sobre as mudanças provocadas pela gravidez na vida dos jovens, as autoras identificaram alterações tanto negativas quanto positivas, a saber: as mudanças negativas referem-se, para os jovens de classe baixa, à mudanças nos planos, pois pretendiam se manter no Exército após o ingresso no serviço militar; já para os de classe média, a mudança nos planos se refere aos estudos, pois pretendiam entrar no ensino superior e ingressarem-se no mercado de trabalho mais tardiamente. Além disso os jovens declaram a perda de liberdade como um aspecto negativo após o filho. As mudanças positivas referem-se ao aumento da responsabilidade, ao amadurecimento e melhor relacionamento com o filho.

Outro resultado apresentado pelas autoras diz respeito ao significado da paternidade e maternidade na perspectiva dos pais entrevistados. Sustento como consequência do trabalho é o primeiro aspecto levantado no estudo.

Presença, educação, acompanhamento, carinho, amor e atenção foram outras questões apresentadas pelos entrevistados. Já o significado da maternidade é dado pelo cuidar, dar amor, carinho como papeis importantes na vida dos filhos. Apenas dois entrevistados afirmaram ter, o pai e a mãe, o mesmo papel no desenvolvimento dos filhos.

Levandowski (2001), também em uma abordagem qualitativa de análise de conteúdo, fez um levantamento dos estudos realizados entre 1990 e 1999 na plataforma *Psiclit*, no âmbito nacional e internacional sobre o tema da paternidade e maternidade e, paternidade e maternidade na adolescência. Ao analisar os resultados a autora encontrou uma diferença exorbitante nos estudos entre maternidade e paternidade, tanto na busca geral, quanto para busca específica para o tema discutido na adolescência. Entre os estudos encontrados, a autora identificou apenas 2,9% referindo-se à paternidade na adolescência, com a busca realizada pelos seguintes descritores: *adolescent father*, *teenage father*, *adolescent fatherhood*, *teenage fatherhood*, *adolescent parent* e *teenage parent*, que correspondem ao número de 238 estudos encontrados. A autora classificou os estudos encontrados sobre a paternidade na adolescência em sete categorias, a saber: Revisão de literatura; Causas/Antecedentes/Fatores de risco; Consequências/Resultados; Aspectos familiares/conjugais; Experiências/Percepções/Vivências; Intervenção/ Aconselhamento; Outros. Além disso a autora descreveu o método utilizado e a abordagem, sendo que a maior incidência é dada para a aplicação de questionários com abordagem quantitativa favorecendo estudos longitudinais, conforme a própria autora identificou. No entanto a aplicação de entrevistas individuais vem em segundo lugar, após o questionário, reforçado pela autora a necessidade de se aprofundar mais no tema, já que as abordagens qualitativas provêm “aspectos subjetivos, que influenciam fortemente o modo como o pai adolescente irá reagir a qualquer tipo de intervenção ou aconselhamento.” (p. 205).

Utiamada (2010), também em um estudo com abordagem qualitativa, onde entrevistou 5 pais adolescentes, identificou que, sobre o uso de contraceptivos, os pais afirmaram usarem esporadicamente, assumindo a possibilidade de uma gravidez. Isso corrobora o que Brandão (2004) *apud* Utiamada (2010) afirmou sobre o uso de contraceptivos por adolescentes

constituindo-se como um processo não linear, tampouco racional, onde há interrupções do uso e, portanto, uma lógica de não prevenção. Além disso, a autora investigou sobre a vivência da fase adolescente, o que chama a atenção para o fato de que, mesmo estando nessa fase categórica, os pais afirmaram sobre o aumento da responsabilidade, amadurecimento nas decisões a serem tomadas, o que os coloca em condição de adultos, já que muitos declaram deixar de “curtir a vida” por causa do filho. Sobre a reação ao receberem a notícia, três dos cinco entrevistados afirmaram que ficaram “baqueados, assustados e desesperados” (p. 43) coincidindo com o estudo apresentado anteriormente. Entretanto, como Utiamada (2010) afirma “depois tudo foi normalizado”, o que corresponde ao processo de assimilação, como discutido em Cabral (2005).

Com os estudos apresentados aqui, fica clara a diversidade de situações já abordadas e ainda passíveis de serem abordadas nos estudos sobre pais adolescentes e jovens. Entretanto, é notória a insuficiência de dados para uma compreensão mais ampla do fenômeno da paternidade na adolescência e juventude. Nesse sentido, nos aproximaremos dos significados de ser pai na adolescência e juventude bem como o impacto do fenômeno na vida destes que o experimentaram.

2.3 – Parentalidade na adolescência e juventude

Poucos são os estudos que abordam diretamente a paternidade de modo geral, e em específico, a paternidade na adolescência. Acrescenta-se aqui, que a maioria dos estudos (tanto de fecundidade, de modo geral, bem como os de fecundidade na adolescência e juventude) se dá na perspectiva das mulheres, por isso se justifica falar do jovem **pai** neste estudo. Este tópico apresenta alguns resultados de pesquisas sobre fecundidade na adolescência e juventude abordando a maternidade e paternidade.

A paternidade começou a ocupar lugar nos estudos acadêmicos após a década de 70, principalmente após o aumento da presença da mulher no mercado de trabalho (TRINDADE e MENANDRO, 2002). Entretanto, a paternidade adolescente ainda se constitui um fenômeno pouco conhecido no

Brasil consolidando-se ainda mais na recusa por parte da sociedade em reconhecer o fenômeno nesta etapa do ciclo de vida, justificada, em partes pela falta de dados oficiais do governo. Portanto, os poucos estudos que existem, são formulados com base em pesquisas realizadas a partir do esforço empreendido pelo(s) pesquisador(es). Segundo Medrado e Lyra (1999), a importância de incluir os pais nos estudos de fecundidade se dá, também, na medida em que se discutem os novos padrões de valores e papeis de gênero adotados em nossa sociedade. Além disso, a quebra de paradigma sobre uma visão estereotipada dos atores desta cena só pode ser viabilizada pelo maior conhecimento da realidade vivenciada por eles.

Outro importante estudo sobre o tema denominado *Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil* (GRAVAD) empreendido entre os anos de 1999 e 2002, realizou um inquérito com 4.634 indivíduos de 18 a 24 anos, homens e mulheres de 3 capitais do Brasil, a saber: Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador. Este estudo, dentre outros importantes resultados traz um perfil interessante sobre escolaridade dos jovens pais e mães entrevistados. À medida que muda a região do país (do Sul ao Norte) a declaração de escolaridade nos ensinos fundamentais e médio, cresce, ao passo que, a declaração de escolaridade superior, diminui para ambos os sexos. Ou seja, no Sul há menos declarações de pais e mães jovens com ensino fundamental e médio que no nordeste. O contrário ocorre para as declarações de ensino superior.

O estudo também identificou que a trajetória escolar dos jovens entrevistados está estritamente ligada à trajetória da mãe, para ambos os sexos. Contudo, consideram a “mobilidade educacional” percorrida principalmente por mulheres que têm mães com escolaridade baixa e superaram-se na conclusão do nível médio. Além disso, os dados apontam para uma maior escolarização entre as mulheres, já que estas são menos representadas nos níveis inferiores (fundamental incompleto ou completo). Ademais, mais mulheres que homens já haviam concluído os estudos (25,3% contra 20,6%) e menos mulheres que homens haviam interrompido os estudos (28,8% contra 36,1%). (BOZON, 2006).

Ainda sobre os dados da GRAVAD, Almeida *et al* (2006) em um estudo que analisou apenas as informações dos entrevistados com idades entre 20 a

24 anos afirmaram que os jovens apresentam dificuldades e uma trajetória escolar truncada anterior à gravidez, e ainda, 64,1% dos homens declararam ter sido o trabalho o principal motivo para a interrupção dos estudos e não a paternidade.

Cabral (2009), ao aprofundar na questão da paternidade entre jovens e adolescentes (18 a 24 anos) moradores de uma comunidade favelada no Rio de Janeiro, identificou um forte argumento que justifica a saída da escola antes da gravidez das parceiras. A autora afirma que, diante de um "projeto de autonomização e de expectativa de consumo" (p. 316) os jovens decidem por sair da escola antes mesmo de uma gravidez, pois o trabalho assume um valor moral e identitário para esses jovens mais importante que a conclusão dos estudos. Ou seja, o desejo por expressar uma identidade viabilizada pelo consumo assume o lugar do projeto inicial de escolarização, preconizado socialmente a estes jovens como necessário e primordial. Uma vez interrompido os estudos, inserido no mercado de trabalho muitas vezes precário, a gravidez ocorrida assumida pelo pai, passa a exercer papel central nas suas prioridades dificultando o retorno aos estudos. Nesta perspectiva, a trajetória escolar bem sucedida significa investimento material e simbólico de longo prazo que muitas vezes não são compatíveis com as necessidades dos jovens.

Bozon (2009) identificou, a partir dos resultados da pesquisa GRAVAD, que 45,9% das mulheres entrevistadas nas três capitais (Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador) estavam trabalhando no momento da pesquisa e 24,1% procuraram alguma atividade remunerada no mês anterior, enquanto que, para os homens, o percentual aumenta para 60,9% para os que estavam trabalhando no momento da pesquisa, e cai para os que procuraram emprego no mês anterior, 18,7%. O curioso é que, assim como ocorre para a educação, à medida que muda a região de localização dos estados (do Sul para o Nordeste), os resultados mostram uma queda do percentual de ocupados tanto para mulheres quanto para homens, o que sugere uma maior dificuldade de encontrar empregos ou de oportunidades nos trabalhos que estes jovens procuram ao Nordeste do país.

Por fim, falar de fecundidade, de modo geral, implica em falar sobre o desejo por ter filhos. Entretanto, são raros os estudos no Brasil que abordam a

questão do planejamento e envolvimento do homem na decisão por filhos, tão pouco os estudos que abordam a temática entre jovens e adolescentes.

4 – METODOLOGIA

A pesquisa de campo é a mãe e ama-de-leite da dúvida, atitude filosófica por excelência. Essa dúvida antropológica não consiste apenas em saber que não se sabe nada, mas em expor resolutamente o que se acreditava saber e a própria ignorância, aos insultos e aos desmentidos que infligem a ideias e hábitos muito caros, àqueles que podem contradizê-los no mais alto grau. (Lévi-Strauss, 1975, p. 220)

Com o objetivo de alcançar um primeiro exercício para conhecer sobre os aspectos relacionados ao tema da paternidade na adolescência, esse trabalho utiliza uma abordagem qualitativa. A falta de dados sobre a fecundidade masculina também justifica na busca pela abordagem qualitativa. No entanto, é importante ressaltar que, mesmo que houvesse dados que possibilitassem uma análise quantitativa sobre a fecundidade masculina, os mesmos não seriam capazes de responder as perguntas que norteiam este trabalho. Afinal, conforme Kertzer (1997), a diferença entre estudos com foco inteiramente quantitativo e os que incluem a abordagem qualitativa não está somente no aprofundamento das questões, mas nas perguntas que se faz.

Foram realizadas vinte e duas entrevistas com jovens que tinham entre 21 e 30 anos e tiveram seus filhos entre os 15 e 24 anos. A seguir estão os procedimentos e métodos adotados para este trabalho.

4.1 – Abordagem qualitativa: questões teóricas

A pesquisa qualitativa tem sido utilizada em várias áreas do conhecimento permitindo uma abordagem interpretativa dos significados dados pelas pessoas em seus contextos sociais específicos. Segundo Denzin e Lincoln *apud* Richie e Lewis (2003), a pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas interpretativas fazendo com que o mundo se torne visível. As autoras afirmam ainda que “os pesquisadores qualitativos estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando dar sentido ou interpretar fenômenos nos termos das significações que as pessoas trazem para eles” (p. 3).

Nas ciências sociais, a pesquisa qualitativa surge a partir do debate entre a sociologia positivista e a sociologia compreensiva. A primeira, fundada por Augusto Comte (1798-1857) propunha um modelo de abordagem exclusivamente neutro em relação ao pesquisador e seu objeto de estudo, classificando as ciências sociais, tal qual as ciências naturais. Já a sociologia compreensiva propõe uma abordagem diferente para as ciências sociais, visto que os objetos se diferenciam nas respectivas áreas. Enquanto, nas ciências naturais, o pesquisador lida com objetos e situações exteriores a ele, nas ciências sociais o pesquisador lida com a subjetividade e valores dos indivíduos pesquisados, portanto, também, exteriores a ele. Tal modelo foi inicialmente defendido por Wilhelm Dilthey (1833-1911); entretanto, um de seus maiores expoentes foi Max Weber (1864-1920), que apropriou-se da ideia exposta por Dilthey, de compreensão interpretativa de casos particulares, ou seja, cada caso é único. Weber, com isso, valoriza a interação entre objeto e pesquisador, presumindo que a aproximação do objeto pesquisado, se dá, também, por influências dos valores e normas do pesquisador (GOLDENBERG, 2004).

No campo da sexualidade, a pesquisa qualitativa se insere pela via "da antropologia[2] que, tomou a sexualidade como forma de pensar o social e a sociedade" (LOYOLA, 1999, p. 32), distinguindo-se dos estudos de caráter ético/normativo ou terapêutico, seja da religião, medicina ou psicanálise. Desta forma, pensar a sexualidade tornou-se um desafio para aqueles que queriam ir além destas formas de pensamento, que naturalizava a sexualidade na esfera da reprodução, unicamente, e portanto, a abordagem qualitativa passa a ser o meio pelo qual isso se justifica, reforçado pela autora na necessidade de se "considerar, na pesquisa empírica sobre a sexualidade, a biografia ou a trajetória sexual dos indivíduos, além do contexto em que elas se realizam" (LOYOLA, 1999, p. 36). Mesmo que não se trate de um estudo específico sobre a sexualidade - mas de um assunto que tem a sexualidade inerente em si - a autora reforça tal necessidade. Heilborn (1999), referindo-se ao *boom* de estudos sobre sexualidade afirma também, que:

[2] Na Antropologia os estudos inovadores foram de caráter de observação participante, trazidos pelos clássicos de Margaret Mead, Franz-Boas, Radcliffe-Brown e Bronislaw Malinowski.

> “O olhar antropológico caracteriza-se, em particular, por tomar de maneira mais ou menos radical a afirmativa de que os temas a serem investigados fazem sentido somente a partir da teia de significados e relações sociais que os sustentam em um determinado contexto.” (HEILBORN, 1999, p. 8).

Na demografia, os estudos sobre fecundidade são tradicionalmente de caráter quantitativo, influenciados, no passado, pelo Projeto de Princeton, que procurou descrever o declínio da fecundidade na Europa com vistas a testar as teorias demográficas prevalecentes à época, gerando uma série de dados relativos a este fenômeno (KERTZER, 1997). Entretanto, se considerarmos que a origem dos métodos demográficos fundamenta-se em “to reconstruct demographic characteristics of past populations and to explain the causes and consequences of these characteristics” (WILLIGAN e LYNCH *apud* KERTZER, 1997, p. 839), saberemos que, sozinhos, os métodos quantitativos não são capazes de responder a tudo, já que este exige informações mais aprofundadas e detalhadas sobre o comportamento dos indivíduos, bem como explicação das variáveis associadas a fatores culturais, econômicos e sociais que relacionam causas às consequências. Além do mais, os estudos de natureza qualitativa permitem levantar hipóteses relativas à população em estudo, podendo, então, ser generalizadas pelos métodos quantitativos (GOMÉZ, 2012).

A utilização de métodos qualitativos na demografia gerou – e ainda gera – certo receio entre os críticos do método, mas ao mesmo tempo suscita bastante entusiasmo entre os adeptos. Os críticos afirmam que o método leva a uma análise superficial e simplista, enquanto os adeptos reconhecem a importância da multidisciplinariedade na compreensão de fatores demográficos emergentes (OBERMEYER, 1997).

De maneira nenhuma se pretende que a abordagem qualitativa seja significativa estatisticamente, mas representativa cultural e socialmente. Minayo (2014) cita Bourdieu (1964) ao falar da importância da representatividade da fala de um sobre a fala de muitos, a partir do conceito de *habitus*. Segundo o autor, é no *habitus* que os indivíduos reproduzem identidades de condições que são favorecidas pelos sistemas de disposições

semelhantes, vivenciadas por todos no seu cotidiano. É como se algo inerente ao indivíduo estabelecido no nível macro, fosse absorvido no nível micro. Portanto, é a concretização sob “mil formas possíveis” (SPAIR [1976] *apud* MINAYO, 2014) de modos de ser e agir, e ideias inerentes à uma estrutura ou tradição, que o sujeito traz em si seu *habitus*.

> “A representatividade do grupo na fala do indivíduo, portanto, ocorre porque tanto o comportamento social como o individual obedecem a modelos culturais interiorizados, ainda que as expressões pessoais apresentem sempre variações em conflito com as tradições.” (MINAYO, 2014, p. 208).

Ao mesmo tempo em que a questão da representatividade do todo é importante, a individualidade também o é. Nesse sentido, Minayo (2014) argumenta que, se cada depoimento proveniente de uma interação é contextualizado histórica e socialmente, em determinado segmento social, etnia (raça/cor), gênero e grupo etário, são esses quatro elementos que individualizam o ator social num contexto macro.

Assim, nosso objeto de estudo se constitui, no nível macro, de adolescentes e jovens e, no nível micro, de pais de classe média baixa, residentes de periferias de Belo Horizonte e Região Metropolitana.

Ao longo dos estudos iniciais que utilizavam métodos qualitativos, diferentes abordagens tem sido utilizadas, tais como observação participante, observação não participante, análise documental, análise de conteúdo e análise de discurso. Entretanto, como proposta de que novas formas de interação podem gerar novos e mais dados qualitativos, surgem as histórias orais, a abordagem da trajetória biográfica por meio de entrevistas em profundidade, entrevistas semi-estruturadas, entrevistas de pares e grupos focais.

Dentro dessa perspectiva, a técnica que utilizaremos para alcançar os objetivos propostos é a entrevista semi-estruturada, tendo como arcabouço a abordagem do curso de vida, que se enquadra como uma abordagem qualitativa e tem como principal objetivo compreender como os fenômenos externos aos indivíduos – tais como mudanças econômicas, demográficas,

culturais e sociais – que afetam suas vidas e decisões, no contexto individual, ao longo de suas trajetórias. Tais consequências podem ser notadas individual ou coletivamente num agregado de população, denominado na demografia de coorte ou geração.

As entrevistas são a estratégia de coleta de informações mais utilizada no trabalho científico. Elas levantam informações junto ao sujeito de interesse do pesquisador, que então relata, por meio de reflexão sobre seu cotidiano, as "ideias, crenças, maneira de pensar, opiniões, sentimentos, maneiras de sentir; maneiras de atuar; condutas; projeções para o futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas atitudes e comportamentos" (MINAYO, 2014, p. 262). A entrevista semi-estruturada é guiada por um roteiro com questões abertas e fechadas, sem no entanto, se prender a ele, pois novas questões podem complementar as questões estabelecidas no roteiro.

As vinte e duas entrevistas foram realizadas individualmente com os sujeitos de interesse deste estudo, ou seja, pais que tiveram filhos dos 15 aos 24 anos, e tem hoje, até 30 anos.

A abordagem do curso de vida se aproxima mais da demografia se fizermos uma analogia ao conceito de coorte, que implica em acompanhar um determinado grupo de pessoas ao longo do tempo. Ela trabalha com três conceitos básicos, a saber: trajetória, transição e *turning point*, que pode ser traduzido como ponto de inflexão, segundo Blanco (2011).

Neste sentido, a trajetória corresponde a uma linha do tempo ao longo de toda a vida, representando uma perspectiva, a longo prazo, que pode ser definida como o processo de desenvolvimento etário que culmina no envelhecimento. Segundo Blanco, na abordagem do curso de vida, não há pressuposto de sequência, tampouco de tempo para ocorrência dos eventos, apenas "mayores o menores probabilidades em el desarrollo de ciertas trayectorias vitales" (BLANCO, 2011, p.12). O que vale dizer que não há ou não se espera padrões ideais de ocorrência de determinados eventos. As trajetórias, no entanto, podem ser observadas em várias esferas da vida, podendo ser trabalho, escola, vida reprodutiva, migração, etc, que são interdependentes entre si. É a análise desses eventos e sua relação com a trajetória de um indivíduo ou de uma coorte que se torna central no enfoque do curso de vida.

A transição, por sua vez faz referência a mudanças de estado, posição ou situação, tendo como parâmetro a “situación em que se encuentra alguien o algo” (*idem*, p. 12). Se pensarmos do ponto de vista mais preciso no campo da demografia, esta corresponde à posição que uma pessoa ocupa num determinado momento do tempo, a exemplo das possíveis situações numa relação conjugal como caracterizadas por 4 estados, a saber: solteiro, casado, divorciado ou viúvo. Assim como na trajetória, na transição não há eventos previsíveis ou pré-determinados, podendo variar segundo contextos culturais e tempo. Como são estados ocupados pelos indivíduos, as transições podem ocorrer simultaneamente e condicionam o indivíduo a ocupar ou desenvolver novos papéis e representações sociais, cumprindo com novos direitos ou deveres. Por exemplo, o indivíduo transita da adolescência para a juventude e, passa, então, a exercer e cumprir seus direitos e deveres enquanto jovem, garantidos pelo Estatuto da Juventude. Passar por uma transição significa exatamente o momento, ou seja, o *timing* que corresponde ao momento em que ocorre o evento, seguido de sua sequência, enquanto ocupar um estado corresponde à duração do evento na vida do indivíduo.

Sobre esses dois pontos (Trajetória e Transição) é interessante apresentar a discussão de Sackmann e Wingens (2003). Os autores lançam o conceito de “sequência” como uma proposta de superar o “problematic hiatus between the two key concepts “transition” and “trajectory” (SACKMANN & WINGENS, 2003, p.96). Assim, estabelecem que a “sequência” é qualquer movimento que inclui, no mínimo, duas transições entre estados, sendo, portanto, um evento mais expressivo que a transição e menos expressivo que a trajetória. Os autores argumentam que a abordagem de sequência colabora mais para a teoria do curso de vida, já que se preocupa com a combinação de estados ao longo do curso de vida. Por isso, propõem transformar as inúmeras possibilidades de combinações de estados na trajetória, para um modelo parcimonioso de sequências, através de um número menor de transições. Para tal, os autores estabelecem as seguintes tipologias (constituídas e caracterizadas por sequências particulares de estados), apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3: Tipologias estabelecidas para definição de sequências de eventos de transição

Tipologia	Descrição	Sequência
1. Ruptura (*Rupture*)	representa uma só transição. Serve como um parâmetro de contraste para as sequencias seguintes. Ex.: Emprego – Aposentadoria.	A → B
2. Interrupção (*Interuption*)	representa a continuação de um determinado estado depois que um evento ocorre inesperadamente. Ex.: Estudos – Gravidez – Estudos.	A → B → A
3. Mudança (*Change*)	Marca a descontinuidade do evento inicial após um evento inesperado. Ex.: Estudos – Paternidade – Emprego	A → B → C
4. Ponte (*Bridge*)	Esta sequência representa a repercussão de um estado combinado, a exemplo de: Trabalho – Licença paternidade (=Trabalho + não-trabalho) – Desemprego.	A → AB → B
5. Retorno (*Return*)	Esta sequência representa a transição de um estado combinado (licença paternidade), retornado ao estado original. Ex.: Trabalho – Licença paternidade (=Trabalho + Não trabalho) – Trabalho:	A → AB → A
6. Fusão (*Fusion*)	A combinação de estados é resultante no último estado da sequência. Ex.: Trabalho – Desemprego – Trabalho parcial (=Trabalho + Não-trabalho):	A → B → AB

Segundo os autores, a sequência da Ruptura colabora com as abordagens clássicas da estatística para avaliar a absorção de estados. Em

contrapartida, as sequências Interrupção e Mudança avançam nas possibilidades de análises, permitindo aprofundar os estudos que buscam demonstrar o efeito da duração de um determinado evento na manutenção de certo estado. As sequências que permitem combinações de estados – Ponte, Retorno e Fusão – são estruturadas, normalmente, no nível macro e, metodologicamente, são mais difíceis de aplicar para avaliações comparativas de pesquisas sobre curso de vida, pois não são institucionalizados em diversos países. Para tal, decide-se qual o melhor estado puro se assemelha mais de algum estado combinado (SACKMANN e WINGENS 2003).

Uma das aplicações mais usuais da tipologia de sequências estabelecidas pelos autores é a sequência escola-trabalho, a qual mais nos interessa, já que estamos abordando pais que tiveram seus filhos no momento em que estavam estudando e/ou trabalhando.

A sequência escola-trabalho é frequentemente abordada pela perspectiva da teoria do capital humano, já que a permanência na escola é vista como uma decisão de investimento a ser feita tanto pelo próprio indivíduo jovem ou pelos pais deste jovem (BRADLEY e NGUYEN, 2004). Entretanto, não será esta a abordagem dada neste estudo, já que a intenção aqui é apenas exemplificar a metodologia do curso de vida.

Nesta transição é possível compreender todas as sequências mencionadas acima, sendo que: na Ruptura, o indivíduo deixa um estado e absorve outro; a Interrupção refere-se a tal, porém sem a conclusão da etapa anterior; a mudança, a transição escola trabalho pode ser seguida por desemprego ou outros fatores; a Ponte, nesse tipo de transição, pode ser compreendida pelo período de estágio pelo qual o aluno passa antes de escolher sua profissão, para tal os autores citam o sistema de aprendizagem Alemão; a sequência do tipo Retorno pode ser compreendida pela volta do aluno, pós-estágio, a estudar, podendo ser ou ingressando no ensino superior, ou em um preparativo para vestibular; e por fim, a sequência do tipo Fusão, permite a entrada no mercado de trabalho prévia à formação, dada por cursos a o longo da carreira profissional.

A aplicação do método se dá no momento da aplicação entrevista semi-estruturada, por meio das perguntas que possibilitam investigar sobre as transições vivenciadas pelos pais entrevistados.

4.2 – Comitê de Ética, roteiro de entrevista e trabalho de campo

Este trabalho foi submetido na Plataforma Brasil e encaminhado, incialmente, ao Departamento de Demografia da Universidade Federal de Minas Gerais, em 16 de julho de 2014, para parecer e aprovação. O parecer, de 28 de agosto de 2014, foi aprovado em 01 de setembro do mesmo ano. Após a aprovação e parecer do Departamento, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais e aprovado em 19 de janeiro de 2015[3].

Simultaneamente à submissão ao COEP, em outubro de 2014 foi realizado um pré-teste, com a finalidade de verificar a condução da entrevista, demais questões junto ao entrevistado (constrangimento, se havia alguma questão pendente a ser incluída), bem como a relação entrevistado/entrevistador. Após a realização do pré-teste, o roteiro foi alterado (Anexo I) e reenviado ao COEP para aprovação. As entrevistas foram iniciadas em 20 de janeiro de 2015 e finalizadas no final de fevereiro do mesmo ano.

O roteiro contém 6 blocos de perguntas, divididas da seguinte forma:

1) Perfil do entrevistado – este bloco levantou dados sobre o perfil sociodemográfico do pai além de abordar questões sobre a trajetória escolar, trajetória de trabalho e residência;
2) Relação conjugal/afetiva, sexualidade e envolvimento paterno – aqui pretendia-se abordar sobre a relação do pai com a mãe do seu (sua) filho (a) desde como se conheceram até o momento atual, perpassando pela relação com o filho. Além disso, abordou-se questões sobre o planejamento da gravidez, as repercussões da gravidez (planejada ou não) e as consequências após o evento no que diz respeito ao comportamento sexual e uso de preservativos. E ainda o envolvimento do pai nas atividades domésticas e com o filho (financeiro e afetivo). Nos casos de um relacionamento posterior ao filho e atual, indagava-se sobre o mesmo;
3) Uso de preservativos – este bloco pretendeu aprofundar e reforçar as questões sobre o uso de preservativos após o entrevistado ser

[3] Número do parecer: 934.483 - CAAE: 39523014.7.0000.5149 - Data da Relatoria: 09/01/2015

questionado sobre a mudança neste aspecto após o momento da paternidade;

4) Categoria/fase de vida – neste bloco, indagamos sobre os significados das fases de vida, bem como sobre o significado da paternidade e da maternidade na perspectiva dos pais entrevistados, e sobre o ideal de pai, além de perguntar sobre o conhecimento de outros jovens que passaram pela mesma experiência (ser pai entre os 15 e 24 anos);
5) Paternidade Subjetiva – chamamos o bloco de paternidade subjetiva, pois nele objetivamos perguntar sobre o impacto do recebimento da notícia de paternidade e sobre seu envolvimento no processo desde a gravidez até o parto, bem como sobre seus direitos neste envolvimento. Além disso, tratamos do ressignificado da notícia da paternidade e ideais de paternidade e maternidade quanto a idade de se ter filho;
6) Reconstrução – Por fim, neste bloco, foi feita uma reflexão sobre o momento antes e depois da paternidade. Por fim, uma pergunta sobre a experiência de ser pai e avaliação de um material impresso que trata do envolvimento do homem no cuidado com os filhos.

O recrutamento dos entrevistados teve início com o banco de dados da "Pesquisa Jovem – Avaliação do Ensino Médio", um estudo amostral longitudinal, financiado pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Esportes de Minas Gerais (Sedese) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), realizado pelo Cedeplar entre os anos de 2007 e 2010. Entre as muitas perguntas do questionário, foram coletadas informações sobre paternidade. Por ser uma pesquisa longitudinal, os respondentes eram identificados e registravam seu endereço e telefones de contato. Para maximizar o número de pais localizados, utilizamos apenas os dados de 2010. Foram utilizados dados dos municípios de Belo Horizonte, Betim, Brumadinho, Contagem, Esmeraldas, Ibirité, Pedro Leopoldo, Ribeirão das Neves e Sarzedo.

A partir da base de dados de 2010, selecionamos apenas os jovens do sexo masculino que declararam terem filho(s), naquele momento, a partir da variável "R3_VNL0108 – Você tem filhos?". Além disso, para identificarmos se o entrevistado teve filho no período que nos interessa (15 a 24 anos),

subtraímos a idade do respondente pela idade do filho, esta última declarada pelo próprio pai. Assim, identificamos 69 entrevistados em 2010 que declararam terem tido filho entre os 15 e 24 anos. Portanto, iniciamos o recrutamento dos entrevistados por meio desta base de dados, que tinha a seguinte descrição, apresentada na Tabela 3.

Tabela 4 – Perfil dos entrevistados extraídos da “Pesquisa Jovem - 2010” para recrutamento das entrevistas em profundidade (n=69)

Sexo	Masculino
Idade Média do pai em 2010	21,97 anos
Idade Mínima do pai em 2010	17 anos
Idade Máxima do pai em 2010	46 anos
Morava com filho (s)	37
Quantos filhos em média	1,14
Máximo de filhos tidos declarados	3
Mínimo de filhos tidos declarados	1*

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Jovem – 2010

* Nos casos em que a namorada ou esposa estava no período da gravidez, os pais declararam 1 filho.

No grupo dos pais selecionados através da Pesquisa Jovem, havia pais com idade até 46 anos. No entanto, como um dos nossos objetivos é pesquisar sobre o impacto da paternidade na vida dos jovens pais, foi necessário limitar a idade atual em que se encontrava o pai. Portanto, além do requisito de corte etário para o período de ocorrência do evento da paternidade (15 a 24 anos), definiu-se a idade máxima atual de 30 anos para serem entrevistados, pois o impacto é mais facilmente percebido e sentido quanto menor for o intervalo da ocorrência do evento e a experiência atual. Logo, excluímos 9 casos da amostra de pais selecionados, ficando a caracterização da seguinte forma, apresentada na Tabela 4.

Tabela 5 – Perfil dos entrevistados extraídos da “Pesquisa Jovem - 2010” para recrutamento das entrevistas em profundidade (n=60)

Sexo	Masculino
Idade Média do pai em 2010	20,07 anos
Idade Mínima do pai em 2010	17 anos
Idade Máxima do pai em 2010	26 anos
Morava com filho (s)	30
Quantos filhos em média	1,10
Máximo de filhos tidos declarados	2
Mínimo de filhos tidos declarados	1*

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Jovem – 2010
* Nos casos em que a namorada ou esposa estava no período da gravidez, os pais declararam 1 filho.

Assim, considerando que as entrevistas da base de dados a qual utilizamos foram realizadas final de 2010, passados 4 anos (início de 2015), os pais que tinham declarado ter 26 anos, teriam, no máximo, 30 anos no momento em que as entrevistas foram realizadas para este trabalho, obedecendo o critério estabelecido para melhor avaliar o impacto do evento no curso de vida destes.

A partir dos dados selecionados, iniciamos as ligações e agendamento com os pais da amostra, que acabou se constituindo apenas num pontapé inicial para a realização do trabalho de campo. Os dados dos entrevistados traziam três opções de telefones de contatos, os quais podiam ser da casa de parentes (tios, avós, primos, pais), vizinhos, trabalho ou da própria residência. Além disso, em alguns casos, foi passado um quarto contato para a tentativa de efetivação do contato com o jovem pai. Nos casos em que o contato se efetivava, mas não se falava diretamente com o pai, foram deixados recados ou foi solicitado um quarto telefone de contato para falar diretamente com o pai. Nos casos em que foram deixados recados, nos retornos não foi possível falar direto com o pai, pois ele não se encontrava no local, nem tampouco outro número de telefone nos foi passado ou, ainda, houve casos em que falamos direto com o entrevistado da Pesquisa Jovem (2010) e tentamos, por várias vezes, agendar uma entrevista, sem sucesso. Esses casos somaram dois e foram considerados como uma recusa, mesmo que não tenha sido declarada diretamente pelo pai. Assim, a base de dados favoreceu muito no início dos trabalhos, pois alguns telefones ainda estavam atualizados e obtivemos êxito na efetivação do contato, mas não nos prendemos a ela. Desta forma, dos 135 números de telefones cadastrados para os 60 entrevistados que se declararam pais, a situação foi a seguinte:

Tabela 6 – Situação do cadastro telefônico e resultado dos contatos dos perfis levantados

Quantidade de telefones cadastrados	135
Telefones não existentes/não completa/números indisponíveis/Caixa postal (3 tentativas)	51
Telefones em que a pessoa não existia	17
Casos de mudanças ou perda de contato	2
Casos de falecimento	1
Números não contatados	37
Contatos efetivados	27
Recusas	16
Entrevistas realizadas	11

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Jovem – 2010

Como pode ser visto, foram realizadas somente 11 entrevistas com pais que responderam à Pesquisa Jovem em 2010. Dado que as possibilidades de sucesso de contato, a partir desta base de dados, estavam se esgotando, bem como o tempo programado para a pesquisa de campo, ao longo das entrevistas fomos pedindo indicações dos participantes, aderindo ao método "bola de neve" para alcançar mais entrevistados. Este método conhecido é uma "estratégia de conveniência", considera as "redes de contato e de conhecimento" (Miranda-Ribeiro et al, 2009, p. 397) para a realização das entrevistas. Neste caso, utilizou-se a rede de contatos da entrevistadora/pesquisadora e, também, dos entrevistados, perfazendo o total de 6 entrevistas por indicações. Ressalta-se que as indicações por meio da rede contatos da entrevistadora/pesquisadora não influenciou nas entrevistas, já que todos os indicados desta forma são conhecidos de conhecidos da entrevistadora/pesquisadora. Além disso, a estratégia de acaso também foi adotada para 5 entrevistas realizadas no Parque Municipal de Belo Horizonte, em que os indivíduos foram abordados aleatoriamente pela entrevistadora/pesquisadora. Desta forma, as entrevistas foram realizadas segundo as seguintes abordagens de recrutamento:

Tabela 7 – Realização das entrevistas segundo origem do recrutamento (n=22)

Entrevistados extraídos da Pesquisa Jovem – 2010	11
Conveniência (Indicações/"Bola de Neve")	6
Acaso (Parque Municipal)	5

Fonte: Elaboração própria

O trabalho de campo foi viabilizado pelo Programa de Pós-Graduação em Demografia, com financiamento aprovado em outubro de 2014. Os recursos foram utilizados para deslocamentos até os entrevistados, transcrição das entrevistas e recursos materiais como pilhas para utilização do gravador.

A abordagem dos entrevistados por telefone foi facilmente aceita. Entendendo que os jovens estão conectados grande parte do seu tempo, além das ligações, adotamos as redes sociais para facilitar a abordagem e aproximação dos mesmos e até para agendar as entrevistas.

As entrevistas foram realizadas nos locais a escolha dos entrevistados, a saber: casa, praça e trabalho, além das 5 entrevistas realizadas no Parque Municipal de Belo Horizonte. As demais foram distribuídas da seguinte forma: 2 entrevistas realizadas no local de trabalho; 1, na Praça a escolha do entrevistado, e; 14 em suas próprias residências.

Foi preferível que o entrevistado estivesse sem a companhia da esposa/namorada ou filho, para evitar chances de constrangimento nas respostas, já que, segundo Minayo (2014):

> “a interação humana numa situação de entrevista, por exemplo, não é simplesmente um trabalho de coleta de dados, mas sempre uma relação na qual as informações dadas pelos sujeitos podem ser profundamente afetadas pela natureza desse encontro” (p. 210).

Entretanto, em alguns casos isso não foi possível, mas em apenas uma entrevista observou-se que o entrevistado ficou um pouco tímido diante de algumas perguntas. Os demais entrevistados demonstraram estar à vontade nas respostas e falaram abertamente sobre os assuntos abordados.

Houve apenas um caso em que o pai agendou e não estava em casa, considerando-se uma recusa essa tentativa frustrada. Os demais casos de recusa foram dados pelo não atendimento da ligação, horas antes da entrevista agendada, que era realizada justamente para confirmar o agendamento da entrevista. Casos em que o pai falava que ia agendar, mas após várias tentativas por meio de contato telefônico ele afirmava não poder, também foram considerados como recusa. Além destes casos, em alguns casos o

entrevistado falou claramente que não queria responder à pesquisa durante o contato telefônico.

Uma primeira questão limitadora do trabalho percebida durante o levantamento dos dados diz respeito à assunção a paternidade. Todos os entrevistados que se dispuseram a participar da pesquisa assumiram a paternidade. Quanto aos pais com os quais entramos em contato e se recusaram a responder à entrevista, é bastante razoável pressupor que eles se recusaram a participar da pesquisa por não haverem assumido a paternidade. Apenas no caso da entrevista de pré-teste, o pai entrevistado não assumiu materialmente o filho em função de problemas com dependência química, mas compreende bem a dimensão da situação e, passado o tempo de tratamento da dependência, hoje fala do seu filho com propriedade.

A interação entre o pesquisador e o objeto pesquisa é discutida sob duas perspectivas importantes. A primeira delas trata a interação como uma forma de dominação, na qual o pesquisador é quem orienta e guia o tema pesquisado, que para o sujeito entrevistado/observado é, muitas vezes, estranho. A segunda entende que a interação é de responsabilidade tanto do pesquisador quanto do sujeito pesquisado já que é resultante de uma experiência cultural de liberdade e não de necessidade (MINAYO, 2014). A autora afirma que, de fato, na pesquisa social há diferenças entre o pesquisador e o objeto pesquisado já que este último não tem acesso, muitas vezes, aos “bens reais e simbólicos” que o primeiro tem. Portanto, as entrevistas foram realizadas com o máximo de discrição e imparcialidade possível da parte da entrevistadora.

4.3 – A análise das transcrições

Segundo Minayo (2014), a fala, por si só, se constitui em elemento dos mais importantes e privilegiados de comunicação entre os indivíduos, pois contém experiências e permite o entendimento intersubjetivo e social, resultando, portanto, em um fato social. É da fala que surge o material que subsidiará a análise aqui apresentada, resultado das 22 entrevistas transcritas, perfazendo um total de 479 páginas. O papel do analista/pesquisador consiste em “compreender o sentido da significação, mas também, desviar o olhar para

uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira" (BARDIN, 2009, p. 43).

Os dados serão analisados a partir da técnica de Análise de Conteúdo (AC). Esta técnica surge com mais força no contexto do behaviorismo americano, em que se pretendia identificar o comportamento político e estratégias de países estrangeiros, a partir de documentos acessíveis (jornais de áudio e impresso), tornando o analista um investigador/detetive, cabendo a ele verificar e interpretar tais documentos. A AC, portanto, tem as funções de explorar contextos ou de levantar outras hipóteses e pretende cumprir com os seguintes objetivos:

- "Superação da incerteza": respondendo às perguntas e hipóteses;
- "Enriquecimento da leitura": ultrapassando preconceitos e abertura a novos significados que aparecem;
- "Integração das descobertas: desvendando a lógica interna subjacente às falas, aos comportamentos e às relações" (BARDIN, 2009; MINAYO, 2014, p. 300).

A AC aproxima-se da Análise Documental (AD) no limite da inferência e da análise categorial e temática. A AD constitui-se fase preliminar de avaliação do banco de dados com o qual se pretende trabalhar em uma AC e tem a seguinte definição: "Uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar, num estado ulterior, a sua consulta e referenciação" (BARDIN, 2009, p.47). Já a AC é "Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens" (BARDIN, 2009, p. 44). No quadro abaixo pode ser verificada a diferença.

Quadro 4 – Análise Documental x Análise de Conteúdo

Definições/Métodos	Análise Documental	Análise de Conteúdo
Tipo de Documento	Documento	Mensagens (comunicação)
Procedimento	Classificação-indexação	Análise categorial temática
Objetivo	Representação condensada de informação para consulta e armazenamento	Manipulação de Mensagem para evidenciar indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem

Fonte: Adaptado de BARDIN (2009).

O trabalho com o material qualitativo é desafiador na medida em que se corre o risco da simplificação do tema, a quem está sujeito o pesquisador que mais se achar convicto de dominação do tema, o que equivale dizer de uma necessidade de ir além da “compreensão espontânea” (BARDIN, 2009, p. 30). Outro desafio é a dificuldade de relacionar a teoria aos achados.

Além da AC, foram elaboradas nuvens de palavras de modo a evidenciar os resultados obtidos por meio de imagens e torna-los mais compreensíveis. Para a elaboração das nuvens de palavras, recurso muito utilizado em análises qualitativas, utilizou-se de um software livre chamado *Tagul – Word cloud art* (https://tagul.com/). O aplicativo disponibiliza, em seu *site*, ferramentas que permitem a criação de nuvens de palavras em diversos formatos, para diversas finalidades. Este tipo recurso também pode ser elaborado através de programas específicos de análise qualitativa, a exemplo do N-Vivo, porém somente na sua versão paga, não sendo possível realizar em versão temporária. Por isso, optou-se por utilizar o programa *on line* citado acima.

Vale ressaltar que todos os resultados apresentados aqui serão referentes ao grupo de entrevistados que fez parte desta pesquisa, que corresponde a vinte e dois jovens, entre 21 e 30 anos, que tiveram seus filhos entre os 15 e 24 anos, sendo que onze tiveram filhos na adolescência e onze, na juventude. Este grupo se justifica como um grupo específico, pois são egressos do sistema de educação pública, concluintes do Ensino Médio ou Ensino Fundamental e não concluintes, com a exceção de alguns que cursaram o nível técnico. Todos são residentes de bairros periféricos de Belo

Horizonte ou moradores da Região Metropolitana, representada pelos seguintes municípios: Brumadinho, Contagem, Esmeraldas, Ibirité, Ribeirão das Neves e Sarzedo. Portanto, os resultados apresentados aqui não permitem generalizações acerca do tema tratado (apenas o levantamento de hipóteses). Os nomes dos entrevistados, fictícios, têm iniciais de acordo com a idade em que eles foram pais. Os nomes que começam com a letra A são daqueles que foram pais na adolescência (15-19 anos), enquanto os nomes iniciados com a letra J se referem a pais que tiveram seus filhos na juventude (20-24 anos).

Passemos, pois, aos resultados. Além de uma descrição dos entrevistados, o capítulo 5 tenta responder as questões colocadas na introdução: O que diferencia a adolescência da juventude ou da vida adulta? O que significa ser pai na adolescência ou na juventude? A fecundidade foi planejada? Qual foi a reação da família? Quais as mudanças impostas pela paternidade na vida dos entrevistados, seja em termos do status conjugal ou da contracepção? Os pais desejam mais filhos? Quais as suas expectativas com relação à fecundidade de seus filhos e filhas? Faz diferença ser pai na adolescência ou na juventude?

5 – RESULTADOS

Por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar. (Bardin, 2009, p. 16)

5.1 – Perfil dos entrevistados

Apenas três entrevistados se declararam brancos, enquanto dezenove entrevistados se disseram pretos ou pardos. A pergunta foi aberta e, por isso, quando o entrevistado não sabia responder sobre raça/cor, adotou-se a pergunta padrão apontando as categorias de resposta ("Entre as categorias: branco, pardo, preto, amarelo ou indígena, com qual você se identifica?").

No hall de ocupações, observamos três desempregados e algumas ocupações mais precárias, como vendedor ambulante, entregador de botijão de gás, auxiliar de serviços gerais, pedreiro e coletor de lixo, além de dois entrevistados com negócio próprio (estofador e microempreendedor em Informática). Apenas um entrevistado era concursado (auxiliar de carga e descarga). Assim, mesmo que nem todas as ocupações sejam precárias, estas condicionam a maioria dos pais a uma situação de instabilidade, pois eles não são nem concursados, nem tem negócio próprio. O perfil de ocupações no qual se enquadram os pais aqui entrevistados, não foi previamente selecionado, evidenciando, portanto, a ocorrência do evento da paternidade entre adolescentes e jovens predominantemente – sem generalização – entre aqueles menos favorecidos profissional e economicamente.

Dos entrevistados que têm mais de um filho, dois (Adão e Antônio) tiveram filhos em um segundo relacionamento, enquanto um entrevistado, Jonas, teve o terceiro filho fora da união. Já Alceu e Alan tiveram dois filhos com a mesma parceira (mãe do primeiro filho).

Quatorze dos vinte e dois entrevistados são amigados ou casados, sendo que, destes, apenas dois estão com a segunda parceira. Os demais se mantêm com a mãe do primeiro filho.

Com relação à idade do parceiro e da parceira ao terem o primeiro filho, apenas quatro entrevistados tiveram o seu primeiro filho com a mesma idade

que a da parceira. Doze entrevistados eram mais novos que suas parceiras, mães do primeiro filho -- alguns, até 10 anos mais novos que a parceira. O perfil dos entrevistados pode ser visto no Quadro 3, a seguir.

Quadro 5 – Perfil dos entrevistados

Entrevistado	Idade	Cor/Raça	Religião	Escolaridade	Ocupação	Quantos filhos?	Idade dos filhos	Estado Conjugal	Ordem da união	Idade parceira/entrevistado ao ter 1º filho
Adão	22	Preto	Católico	NR	Aux. de carga e descarga	2	6 (menina) e 5 dias (menino)	União Consensual	2ª	16 – 16
Adilson	23	Branco	Não tem	EM Incompleto	Pintor automotivo	1	4 (menino)	União Consensual	1ª	19 – 18
Alceu	23	Pardo	Católico	NR	Estofador e eventos nos finais de semana.	2	4 (menino) e 4 meses (gestação menino)	União Consensual	1ª	25 – 19
Antônio	23	Pardo	Católico	EM + Técnico	Mecânico industrial	2	7 (menino) e 5 (menina)	Casado	2ª	16 – 16
Alex	23	Pardo	Evangélico	EM Incompleto	Estoquista	1	4 (menina)	Solteiro	-	18 – 19
Afonso	24	Preto	Católico	EM Completo	Desempregado	1	4 (menina)	Divorciado		20 – 19
Alan	23	Pardo	Católico	1º Grau Completo	Desempregado	2	5 (menino) e 7 meses (gestação menino)	União Consensual	1ª	18 – 18
André	23	Pardo	Evangélico	1º Grau Completo	Vendedor ambulante	1	3 (menina)	Divorciado	1ª	18 – 19
Adriano	21	Preto	Evangélico	EM Completo	Carteiro terceirizado nos Correios	1	3 (menina)	União Consensual	1ª	19 – 18
Aloízio	22	Pardo	Não tem	1º Grau Completo	Entregador de botijões de gás	1	4 (menina)	Solteiro	-	28 – 18
Augusto	21	Pardo	Não tem	EM Completo	Prof. de informática e músico Hip Hop	1	1 (menino)	Solteiro	-	22 – 19
João	24	Pardo	Cristão	EM Completo	Microempreendedor em informática	1	4 (menina)	Solteiro	-	24 – 20

Continua

Continuação

Entrevistado	Idade	Cor/Raça	Religião	Escolaridade	Ocupação	Quantos filhos?	Idade do(s) filho(s)	Estado Conjugal	Ordem da união	Idade da parceira ao ter o 1º filho
Jairo	24	Pardo	Não tem	EM Completo	Assistente de logística	1	4 (menina) e uma enteada	União Consensual	1ª	29 – 20
Jonas	27	Preto	Evangélico	1º Grau Completo	Aux. de serviços gerais e músico (gospel)	3	5 (menino), 3 (menina) e 7 meses (gestação)	Casado	1ª	27 – 22
Josué	28	Branco	Não tem	EM + Técnico	Técnico em mecânica	1	7 (menino)	Casado	1ª	25 – 21
Jeremias	24	Pardo	Não tem	EM + Técnico	Gerenciamento de carga	1	2 (menina)	Divorciado	-	19 – 22
Joaquim	28	Preto	Evangélico	1º Grau Completo	Pedreiro	1	4(menino)	Solteiro	-	18 – 24
José	26	Pardo	Católico	EM + Técnico	Metrologista (medições de peça automotivas)	1	4 (menina)	Casado	1ª	24 – 22
Junior	30	Branco	Cristão	EM Completo	Auxiliar administrativo	1	6 (menino)	União Consensual	1ª	25 – 24
Jeferson	26	Pardo	Católico	1º Grau Completo	Coleta de lixo (entulho) PBH	1	2 (menina)	União Consensual	1ª	18 – 24
Juliano	25	Pardo	Católico	EM Incompleto	Desempregado	1	3 (menino)	Casado	1ª	18 – 22
Jhony	25	Pardo	Evangélico	EM Incompleto	Vigilante	1	3 (menina)	União Consensual	1ª	22 – 22

Fonte: Resultados da Pesquisa

5.2 – O que diferencia a adolescência, a juventude e a vida adulta?

Aqui serão apresentados os resultados sobre as concepções das fases de vida (adolescência, juventude e fase adulta), pela perspectiva dos pais entrevistados, a fim de discutir a literatura apresentada neste trabalho, bem como confrontar as opiniões dos entrevistados com as realidades vivenciadas por eles.

O bloco de questões sobre “categoria/fase da vida” objetivou coletar informações sobre o que os jovens pais pensam acerca das fases de vida mencionadas acima, tendo eles vivenciado ou não cada etapa, e tenta aproximar de como suas realidades refletem as suas opiniões ou, de forma generalizada, o que os entrevistados pensam sobre o cumprimento de cada etapa.

Em um primeiro olhar sobre os resultados é interessante observar como a perspectiva sobre as fases de vida muda, podendo ser observada pela frequência com que os termos surgem nas falas. Essa mudança de percepção sobre cada etapa pode ser vista na Figura 2, que apresenta as nuvens de palavras, elaboradas a partir da frequência de palavras obtidas das respostas dos entrevistados nas questões sobre o significado de ser adolescente, jovem e adulto (para ver a composição do bloco de questões, ver o roteiro de entrevista em anexo).

Esta mudança na perspectiva dos pais sobre as três etapas discutidas passa de uma simples menção à falta de responsabilidade (onde citam a pouca ou nenhuma responsabilidade na fase da adolescência) enfatizando a curtição, para uma fase de responsabilidade integral (onde alguns a citam como um único marcador para a fase adulta) referindo-se menos à curtição. Essa transição passa por um momento de elaboração de planos para o futuro e amadurecimento, o qual muitos pais julgam importante (fase da juventude).

Figura 2 – Termos que se relacionam com diferentes etapas da vida.

Fonte: Resultados da pesquisa com base no Software Tagul.

Segundo a perspectiva de categoria social, em que os indivíduos de um determinado grupo estão sujeitos a comportamentos que se configurem normativos, condicionando-se a formarem suas identidades e, portanto, serem reconhecidos socialmente, fica claro que, no discurso dos pais entrevistados, para as três etapas de vida, isso está presente. Aspectos do cotidiano, que são inerentes a cada etapa, tais como educação (para a fase da adolescência), planejamento (para a fase jovem) e trabalho (para a fase adulta) surgiram nas respostas confirmando-se a visão de Ariès (1978). Se partirmos do pressuposto, implícito na Figura 1 sobre os degraus das idades, discutido pelo mesmo autor, que retrata não apenas as funções biológicas, mas também as funções sociais de um indivíduo – na infância e adolescência se recebe educação, na juventude se planeja e, na fase adulta, se trabalha – os entrevistados respondem de forma a corroborar esse aspecto da literatura.

Apesar de haver certo nível de concordância de ideias sobre os aspectos/comportamentos que dizem respeito a cada etapa, não há um consenso, em termos de idade, sobre o limite inferior e superior de cada etapa (adolescência e juventude). As falas mostram que os entrevistados não assumem uma definição categórica e arbitrária sobre as etapas, tal como discutido em Bourdieu (1983) e, em alguns casos, reconhecem que as etapas correspondem a processos que ocorrem ao longo do tempo, e mudam conforme o lugar e a sociedade, definindo os indivíduos no lugar social, assim como defendeu o autor. Ou seja, a idade é construída social, processual e contextualmente, não cabendo uma definição restrita somente à fase etária.

> **E:** E quando você acha que começa a adolescência e termina?
>
> **R:** Vai da pessoa, ela que tem que ter a consciência. Se ela já estiver se envolvendo demais, tem que parar... Igual bebida...
>
> **E:** Você acha que tem uma idade que a pessoa começa a ser adolescente?
>
> **R:** As meninas de hoje com quatorze, quinze anos de idade já sabe o que faz, então no mundo de hoje não tem uma idade certa, não. (Aloízio, 22 anos)

A não definição categórica leva a certa confusão, pois alguns entrevistados afirmam que as fases se misturam e que não há, com clareza, uma idade certa para defini-las.

> **E:** Pensando em idade, você poderia me falar, quando começa e quando termina, em sua opinião, a adolescência?
>
> **R:** Agora você me pegou! Juventude e adolescência? Não sei. Juventude eu acho que é até uns 14 anos, eu acho. Eu acho que mistura um pouco, alguma fase, mistura. (Josué, 28 anos)

Alguns entrevistados, ao falarem de limites de idade, associam algum evento como marcador para o início, o fim ou ao próprio período, já que não há limites de idades, mas comportamentos que ajudam a marcar a permanência em cada etapa. Para o período da adolescência, a idade inferior de início do período, citada pelos entrevistados, foi nove anos e a superior, de fim, vinte e três anos. Um marcador citado como implicador do início da fase foi comprar seus próprios pertences, ou para se "manter" adolescente, ser extrovertido/brincalhão. Já para definição de início e fim da juventude, a idade foi de 15 anos para início e 40, para o fim (alguns até afirmam não ter fim, que é uma questão de "espírito"), enquanto um marcador de início é o trabalho.

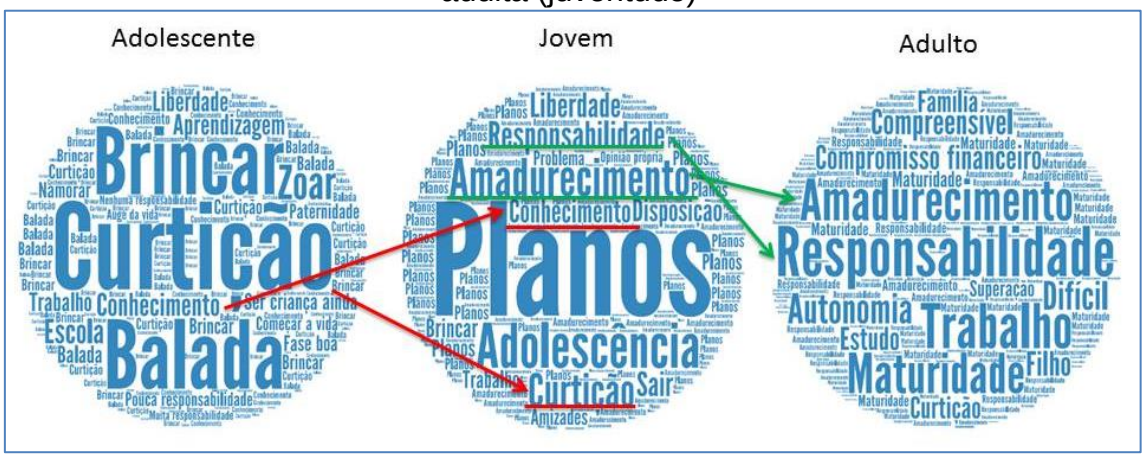
> **E:** E ser jovem, o que significa ser jovem pra você?
>
> **R:** Ser jovem depende da questão de alma e espírito da pessoa. Se a pessoa tem cinquenta anos, mas ela se considera com espírito jovem, ela vive

> como um jovem. Geralmente na estatística, após vinte e sete anos não se considera jovem, mas eu creio que ao longo da minha vida eu vou me considerar jovem, um espírito forte... Eu gosto de vivenciar coisas boas, apesar de não ter vivenciado tantas, mas sempre dei muito valor à questão da natureza, preservação e isso já me traz uma força jovem. [...] jovem, é a pessoa que se determina jovem. (Joaquim, 28 anos)

A transição de etapas, compreendida como um período de marcadores não tão precisos (SACKMANN e WINGENS 2003), também é percebida entre os entrevistados que trazem, nas suas impressões, comportamentos da infância para a adolescência (“Ser criança ainda”), da adolescência para a juventude (“Brincar”), e da juventude para a fase adulta (“Curtição”). Além disso, alguns entrevistados respondem sobre o significado da adolescência fazendo referência à fase da infância/criança, e caracterizam a juventude fazendo referência à fase da adolescência.

Esta transição, ao mesmo tempo em que implica na indefinição de uma idade precisa, implica dizer que a etapa da juventude é caracterizada sim por um período de transição, pois os elementos que surgem nas etapas limites (adolescência e fase adulta) estão presentes na fase transitória (juventude), como mostram as setas na Figura 3.

Figura 3 – Elementos marcadores da fase de transição para a vida adulta (juventude)



Fonte: Resultados da pesquisa com base no Software Tagul.

As palavras “curtição” e “responsabilidade” transitam da fase da adolescência para a fase adulta, em sentidos opostos. Enquanto curtição deixa de ter evidência, a responsabilidade passa a ocupar o primeiro plano da imagem, ao se referirem ao período da fase adulta.

A responsabilidade – elemento chave da mudança de perspectiva da fase da adolescência para a fase adulta – é ressaltada pelos entrevistados, nos períodos da adolescência e juventude, mas não com tanta expressividade tal como quando indagados sobre a fase adulta, como já mencionado. Entretanto, os termos “responsabilidade” e “trabalho”, quando surgem nas fases da adolescência e juventude, são, por vezes, vinculados à paternidade, ou seja, como uma consequência deste evento. Assim, a paternidade levou os pais entrevistados nesta pesquisa a adquirir responsabilidades que antes não tinham, tal como analisado em Schiro e Koller (2013). Além disso, a paternidade os levou a um amadurecimento de questões antes não pensadas, como, por exemplo, a responsabilidade e comprometimento com o trabalho, justificado no compromisso com o (a) filho (a). Mesmo que o discurso da responsabilidade nas fases da adolescência e juventude não tenha sido majoritário entre os respondentes, tão pouco muito evidenciado, é factível supor que ter filho foi condição minimamente necessária para que estes pais assumissem responsabilidades antes não planejadas para as etapas da adolescência e juventude.

> **E:** O que significa ser adolescente para você?
>
> **R:** Tipo um degrau acima, uma responsabilidade, uma experiência na vida da gente. Uma responsabilidade a mais. Igual hoje, por exemplo, antes eu pensava só em mim, hoje eu já tenho que pensar em mim e na minha filha. Ficar desempregado, eu tenho que mandar a pensão para a minha menina. Tem que ter esse compromisso com a minha filha. (Afonso, 24 anos)

Em alguns discursos, fica claro que o fato de terem começado a trabalhar cedo ou ter tido o filho neste período, condicionou-os ao impedimento de desfrutar de momentos que dizem respeito a estas etapas, segundo suas próprias concepções de “usufruir”, tais como curtir, aproveitar ou gozar.

> **E:** Eu queria saber de você o que significa ser adolescente?
>
> **R:** Adolescente eu posso dizer que eu não curti essa fase, porque eu trabalhava. Mais era trabalho-casa, casa-trabalho. Então era mais limitada a minha adolescência, eu não pude gozar dela. Não posso dizer muito porque eu não sei mesmo o que seria adolescência. (Jairo, 24 anos)

Isto nos leva a crer que a questão da escolaridade interrompida, que se discute na literatura e propondo que há um prejuízo na vida do adolescente que se torna pai/mãe, pelo não cumprimento desta etapa (SCHIRO e KOLLER, 2013), não é percebida aqui, já que os entrevistados mencionam o prejuízo no âmbito do divertimento apenas, e não no âmbito da escola. Portanto, se a educação não é prioridade para esses jovens, ela não é afetada pelo fenômeno da paternidade. Os resultados corroboram o que Rodriguez (2005) afirmou: há uma necessidade de revisão deste pressuposto de que a gravidez leva à interrupção da trajetória escolar, já que vários estudos apontam que a decisão de interromper os estudos é anterior à gravidez. Neste trabalho, apenas em um relato surgiu a questão de interrupção dos estudos em função da gravidez da parceira. A falta de estímulo, o desejo pelo consumo e a liberdade financeira são as principais causas para essa interrupção prévia à gravidez das parceiras.

> **E:** Você precisou parar alguma vez ou tomou “bomba”?
>
> **R:** Gostava de estudar, mas como trabalhava longe, chegava atrasado, tinha sempre que mudar horário, acabei desistindo de estudar. Eu parei mesmo por causa do serviço, parei mais por causa disso. E também não dá pra você fazer as duas coisas, não... dá... é muito esforço, tem que querer mesmo, e eu não estava me sentindo assim. (Juliano, 25 anos)

Portanto, é factível supor que, conforme Rodriguez (2005) aponta, há um fator que precede à gravidez para que o jovem abandone os estudos. O desinteresse pode ser uma das principais causas para o abandono escolar prévio à paternidade.

Outra questão levantada pelos entrevistados diz respeito à referência grupal em que os pares legitimam seu comportamento, contribuem para o processo de assunção de uma identidade e colaboram com a troca de conhecimento (CARVALHO e PINTO, 2009). Termos como “balada” e “brincar” estão associados ao relacionamento de pares. Pereira (2009) fez um interessante trabalho sobre “*O brincar e a adolescência*”, em que se discutiu a importância conceitual e contextual do brincar que tem a ver com o laço e a relação que se estabelece entre quem brinca e algum objeto ou com outra pessoa. “A palavra brincar vem do *brinco* + *ar*. Brinco vem do latim *vinculu*/*vincunlum.*” (p. 92).

> **E:** O que significa ser adolescente para você?
>
> **R:** Significa sair muito. Quando a gente era, saí muito com os amigos, jogar bola... Isso tudo aí que significa adolescência, soltar papagaio... Eu ficava mais com os amigos. (Adriano, 21 anos)

A opinião dos entrevistados sobre o momento da adolescência corrobora com o que a literatura diz sobre ser uma etapa de desenvolvimento caracterizada por mudanças biológicas e culturais (CARVALHO e PINTO, 2009). Os termos “aprendizado”, “conhecimento” e “ser criança ainda” remetem a tal questão, pois no discurso dos pais, estes termos acompanham o desenvolvimento, onde os momentos que marcam uma etapa se tornam evidentes. Muitos deles deixam claro que a fase é um período de experimentações, sem, no entanto, deixarem evidente a preocupação da repercussão de tais experimentações.

> **E:** O que significa ser adolescente para você?
>
> **R:** Adolescente é uma fase de conhecimento, de aprendizagem, que você está tendo que ficar um pouco mais responsável, mas ao mesmo tempo você não deixou de ser criança ainda. Então você tem um pouquinho de responsabilidade a mais. É uma fase de conhecimento das coisas, você vai aprendendo mais, mas do mesmo jeito você não deixa de ser criança. (Adão, 22 anos)

Este aspecto também é discutido na teoria para tratar de assuntos do desenvolvimento do corpo, incompatível com o desenvolvimento psicológico. Os mesmos autores apontam que o amadurecimento vem mais tardiamente que o desenvolvimento sexual, e faz com o adolescente busque amparo para discutir questões inerentes a isso no seu grupo de pares (CARVALHO e PINTO, 2009).

> **E:** O que significa ser adolescente para você?
>
> **R:** Eu vou te falar que é uma fase complicada, onde você tem muita opinião.... Muitas opiniões com relação a conhecimentos, tem muitos amigos que oferecem coisas novas, que você não sabe, te falam da vida, por exemplo, mulher... como que é uma relação. É, aquela coisa, incentivam... Existe muito disso: os que incentivam os coleguinhas. Às vezes tem um coleguinha que é mais experiente, aí passa um para o outro, eu acho que adolescência é mais ou menos isso aí... uma fase de opiniões. (Alceu, 23 anos)

A diferença contextual sobre o que significa uma categoria social também foi mencionada nas falas dos entrevistados, corroborando com a discussão teórica sobre a importância de se analisar a juventude somando ao momento histórico, que significa dizer que ser jovem é uma soma do biológico e do social (GROPPO, 2004). E que, portanto, como o social é mutável, cabe que seus indivíduos também o sejam ao longo do tempo e conforme o contexto que vivem. O discurso do autor aponta para uma ruptura com a naturalização da juventude, que mantém a tradição da medicina, biologia e psicologia, em compreender os indivíduos, do ponto de vista, categórico, apenas pela perspectiva do desenvolvimento do corpo.

> **E:** Gostaria de saber o que significa ser adolescente pra você?
>
> **R:** Na adolescência, suponhamos que eu tinha dezesseis... Hoje uma menina de dezesseis anos e um menino de dezesseis anos, não pensa igual nós pensávamos antigamente. Era estudar-casa, estudar-casa. Hoje não.

> Hoje eles já querem baile *funk*, já quer se relacionar, e o relacionamento deles não fica só em beijo e abraço, já quer ir além disso. Hoje em dia está muito acelerado o pensamento de um adolescente. O adolescente se sente um jovem hoje, ou até mesmo um adulto. (Jeremias, 24 anos).

Outro elemento já mencionado aqui, mas importante a ser ressaltado, foi a curtição. Na perspectiva dos pais entrevistados, a curtição é o significado que mais simboliza a fase da adolescência. Já mencionado anteriormente, a curtição apareceu tanto no aspecto positivo, de quem "curtiu" de fato a adolescência, como no aspecto negativo (se o podemos definir assim), para aqueles que afirmaram não terem "curtido".

> **E:** O que significa ser adolescente pra você?
>
> **R:** Ser adolescente significa curtir, aproveitar sem ter responsabilidade nenhuma. Eu acho que ser adolescente é isso, e encher o saco dos pais também.
>
> **E:** Encher o saco por quê?
>
> **R:** Porque dá trabalho, é desobediente, acha que não vai fazer parte das estatísticas seja ela qual for. Então isso gera muita preocupação para os pais, com certeza. (José, 26 anos)

Como já observado, sua representação vai diminuindo à medida que mudam as fases de vida. Ao chegar na fase adulta, o entrevistado reconhece que há uma necessidade de descontração/curtição, mas a responsabilidade ocupa o primeiro lugar nesta etapa.

> **E:** O que significa ser adulto em sua opinião?
>
> **R:** Pra mim ser adulto, é na verdade ter responsabilidade. Se tornar uma pessoa adulta. Não adianta a pessoa ter trinta anos e levar uma vida de curtição, a pessoa tem que curtir sim a vida, porque não tem que ser só trabalho e estudo não, mas acho que responsabilidade que torna a pessoa adulta. (Jeremias, 24 anos)

5.3 – O que significa ser pai na adolescência ou na juventude?

A seguir, serão apresentados os resultados comparados entre os entrevistados que tiveram seus filhos no período da adolescência (15-19 anos) com aqueles que tiveram na juventude (20-24 anos) envolvendo os seguintes aspectos: Planejamento; desejo por mais filhos e expectativa da idade ideal para que seus filhos tenham filhos.

5.3.1 – O planejamento (ou não) da fecundidade

Em primeiro lugar, será abordada a questão do planejamento da fecundidade, discutida na literatura em uma perspectiva mais ampla com relação aos grupos etários. Neste trabalho a discussão do planejamento será focada entre jovens e adolescentes, pais e mães.

Compreenderemos a fecundidade planejada entre os entrevistados como aquela declarada de forma clara e direta pelo mesmo, pois houve relatos em que os entrevistados falam de um desejo, confundindo-o com planejamento, ou mesmo para justificar o não planejamento, eles afirmam que planejaram, pois desejavam ter filhos. Dos vinte e dois entrevistados apenas quatro declararam, de forma clara e objetiva, que planejaram ter o filho, sendo que, destes, apenas um foi pai na adolescência. Os outros três foram pais na juventude. O único, que foi pai na adolescência se divorciou. Os outros três permanecem com a parceira, casados ou amigados, com tempo de relacionamento entre 3 e 8 anos. Para estes quatro, o planejamento se deu em torno do casamento e do diálogo.

> **E:** E vocês conversavam sore prevenção de DST de gravidez?
>
> **R:** Tinha essa conversa toda. Depois que ela decidiu ter ela parou de tomar remédio, eu usava o preservativo também. E depois que decidimos ter nós já morávamos juntos e não usava mais.
>
> **E:** Vocês planejaram?
>
> **R:** Foi planejado.

E: Como que foi porque eu não entendi muito bem nesse período de tratamento, como que foi o período de tratamento até a gravidez?

R: Porque depois que nós ficamos noivos decidimos que íamos ter a menina. E naquela tentativa de ter, e toda vez fazia o teste da farmácia e não dava nada aí ela começou a ficar assustada, preocupada. Aí fomos ao ginecologista e ele pediu para esperar mais um tempo. No terceiro mês já achei meio estranho porque estava demorando. Ele pediu uns exames lá que eu não lembro como que chama, fez o exame no dia que foi mostrar o resultado. Aí fez um exame de sangue anterior e constatou que ela estava grávida. (Afonso, 24 anos)

Entretanto, dois entrevistados têm um discurso de planejamento justificado apenas pelo desejo de ter um filho, pois eles reconhecem que não tinham uma estrutura esperada, mas desejavam ter um filho, porém não "aquele" filho. Estes casos não foram considerados como planejados.

Entrevistado 1

E: E vocês planejaram ter o primeiro filho?

R: A gente meio que planejou a gente queria ter, mas não tinha uma estrutura, não tinha nada, a gente decidiu ter e teve.

E: Naquele momento vocês decidiram?

R: A gente decidiu vamos ter e teve.

E: Vocês começaram a namorar então veio?

R: Isso a gente começou a namorar e decidimos vamos ter um filho e a gente teve. (Alan, 23 anos)

Entrevistado 2

E: Como que vocês se conheceram?

R: Logo que eu saí do presídio eu fui morar no sítio da minha tia, em Mateus Leme, que era no mesmo bairro que ela. A gente foi se conhecendo no dia a dia, convivendo, e aí foi acontecendo. Rolou da gente namorar e ter uma vida sexual ativa. Ocorreu que o Igor veio, mas foi uma

> coisa que a gente planejou meio que como ia ser, do que a gente enfrentaria, mas que a gente queria um filho a gente queria e graças a Deus ele veio.
>
> **E:** Mas vocês planejaram essa gestação?
>
> **R:** Planejamos assim, no sentido de querer. Eu queria ser pai e ela queria ser mãe, e ela queria tanto um filho meu e eu queria tanto um filho dela.
>
> **E:** Mas vocês queriam ser pais naquela época?
>
> **R:** Naquela época.
>
> **E:** Vocês queriam ter um filho naquele ano?
>
> **R:** Batemos o pé um com o outro não falamos pra ninguém. (Joaquim, 28 anos)

Em volta do discurso sobre o não planejar surgiram questões como reconhecimento de "irresponsabilidade", de precocidade e de culpabilidade da parceira feminina no sentido de não se prevenir, responsabilizando-a pela gravidez.

> **E:** Vocês planejaram ter filho?
>
> **R:** Na verdade eu não planejava, eu até comprava o anticoncepcional pra ela, como eu era casado com ela eu esperava que ela tomasse. Mas como eu trabalhava e ela ficava em casa, ela não tomava o remédio. O sonho dela era ser mãe, então ela engravidou sem o meu consentimento, porque pra mim, ela tomava o remédio. (Jeremias, 24 anos)

Fica claro, em todos estes casos, que a escolha por ter filhos não se limita a uma teoria apenas (TCP, TDIC, TP, Modelo micro-macro, TAC). A Teoria do Comportamento Planejado – TCP é observada no discurso de pais que afirmaram que o casal queria ter filhos e que a decisão foi conversada entre os dois e, mesmo que não tivessem estrutura (fator macro) para ter o filho, insistiram no desejo de ter. Entretanto, o Modelo de Traços de Desejos e Intenções de Fecundidade – TDIC também é observado no discurso em que os pais afirmam que tentaram ter filhos e, por fim, engravidaram, ou mesmo, no discurso em que o pai afirma que somente a mãe da criança planejou ter o

filho. E por fim, a Teoria da Ação Conjuntural – TAC é observada se levarmos em conta os efeitos da paternidade na vida de jovens e adolescentes, já que a estrutura social que se forma após o evento da paternidade é determinada pelas normas culturais que condicionam os jovens a assumirem uma postura de pais. Isso poderá ser observado mais adiante, no item “o que mudou?”.

É interessante observar que, entre os 4 entrevistados que afirmaram ter planejado a gravidez, três afirmaram terem sentido alegria e felicidade ao saber da notícia de ser pai, enquanto um declarou uma mistura de alegria e desespero.

> **E:** Como foi quando você ficou sabendo que ia ser pai pela primeira vez?
>
> **R:** Foi uma emoção tão grande que fiquei desesperado porque foi um choque, de repente, a menstruação dela não desceu, aí nós fizemos as coisas certas para ver, e aí ela estava grávida. E eu fiquei feliz demais, eu era doido para ser pai. Como eu falei pra você, eu tenho responsabilidade, aí foi uma oportunidade pra ser pai. (Jeferson, 26 anos)

5.3.2 – A reação à notícia

Outro aspecto interessante de observar no contexto da fecundidade diz respeito à reação dos pais ao saberem da notícia. Como em muitos casos, o abalo e o choque levado pela notícia da paternidade foram comuns entre jovens e adolescentes (TRINDADE e MENANDRO, 2007). Tal momento é discutido em Cabral (2005) na perspectiva da assimilação, em que o “susto”, o “choque”, o “baque” é superado com o tempo, pela assimilação e aceitação do evento tanto da parte dos envolvidos diretos (pai e mãe) bem como da parte dos familiares.

> **E:** E como que foi quando você ficou sabendo que ia ser pai?
>
> **R:** Foi através de uma briga vamos dizer assim, porque ela estava suspeitando e não me contou e o clima começou a ficar muito ruim. Devido a essa suspeita dela ela começou a ficar muito estressada, muito chata e eu

não estava entendendo o que estava acontecendo. Simplesmente mudou, e aí a gente foi conversar eu falei: “Poxa você está diferente, o que está acontecendo?” aí ela foi e falou: “Acho que eu estou gravida”; “Então é por isso que você está do jeito que está estressada, brigando a toa?”. Então na verdade foi assim: através de uma mudança de temperamento dela e gerou uma DR[4] e ela resolveu contar, abrir o jogo.

E: E como que você se sentiu?

R: Na hora eu me senti sem chão! Aquela coisa que todo jovem pensa, que isso nunca vai acontecer com você. Então foi um choque muito grande, mas como era suspeita eu falei: “Vamos fazer um exame e vamos ver, se der a gente começa a traçar uma estratégia e vê o que faz”. E ela fez o exame, confirmou e aí a gente começou a por a cabeça no lugar. (José, 26 anos)

Quadro 6 – Comparativo sobre planejamento do primeiro filho e a reação do pai ao saber da notícia

Entrevistado	Idade	Planejou?	Reação do pai
Adão	22	Não	Susto/Baque/Choque
Adilson	23	Não	Susto/Baque/Choque
Alceu	23	Não	Susto/Baque/Choque
Antônio	23	Não	Surpresa/Mistura de alegria e susto
Alex	23	Não	Susto/Baque/Choque
Afonso	24	Sim	Alegria/Felicidade
Alan	23	Desejada, mas não planejada	Surpresa/Mistura de alegria e susto
André	23	Não	Surpresa/Mistura de alegria e susto
Adriano	21	Não	Susto/Baque/Choque
Aloízio	22	Não	Susto/Baque/Choque
Augusto	21	Não	Susto/Baque/Choque
João	24	Não	Susto/Baque/Choque
Jairo	24	Não	Alegria/Felicidade
Jonas	27	Sim	Alegria/Felicidade
Josué	28	Não	Alegria/Felicidade
Jeremias	24	Não	Susto/Baque/Choque
Joaquim	28	Desejada, mas não planejada	Alegria/Felicidade
José	26	Não	Susto/Baque/Choque
Junior	30	Não	Surpresa/Mistura de alegria e susto
Jeferson	26	Sim	Surpresa/Mistura de alegria e susto
Juliano	25	Sim	Alegria/Felicidade
Jhony	25	Não	Susto/Baque/Choque

Fonte: Resultados da Pesquisa

[4] DR é uma gíria que significa Discutir a Relação, utilizada por algumas pessoas.

Como pode ser visto no Quadro 4, não há diferença entre os pais que tiveram seus filhos na adolescência e aqueles que tiveram na juventude quanto à reação à notícia. O que pode ser notado é que, entre os que tiveram filho na adolescência, apenas um afirmou ter planejado, enquanto três que tiveram filhos na juventude afirmaram o mesmo, o que pode sugerir uma maior disposição ao planejamento entre os jovens do que entre adolescentes.

5.3.3 - Mudanças impostas pela paternidade: status conjugal

Uma das repercussões da fecundidade atual foi, para muitos, a decisão de morar junto com suas parceiras, casando-se ou não. Apenas quatro entrevistados já eram casados ou amigados quando engravidaram, sendo que três foram pais dos 20 aos 24 anos e um, dos 15 aos 19. Entre o restante, doze decidiram morar juntos (casar-se ou não) e em seis casos, deram certo e estão até hoje com as parceiras, mães do primeiro filho.

A decisão de morar juntos girou em torno do apoio da família (de ambos os parceiros), da antecipação do plano de casar-se ou juntar-se, do cumprimento de um protocolo (desejabilidade social), ou da busca pela autonomia e independência do casal.

> **E:** Vocês já estavam morando juntos, como é que foi a decisão de morar juntos?
>
> **R:** Não. A gente estava namorando, a gente tava pensando em casar, aí ela engravidou e a gente casou, foi bem rápido. Depois que a gente ficou sabendo que ela estava grávida a gente já adiantou para casar. Nós já íamos casar, mas no outro ano, sem pressa.
>
> **E:** Vocês anteciparam o casamento?
>
> **R:** Sim. (Josué, 28 anos)

Entre os que não moraram juntos em função da gravidez da parceira, as razões foram: não estava planejado; o namoro não deu certo; os pais não aceitavam a gravidez; e, o casal não tinha condições financeiras. Abaixo um

depoimento que corresponde à justificativa do não planejamento do casamento, e, portanto, os parceiros decidiram-se não precipitar nenhuma decisão em função apenas da gravidez.

> **E:** E vocês cogitaram a possibilidade de morarem juntos?
> **R:** Sim, cogitamos e desistimos. Porque quando nós estávamos namorando não fazia parte, é... Nós não queríamos na verdade fazer nada em função da gravidez. Então nós não casamos no período de gravidez, nós não começamos a morar juntos no período da gravidez, porque não queríamos fazer nada motivados por gravidez. Não queríamos responsabilizar a gravidez por nada, por nenhum insucesso, seja a aquisição de um imóvel, seja um insucesso de uma relação debaixo do mesmo teto. Então a gente esperou a poeira abaixar pra ver como que a gente ia fazer. Então a gente não fez nada baseado em gravidez, não, porque seria besteira. (José, 26 anos)

Entre os que já moravam juntos (quatro entrevistados), apenas dois permanecem com suas parceiras, sendo um há 8 anos e o outro, há 3.

Quadro 7 – Comparativo sobre planejamento do primeiro filho e repercussão de morar junto

Entrevistado	Idade	Planejou?	Repercussão 1 – Morar juntos	Deu certo? Ou estão juntos hoje (para os que não decidiram morar juntos no início da gravidez)?
Adão	22	Não	Sim	Não
Adilson	23	Não	Sim	Sim
Alceu	23	Não	Não	Sim
Antônio	23	Não	Não	Não
Alex	23	Não	Sim	Não
Afonso	24	Sim	Já moravam juntos	Não
Alan	23	Desejada, mas não planejada	Sim	Sim
André	23	Não	Sim	Não
Adriano	21	Não	Não	Sim
Aloízio	22	Não	Sim	Não
Augusto	21	Não	Não	Não
João	24	Não	Sim	Não
Jairo	24	Não	Sim	Sim
Jonas	27	Sim	NR	Sim
Josué	28	Não	Sim	Sim
Jeremias	24	Não	Já moravam juntos	Não
Joaquim	28	Desejada, mas não planejada	Sim	Não
José	26	Não	Não	Sim
Junior	30	Não	Sim	Sim
Jeferson	26	Sim	Já moravam juntos	Sim
Juliano	25	Sim	Já moravam juntos	Sim
Jhony	25	Não	Sim	Sim

Fonte: Resultados da Pesquisa

O Quadro 5 também mostra que não houve diferença entre os pais que tiveram seus filhos na adolescência e entre aqueles que tiveram na juventude no que tange à decisão de morar juntos após a notícia da gravidez da parceira. Mas nota-se que o sucesso desta decisão é diferente, pois para os que são mais velhos (tiveram seus filhos na juventude) maior parte ainda permanece morando com suas parceiras, sendo que apenas dois entrevistados que foram pais na adolescência e decidiram morar juntos ainda moram com suas parceiras/esposas.

5.3.4 - Mudanças impostas pela paternidade: comportamento reprodutivo

Interessou-nos, também, saber sobre a mudança de comportamento reprodutivo após o primeiro filho, por parte dos homens, no que diz respeito ao uso de preservativos. É interessante que, complementando à questão da responsabilização da parceira pela gravidez, alguns entrevistados afirmam terem tido mudanças, porém ao detalhar a questão, eles afirmam que a mudança foi por parte da parceira, que passou a fazer uso da pílula anticoncepcional, não havendo tido mudança por parte dos próprios entrevistados. Ou seja, a responsabilização tanto pela prevenção como da própria gravidez é mantida sobre a mulher.

> **E:** Depois de você ter tido a sua filha alguma coisa mudou na sua vida sexual em relação ao uso de preservativo?
>
> **R:** Muda.
>
> **E:** Muda o que?
>
> **R:** A gente toma cuidado.
>
> **E:** Você toma cuidado como?
>
> **R:** A menina que eu me envolvo toma o remédio e a gente acredita.
>
> **E:** Você acredita que ela usa?
>
> **R:** É. Se ela der mole também é mole dela, porque ela falou também que toma o remédio direitinho, aí depois vem e fala que está grávida! Eu não nego a prática de colocar criança no mundo não, se eu puder ter um monte de filho aí eu tenho, porque de criança eu gosto, mas tem que querer também. Do nada, assim, a gente não está preparado. (Aloízio, 22 anos)

Quadro 8 – Comparativo sobre planejamento do primeiro filho e repercussão de mudança no comportamento reprodutivo do homem

Entrevistado	Idade	Estado Conjugal	Planejou?	Repercussão 2 – Mudança no comportamento reprodutivo	Da parte de quem?
Adão	22	Amigado (2a RC)	Não	Valores	Da parceira
Adilson	23	Amigado	Não	Sim	Os dois
Alceu	23	Amigado	Não	Sim	Amadureci-mento
Antônio	23	Casado (2a RC)	Não	Sim	Da parceira
Alex	23	Solteiro	Não	Sim	Os dois
Afonso	24	Divorciado	Sim	Sim	Do parceiro
Alan	23	Amigado	Desejada, mas não planejada	Sim	Os dois
André	23	Divorciado	Não	Sim	Do parceiro
Adriano	21	Amigado	Não	Sim	Da parceira
Aloízio	22	Solteiro	Não	Sim	Da parceira
Augusto	21	Solteiro	Não	Sim	Os dois
João	24	Solteiro	Não	Não	Parou de ter relações sexuais (religião)
Jairo	24	Amigado	Não	Não	Da parceira
Jonas	27	Casado	Sim	Não	Do parceiro com as “de fora”
Josué	28	Casado	Não	Sim	Da parceira
Jeremias	24	Divorciado	Não	Sim	Os dois
Joaquim	28	Solteiro	Desejada, mas não planejada	Sim	Não usa
José	26	Casado	Não	Sim	Da parceira
Junior	30	Amigado	Não	Sim	Da parceira
Jeferson	26	Amigado	Sim	Sim	Os dois
Juliano	25	Casado	Sim	Não	-
Jhony	25	Amigado	Não	Sim	Da parceira

Fonte: Resultados da Pesquisa

O quadro acima mostra que não há um consenso entre quem foi pai na adolescência e quem foi na juventude sobre a mudança no comportamento do uso de contracepção. Chama a atenção o fato de que entre os pais que tiveram seus filhos na adolescência, quatro deles afirmaram haver tido mudanças no comportamento dos dois, enquanto apenas dois dos mais velhos afirmam o mesmo, podendo indicar que há uma maior consciência de prevenção à

contracepção entre os que tiveram filhos na adolescência. Conforme a afirmação anterior sobre a responsabilização da contracepção sobre a parceira, há uma maioria entre os que foram pais mais novos e os que foram pais na juventude de que “houve” uma mudança, porém da parceira.

5.3.5 – Mais filhos?

Um primeiro aspecto a ser observado no que diz respeito à fecundidade futura dos pais entrevistados diz respeito à mudança de atitude (ou não) ao receber a mesma notícia (de que serão pais novamente), pois ao falarem da reação, podem refletir sobre o desejo por mais filhos. Ou seja, para além da pergunta direta sobre o desejo de ter mais filhos, houve um direcionamento a partir da questão sobre o recebimento da mesma notícia atualmente.

Ao serem questionados sobre como receberiam a mesma notícia hoje, alguns pais afirmaram que, na condição de um filho planejado, a reação seria “mais tranquila” e menos impactante que no passado, pois já sabiam como pensar o futuro sob a responsabilidade de um filho.

> **E:** Hoje como que você receberia a mesma notícia?
>
> **R:** Olha eu acho que se eu não tivesse filha, e eu fosse pai hoje ai eu receberia bem melhor do que da primeira vez.
>
> **E:** Por quê?
>
> **R:** Porque eu já tenho uma idade bacana, na época eu era muito novo, eu tava numa fase de ainda não ter... Hoje eu já, por tudo que já aconteceu na minha vida, eu já consigo assimilar as coisas. Mas naquela época, como não era uma coisa que eu queria também, ficou parecendo que foi algo planejado, sem a minha opinião, então eu fiquei um pouco nervoso. Mas hoje não, se eu tivesse um filho hoje, planejado, viria de bom agrado. (Jeremias, 24 anos)

Outra questão relatada pelos entrevistados ao serem indagados sobre a reação ao receber a mesma notícia hoje foi o amadurecimento para lidar com a questão. Mesmo que não seja um filho planejado, alguns relataram receber a

notícia de forma mais tranquila, pois já sabem o que é a experiência de ser pai e afirmam estar mais preparados. Além disso, alguns afirmam que o impacto provocado pela notícia do primeiro filho foi gerado pelo medo e pela falta de expectativa quanto ao futuro, o que não ocorreria com a notícia de um segundo filho, uma vez já tendo vivido a experiência de ser pai.

> **E:** Hoje como que você receberia a mesma notícia?
>
> **R:** Hoje eu ficaria mais calmo, mais tranquilo, menos surpreso, porque agora eu já sei o que é ter um filho, o que é ter uma família. Então se vier agora pra mim é ótimo, eu amo criança, só de ouvir falar "pai", nossa... já fico doido. (Adilson, 23 anos)

Entretanto, o desejo por um filho planejado é evidente na fala de vários entrevistados, o que leva a crer que para esse grupo de pais a experiência do não planejamento pode ser superada pelo planejamento de um segundo filho.

> **E:** E você pretende ter mais filhos?
>
> **R:** Sinceramente eu gostaria de ter a oportunidade de planejar. Acho que o planejar deve ser uma sensação muito gostosa. Aquelas coisas bobas, você participar da escolha das roupinhas, escolha de cor do quarto, nome... Eu acho que toda essa parte ela é muito gostosa, infelizmente eu não pude me dar o luxo de curtir, de aproveitar essa fase. Na verdade eu tive que fazer as coisas às pressas, porque eu tinha nove meses para preparar tudo para a chegada da minha filha, então eu não podia me dar ao luxo de curtir nada. Não, eu tive que agilizar as coisas.
>
> **E:** O que é essa preparação?
>
> **R:** A preparação é o seguinte: é a questão do planejamento. É você se organizar, você estar preparado para receber, você ter uma casa, você ter uma estrutura, você ter um plano de saúde, tudo no jeito, tudo certinho. Então eu acho que é isso: é você estar preparado. Pronto, agora a criança pode vir que o quartinho já está pronto, estamos em uma união estável, temos uma casa, temos um bom plano de saúde, que a saúde da mãe

> permita que ela tenha uma criança, acho que isso é uma preparação. (José, 26 anos)

Ao serem indagados sobre o desejo por ter mais filhos, apenas três entrevistados afirmaram não desejarem mais filhos, sendo que dos três, um tem três filhos; outro, dois filhos e o terceiro, apenas um filho e em apenas um desses casos, o primeiro filho foi planejado.

Quadro 9 – Perspectiva de fecundidade futura entre os entrevistados

Entrevistado	Idade	Quantos filhos	Estado Conjugal	Planejou?	Como receberia a mesma notícia hoje?	Pretende ter mais filhos
Adão	22	2	Amigado	Não	Positiva	Não
Adilson	23	1	Amigado	Não	Positiva	Pretendo ter uma menina
Alceu	23	2	Amigado	Não	NR	Por enquanto não, esse segundo agora era mais desejo dos meus pais de ter um casal.
Antônio	23	2	Casado	Não	Positiva	Sim, esse filho eu quero planejar. [...].
Alex	23	1	Solteiro	Não	Positiva	Sim
Afonso	24	1	Divorciado	Sim	Susto	Pretendo. Um só.
Alan	23	2	Amigado	Desejada, mas não planejada	Positiva	Pretendo e quero.
André	23	1	Divorciado	Não	Positiva	Pretendo. [...] eu pretendia ter quatro, dois meninos e duas meninas, só que agora não, eu quero ter só dois.
Adriano	21	1	Amigado	Não	Positiva	Pretendo. Mais um só.
Aloízio	22	1	Solteiro	Não	Positiva	Pretendo.
Augusto	21	1	Solteiro	Não	Positiva	Pretendo ter uma filha. [...].
João	24	1	Solteiro	Não	Susto	Sim
Jairo	24	1	Amigado	Não	Positiva	Pretendo. Eu queria ter um casal. Mais um.

Continua

Continuação

Entrevistado	Idade	Quantos filhos	Estado Conjugal	Planejou?	Como receberia a mesma notícia hoje?	Pretende ter mais filhos
Jonas	27	3	Casado	Sim	NR	Não
Josué	28	1	Casado	Não	Positiva	Sim. Mais um.
Jeremias	24	1	Divorciado	Não	Positiva	Futuramente sim.
Joaquim	28	1	Solteiro	Desejada, mas não planejada	Positiva	Pretendo, tenho vontade de ter uma filha.
José	26	1	Casado	Não	Surpreso	Sinceramente eu gostaria de ter a oportunidade de planejar [...].
Junior	30	1	Amigado	Não	Surpreso	Não
Jeferson	26	1	Amigado	Sim	Surpreso	Mais pra frente sim, esperar ela crescer mais um pouquinho, pelo menos ter uns três/quatro aninhos.
Juliano	25	1	Casado	Sim	Positiva	Agora não, [...]... ter uma coisa melhor primeiro, depois... futuramente quem sabe, agora não.
Jhony	25	1	Amigado	Não	Positiva	Sim. Eu gostaria de ter mais um menino pra formar um casal.

Fonte: Resultados da Pesquisa

É consenso entre os entrevistados de que a reação à notícia hoje seria de alegria tanto entre os que foram pais na adolescência como entre aqueles que foram pais na juventude. É consenso, também, o desejo por mais filhos entre os dois perfis, incluindo a questão do planejamento e um discurso mais voltado para tal.

5.3.6 – Fecundidade dos filhos e filhas

Falar da fecundidade dos filhos e filhas implica, no mínimo, em repensar na própria experiência de fecundidade e estabelecer um ideal de idade para paternidade e maternidade. Isso ocorre notoriamente entre os pais entrevistados confrontando com o que se discutiu sobre a idade ideal para ser

pai ou mesmo para vivenciar cada etapa de vida segundo o que nos é socialmente imposto. Ou seja, aquele ideal comportamental que a sociedade espera que seus indivíduos os cumpra, sejam crianças, adolescentes, jovens ou adultos, que tanto é reprimido por esta população jovem, aqui se torna desejável quando os pais entrevistados respondem sobre a idade ideal para que seus filhos se tornem pais. O ideal de idade para paternidade, não cumprido ou vivenciado por uma geração (pais entrevistados), é desejável à outra, não significando, portanto, que será realizado/cumprido.

Além disso, ao mencionarem a própria experiência, os pais correm o risco de terem um viés de opinião sobre o ideal para os filhos devido ao que pensam sobre suas próprias experiências. Ou seja, o fracasso atual pode remeter a uma opinião tendenciosa para que se cumpra primeiro as etapas socialmente estabelecidas para então, depois terem filhos. Do mesmo modo, se a fecundidade atual foi desejada e planejada, o que representa um sucesso, pode resultar em viés que não corresponde à desejabilidade social da fecundidade, ou seja, a idade e o não cumprimento de etapas que precedem o evento da paternidade, não influenciam na decisão de ter filhos.

Assim os pais falam de erro, de “hora certa”, de momento certo, das fases que deveriam ter sido cumpridas antes de ter um filho, ou, na perspectiva dos filhos, de fases que deverão ser cumpridas antes de ter um filho. Estas fases são: estudo, trabalho e o casamento e são vistas como pré-requisitos para pensar em ter um filho. Alguns afirmam não terem tido filho com a idade certa (após o cumprimento dos requisitos socialmente desejáveis), mas colocam estas condições como requisitos para que seus filhos tenham filho.

> **E:** E com que idade que você gostaria que a sua filha tivesse filhos?
>
> **R:** Se ela casar cedo, a idade pra mim não importa. Eu não queria que ela fizesse a mesma coisa que eu fiz, eu queria que ela tivesse casada. A idade pra mim não importa muito.
>
> **E:** Por que lá atrás você falou de idade certa de alguma coisa com relação a isso: para ser pai, pra ser mãe... Você pensa pra sua filha, ou então assim, a idade de um homem e de uma mulher ter filhos, você acha que existe uma idade certa?

> **R:** Não, é igual eu te falei, eu tenho muito medo de ela cair no erro que eu e a mãe dela caiu. Isso que eu tenho muito medo hoje em dia. Que eu fico pensando... Pra ela ter filho... Igual eu tenho uma prima que ela casou aos dezesseis anos e aos dezessete ela teve uma filha. Tava, tá dentro do direito, tá ali mais ou menos certo, entendeu? A minha preocupação é essa: dela não viver assim... esse erro, entre aspas, que eu a mãe dela viveu.
>
> **E:** Mas por que você acha que é um erro?
>
> **R:** Pelo jeito que tudo foi, não tava planejado, não tava ninguém esperando... Tanto que não tava planejado, que com sete meses a gente separou, não aguentou a pressão, entendeu? Tem que ter uma estrutura melhor. (Alex, 19 anos)

Fica claro nesta fala, o desejo do cumprimento de determinadas etapas para que a filha do entrevistado tenha filhos no futuro. Neste caso, a efetivação do casamento é mais importante que a idade com que sua filha terá o filho.

O entrevistado menciona a pressão vivenciada pelo casal, sem, no entanto, informar de onde vem a pressão, mas em outros momentos deixa claro que a pressão é social e repercute na vida do casal, como neste caso que gerou a separação.

O Quadro abaixo mostra algumas informações básicas sobre a perspectiva dos pais entrevistados para que seus filhos e filhas tenham filhos.

Quadro 10 – Perspectiva de fecundidade dos filhos

Entrevistado	Idade	Estado Conjugal	Idade para que o (s) filho (s) tenha filho	Condição para que o (s) filho (s) tenha (m) filho (s)
Adão	22	Amigado	+- depois dos 22 anos	
Adilson	23	Amigado	16 a 18 anos	
Alceu	23	Amigado	20 a 25 anos	"já teve a área jovem, já sabe o que quer da vida."
Antônio	23	Casado	25 anos	
Alex	23	Solteiro	-	"Se ela casar cedo a idade pra mim não importa."

Continua

Continuação

Entrevistado	Idade	Estado Conjugal	Idade para que o (s) filho (s) tenha filho	Condição para que o (s) filho (s) tenha (m) filho (s)
Afonso	24	Divorciado	Idade adulta	Depois que ela já tiver estudo, tiver uma condição melhor, uma casa já, por exemplo, que já tiver tranquila tudo no tempo certo.
Alan	23	Amigado	-	Eu acho que bem depois que eu e a minha esposa tivemos, porque para eles terminarmos estudos, terem uma preparação.
André	23	Divorciado	25 a 27 anos	
Adriano	21	Amigado	25 a 27 anos	"É porque nessa idade já se formou e está com o pensamento mais avançado, já vai estar trabalhando."
Aloízio	22	Solteiro	-	"Ao menos conseguir uma casinha própria e não ter que sofrer e pagar aluguel, essas coisas."
Augusto	21	Solteiro	-	
João	24	Solteiro	25 anos	
Jairo	24	Amigado	-	"Quando eles estiverem uma base estruturada, [...] não falo só de verbas, mas a cabeça. A consciência mesmo do parceiro e dela, é mais isso."
Jonas	27	Casado	25 a 27 anos	"casados"
Josué	28	Casado	Acima dos 25	"Porque eu queria que eles estudassem primeiro."
Jeremias	24	Divorciado	25 a 26 anos	
Joaquim	28	Solteiro	-	Com a idade que fosse favorável a ele, ter uma condição bacana, ter uma estrutura voltada pra ele estar cuidando numa idade que ele já tenha uma cabeça boa desenvolvida voltada para ser pai.
José	26	Casado	-	"... a questão do planejamento, é você se organizar, você estar preparado para receber, você ter uma casa, você ter uma estrutura, você ter um plano de saúde tudo no jeito tudo certinho, [...] união estável, casa, plano de saúde, que a saúde da mãe permita que ela tenha uma criança."
Junior	30	Amigado	24 a 25 anos	
Jeferson	26	Amigado	18 a 19 anos	Com responsabilidade
Juliano	25	Casado	*De maior*	
Jhony	25	Amigado	Acima dos 20	Uma idade que eles já tivessem maduros, sabendo direito o que está fazendo porque hoje em dia as crianças já estão tendo relação sexual, jovens até adolescentes e assim muita menina nova com uma idade bem precoce, às vezes está estudando até atrapalha estudar.

Fonte: Resultados da Pesquisa

Outro aspecto interessante de observar sobre a desejabilidade para que seus filhos tenham filhos, diz respeito à reprodução intergeracional de gravidez na adolescência e juventude, onde a geração atual apenas reproduz o que as mães e pais fizeram (também tiveram filhos na adolescência e juventude). Isso não ocorre em todos os casos, mas apenas 4, das 19 mães não tiveram filhos entre esse período, e 7, dos 18 pais tiveram seus filhos acima dos 24 anos.

Quadro 11 – Reprodução intergeracional da fecundidade na adolescência e juventude

Entrevistado	Idade com que teve o primeiro filho	Idade que a mãe teve o primeiro filho	Idade que o pai teve o primeiro filho
Adão	16	-	-
Adilson	18	-	-
Alceu	19	-	-
Antônio	16	23	23
Alex	19	18	25
Afonso	19	16	26
Alan	18	19	24
André	19	20	20
Adriano	18	25	27
Aloízio	18	13	18
Augusto	19	23	27
João	20	21	-
Jairo	20	29	24
Jonas	22	21	18
Josué	21	23	20
Jeremias	22	26	20
Joaquim	24	18	24
José	22	22	22
Junior	24	18	30
Jeferson	24	20	29
Juliano	22	16	18
Jhony	22	29	32

Fonte: Resultados da Pesquisa

5.4 – O que mudou?

A análise final será feita buscando compreender o que a paternidade mudou na vida dos pais entrevistados, em vários aspectos, dentre eles, o de como os pais vivenciam a etapa de vida na qual se encontram (juventude) e como compreendem as etapas questionadas, procurando enfatizar os casos

em que houve um salto de etapas, seja no aspecto dos significados seja no aspecto da realidade vivenciada pelos pais, observado pelo discurso destes.

Os aspectos de mudança já mencionados aqui foram desde a decisão em morar juntos até alguma mudança no comportamento sexual por parte dos pais. Entretanto, alguns chamam a atenção devido à discussão na literatura, a saber, a transição entre etapas e o salto entre etapas vividas por homens e mulheres que se tornam pais e mães na adolescência e juventude. Além da análise voltada para o que se discute na literatura, merecerão destaques questões relevantes que surgem deste trabalho, porém pouco discutidas, ou não tratadas de modo geral na literatura sobre fecundidade na adolescência.

Trataremos primeiramente das questões menos discutidas na literatura e não abordada no trabalho, entretanto consideradas importantes. Respeito às mulheres, respeito à figura do pai e a chance de estar vivo, foram os três aspectos mencionados como impacto causado na vida dos pais que mais chamaram a atenção.

Torna-se claro, no contexto das entrevistas, que a questão sobre o respeito à figura do pai e a chance de estarem vivos devido ao nascimento de um filho está vinculado à assunção de uma responsabilidade antes impensada. Apenas para a questão do respeito à (às) mulheres a questão da responsabilidade não está vinculada.

O discurso que revela que ser pai torna o indivíduo uma pessoa mais respeitada pela sociedade, nos leva ao que a literatura discute sobre o novo papel de pai (GIULIO e CARROZZA, 2007), pois a fala dos entrevistados revela que o respeito é dado ao pai que é responsável, que cuida, que consegue manter uma família, mas que, também, dá carinho, atenção e está sempre ao lado filho. Ou seja, o respeito ao pai (o jovem que se torna pai), vivenciado pelo pai entrevistado, se dá em função destas duas perspectivas, a de um pai tradicional e a de um pai moderno.

O respeito mencionado pelo entrevistado pode representar, também, uma forma de superação por parte do mesmo, daquilo que, antes rejeitado pela sociedade – a paternidade na adolescência e juventude –, agora é visto como algo normal, ou naturalizado. Ou mesmo representar o que ocorre na perspectiva das mães adolescentes de classe média baixa, que a fecundidade se justifica no status adquirido diante dos pares e na comunidade em que

vivem, de respeito, reconhecimento e autonomia (AQUINO *et al*, 2006 *apud* CHAGAS, 2012).

> **E:** E o que significa ser pai pra você?
>
> **R:** Ser pai é bom aos olhos de muita gente... Eu acho que muita gente te olha diferente, que respeita né, vê que... Que você é um pai responsável, que se preocupa com o filho, você não deixa o filho jogado, está sempre ali do lado. Então ser pai é bom, é um aprendizado pra você né, é muito bom ser pai.
>
> **E:** Como foi quando você ficou sabendo que ia ser pai pela primeira vez?
>
> **R:** Foi um baque, porque na época eu não trabalhava, só estudava. Foi meio pesado na época, porque é muita responsabilidade, todo mundo me cobrou isso: "Como é que você vai fazer agora? E agora?". Aí eu tomei meio que um susto né, aí parece que a ficha caiu e eu falei: "Não... agora a coisa é séria." Mas também eu deixei um pouco de vaidade de lado, comecei a trabalhar e fui embora... (Adão, 22 anos).

Outro aspecto que chamou atenção nas entrevistas realizadas foi a declaração de que o filho mudou a vida do pai a ponto de ele refletir sobre estar vivo até hoje. A pergunta que os levou a responder isso foi: "Se você não tivesse o primeiro filho como seria sua vida hoje?". Aliada a esta questão, houve a questão do impacto da notícia da gravidez da parceira, que obteve respostas sobre a reação dos pais neste momento, onde alguns assumem a questão da responsabilidade e do comprometimento maior com a vida.

> **E:** Se você não tivesse o seu primeiro filho como seria a sua vida hoje?
>
> **R:** Não sei, sei lá se eu tivesse vivo ainda.
>
> **E:** Por quê?
>
> **R:** Eu me envolvi com muita coisa errada antes de conhecer a minha esposa, antes dela engravidar eu fiz muita coisa errada.
>
> **E:** E quando que você parou de fazer essas coisas erradas?

> **R:** Ela engravidou a gente gostava muito um do outro, aí eu deixei tudo de lado. (Alan, 23 anos).

O terceiro aspecto curioso observado nas entrevistas chama a atenção para a questão do respeito à figura da mulher. A mulher enquanto mulher, independente de ser mãe, parceira, ou esposa. Basta que seja uma filha mulher para mudar a concepção sobre como se vê uma mulher. Ou seja, o homem repensa o seu papel de virilidade, de pegador ao qual se ocupa na sua vida sexual, fundamentalmente, nessa faixa etária.

> **E:** E depois de ter a sua primeira filha, algo mudou no seu comportamento sexual?
> **R:** Com certeza. Ainda mais que é uma menina, depois que a gente tem uma menina, o cara que é homem passa mais a respeitar as mulheres, esse negócio de jogar as mulheres para baixo, essas coisas assim a gente pensa duas... três vezes antes de falar qualquer coisa com a mulher, a gente não quer que faz isso com a filha. Então... uma menina... eu acho que é importante o homem ter uma menina, porque ele pensa diferente depois que ela nasce.
> **E:** Como assim jogar as mulheres para baixo?
> **R:** Porque tipo assim... Às vezes você faz algum comentário sobre uma mulher... tal... às vezes sai que "Tal mulher é isso... tal mulher é aquilo..." Mas às vezes você não sabe de nada, você faz um comentário porque ouve os outros falando. (Adão, 22 anos).

Por mais que tenham surgido questões diversas sobre o impacto provocado na vida dos pais pela paternidade, tais como os mencionados acima, o discurso da responsabilidade está presente na fala de todos os entrevistados. Em muitos estudos a responsabilidade está ligada à entrada no mercado de trabalho já que o pai pensa em sustentar uma filha e uma família (TRINDADE e MENANDRO, 2007), entretanto, não é possível afirmar que isso ocorre entre os pais entrevistados aqui, pois 19 deles começaram a trabalhar antes de ter tido o primeiro filho. Mesmo que em funções precárias ou não

formalizado, o trabalho para estes jovens foi uma oportunidade de independência financeira dos seus pais, autonomia para o consumo de bens materiais próprios e assim, de formação de sua identidade.

> **E:** Por que você começou a trabalhar, teve algum motivo especial?
> **R:** Não, eu via as coisas e queria comprar aí eu comecei a querer trabalhar cedo e comprar minhas coisas, com o meu dinheiro, porque o meu pai não tem condições, ele tem condições pra criar a gente, de vida, mas não tem para dar as coisas que eu queria. Daí eu comecei a trabalhar para conquistar as minhas coisas. (Adriano, 21 anos).

A responsabilidade mencionada pelos pais entrevistados está relacionada ao papel de provedor que os mesmos assumem após a vinda do filho. Ou seja, para além de conseguir um emprego, os entrevistados afirmam a necessidade de se manterem no que estão ou de alcançarem algo melhor. Alguns deles ainda afirmam uma mudança de comportamento em relação a maturidade para lidar com determinadas questões em função de garantir o sustento do filho e da família, nos casos em que uma das repercussões foi a decisão de morarem juntos.

> **E:** O que significa ser adolescente para você?
> **R:** Tipo um degrau acima, uma responsabilidade, uma experiência na vida da gente.
> **E:** Que tipo de experiência?
> **R:** Uma responsabilidade a mais. Igual hoje, por exemplo, antes eu pensava só em mim, hoje eu já tenho que pensar em mim e na minha filha. Ficar desempregado eu tenho que mandar a pensão para a minha menina, tem que ter esse compromisso com a minha filha. (Afonso, 24 anos).

Ao assumirmos que o que o entrevistado pensa acerca da fase de vida adulta quando perguntamos “O que significa ser adulto?”, é o que ele vivencia ao responder sobre “O que significa ser pai?”, já que as respostas se complementam, então supomos que muitos saltam a etapa da juventude em

termos de significado e vivência se posicionando como adultos – para si próprios e para a sociedade.

Figura 4 – Significado de ser pai

Fonte: Resultados da pesquisa com base no software Tagul.

Como podemos ver na nuvem de palavras acima, o termo “responsabilidade” aparece com mais evidência nas falas dos entrevistados assim como visto na figura 2, sobre o significado de ser adulto. Logo, é possível supor que, para estes jovens entrevistados, há um salto de etapas, já que o elemento chave do que eles pensam sobre a vida adulta é o mesmo elemento do que eles pensam sobre a paternidade, vivenciada por eles.

Além do aspecto que liga as fases da vida adulta e da paternidade que é a responsabilidade, estão presentes, na concepção de pai entre os entrevistados, elementos de uma figura paterna mais contemporânea como “estar presente”, “educar”, dar “carinho” e “afeto” tal qual como discutido sobre a nova figura do pai, indicando certa mudança do processo parental entre os entrevistados e até mesmo uma aceitação desse novo papel de pai. Entretanto, estes não anulam a figura emblemática do pai tradicional que “sustenta a casa e o filho”, como elemento forte ainda mantido em nossa sociedade.

5.5 Transição de status

Sob a perspectiva da transição para a vida adulta observada a partir das sequências estabelecidas por Sackmann e Wingens (2003), não há uma predominância de alguma sequência, tendo sido observadas mudanças representativas de várias delas conforme pode ser visto:

1ª – Ruptura (*Rupture*): A → B

Aqui podem ser mencionados os casos em que os pais abandonaram um estilo de vida, para então se dedicarem à paternidade, que agora demanda deles tal mudança de comportamento. Um caso emblemático que pode ser representado é o do pai Adilson que afirmou não saber se estaria vivo caso não tivesse tido o filho, pois se envolvia com "muita coisa errada". No caso dele, a ruptura se deu no abandono do crime para alcançar uma responsabilidade antes impensada. Neste caso o evento A caracteriza-se pelo comportamento antigo, envolvido em atos ilícitos, e o evento B, pelo novo comportamento, de abandono de tais atos:

> **E**: E se você não tivesse o primeiro filho, como que seria a sua vida?
>
> **R**: Ah não sei, talvez eu nem estava aí mais.
>
> **E**: Por que? Não estava aí mais... Onde?
>
> **R**: Eu acho que nem vivo eu estava mais, porque eu era meio perdido, nossa... (Adilson, 23 anos).

2ª – Interrupção (*Interruption*): A → B → A

Embora a interrupção seja uma sequência amplamente difundida entre os estudos de fecundidade na adolescência e juventude, reforçando prejuízo apenas na vida das mães, não foi observada esta sequência entre os pais entrevistados. Talvez pelo fato de este fenômeno ocorrer, majoritariamente, entre as mães. Entre os pais, observa-se apenas uma interrupção, porém sem retorno ao evento A, correspondendo, portanto, a sequência trada a seguir.

3ª – Mudança (*Change*): A → B → C

A sequência de mudança é considerada a sequência mais clássica, junto com a interrupção e aqui, a mais evidente na maioria dos casos para os pais entrevistados. Torna-se evidente, sobretudo, a mudança que diz respeito ao alcance de uma responsabilidade para cuidar do filho, que, acima de tudo é conquistada por meio de um trabalho, que só é possível abrindo mão de um projeto já existente (ex: escola). Desta forma, a assimilação não só da paternidade, mas de que o trabalho, a partir de agora, seria uma constante na vida destes jovens, foi um processo pelo qual muitos passaram e mencionaram. Neste caso o evento A é representado pela escola; B, pela paternidade, e; C, pelo trabalho.

> **E**: Como foi quando você ficou sabendo que ia ser pai pela primeira vez?
>
> **R**: Foi um baque, porque na época eu não trabalhava, só estudava [...] todo mundo me cobrou isso: "Como é que você vai fazer agora?", "E agora?". Aí eu tomei meio que um susto né, aí parece que a ficha caiu e eu falei: "Não... agora a coisa é séria." Mas também eu deixei um pouco de vaidade de lado, comecei a trabalhar e fui embora... (Adão, 22 anos).

É importante ressaltar, nesta sequência que, daqueles pais entrevistados que afirmaram estar estudando, nenhum afirmou ter interrompido os estudos para depois voltar, mas ter abandonado-o para dedicar-se ao trabalho, ou ter iniciado o trabalho, concomitante aos estudos.

4ª – Ponte (*Bridge*): A → AB → B

Não há registros de casos em que os pais transitaram do evento A para o evento B pela combinação de eventos (A + B), como no caso de transitar do trabalho para o não trabalho pela combinação resultante, por exemplo, da licença paternidade (emprego + não-trabalho).

5ª – Retorno (*Return*): A AB A

O retorno aqui pode ser compreendido pela repercussão da assimilação da paternidade na vida profissional ou escolar dos pais. Ou seja, o jovem encontrava-se apenas no evento A (escola). A partir do momento em que

soube que seria pai (B) e somado a isso, o jovem empenhou-se ainda mais em estudar e, como resultado da combinação dos dois eventos (A e B) ele dedicou-se ainda mais no evento A.

> **E**: E se você não tivesse a sua filha como que seria a sua vida hoje?
>
> **R**: Com certeza absoluta eu não teria nem sido promovido eu acho, porque assim... Eu era meio intolerante [...] então por diversas vezes eu pensei em sair [do trabalho], mas eu nunca saí porque tinha a Gabi, e aí eu pensei: "eu estou cansado de fazer o que eu estou fazendo então eu vou estudar porque é a única maneira de eu conseguir alguma coisa melhor para a Gabriela, melhor pra mim, melhor pra mãe". Provavelmente se eu não tivesse a Gabi eu estaria em outro emprego [...] e eu acredito que eu não teria feito esse curso de projetista que eu fiz, que é incrível, muito bom. Então eu estou muito satisfeito, então a Gabriela me realizou indiretamente, ela me realizou não só profissionalmente é claro, mas com o amor que ela me dá, o carinho... Então eu estou muito satisfeito. (José, 26 anos).

6ª – Fusão (*Fusion*): A ⟶ B ⟶ AB

A sequência da fusão foi observada entre os pais entrevistados na medida em que muitos afirmaram terem que se adaptar a partir dos vários questionamentos que lhes foram feitos tais como: "E agora? Como é que você vai fazer?". A não preparação e o não planejamento da paternidade implicam, necessariamente, em ter que adaptar-se, repentinamente, a uma nova vida que lhes é imposta, a vida de pai. Sobre este aspecto foram várias as menções de adaptação, corroborando com a assimilação reportada em Cabral (2005). Nestes casos, o evento A configura-se pelos estudos, ou pelo trabalho e o evento B, pela paternidade. Após a notícia, a adaptação se dá entre ter que arcar com as duas tarefes: trabalho/escola e cuidar e assumir o filho.

> **E**: Quando ficou sabendo que ela estava grávida?
>
> **R**: A primeira coisa eu pensei... a gente vai morar junto e eu fui trabalhar dobrado e comecei a pensar mais neles. (Alan, 23 anos).

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta dissertação de mestrado foi entender os impactos da fecundidade ocorrida na adolescência e juventude sobre a vida de homens residentes em Belo Horizonte e na Região Metropolitana, ajudando a dar visibilidade aos pais, tradicionalmente negligenciados nos estudos sobre fecundidade. Além disso, o estudo possibilitou avaliar como a paternidade vivida entre estes pais impactou no modo como os mesmo transitam à vida adulta na perspectiva do ciclo de vida.

Entre janeiro e fevereiro de 2015, foram realizadas vinte e duas entrevistas semi-estruturadas com homens entre 21 e 30 anos, que foram pais pela primeira vez na adolescência (entre 15 e 19 anos) ou na juventude (entre 20 e 24 anos). As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, gerando 479 páginas de transcrição, que foram analisadas com base na análise de conteúdo.

Nuvens de palavras foram construídas a partir das respostas dos entrevistados nas questões sobre o significado de ser adolescente, jovem e adulto. Alguns entrevistados afirmam que as fases se misturam e não há, com clareza, uma idade certa para defini-las. Outros dizem que há comportamentos que marcam a permanência em cada etapa.

O início da adolescência, por exemplo, está associado à capacidade de comprar seus próprios pertences, enquanto que uma característica do adolescente é ser extrovertido/brincalhão. Quanto à juventude, o trabalho é um marcador do início dessa etapa. As palavras “curtição” e “responsabilidade” transitam da fase da adolescência para a fase adulta, em sentidos opostos. Enquanto curtição deixa de ter evidência, a responsabilidade passa a ocupar o primeiro plano da imagem na fase adulta. Mesmo que o discurso da responsabilidade nas fases da adolescência e juventude não tenha sido majoritário entre os respondentes, é factível supor que ter filho foi condição minimamente necessária para que estes pais assumissem responsabilidades antes não planejadas.

Em algumas falas, fica claro que o fato de terem começado a trabalhar cedo ou terem tido filhos neste período os impediu de desfrutar momentos que

dizem respeito a estas etapas, tais como curtir e aproveitar. É a curtição que melhor simboliza a fase da adolescência.

Ao mencionarem que juventude significa “planos” e “amadurecimento”, os entrevistados falam de transição e sugerem que há um ideal de fases pelas quais cada um tem que passar, cumprindo certos requisitos para melhor desempenharem seus papeis sociais. Ao chegar à fase adulta, os entrevistados reconhecem que há uma necessidade de descontração/curtição, mas a responsabilidade ocupa o lugar mais importante nesta etapa. Os termos “responsabilidade” e “trabalho”, quando surgem nas fases da adolescência e juventude, são vinculados à paternidade, ou seja, aparecem como uma consequência deste evento.

Assim, a paternidade levou os pais entrevistados nesta pesquisa a adquirir responsabilidades que antes não tinham e os fez transitar para a vida adulta, independentemente da idade que tinham à época do nascimento do primeiro filho. Isto não quer dizer que a paternidade leve, necessariamente, à vida adulta; aqui foi o caso porque todos os entrevistados assumiram seus filhos. Além disso, houve caso de entrevistado que admitiu que a paternidade o tirou do “mal caminho”. Nesse sentido, a paternidade considerada precoce pode ter consequências positivas na vida de homens adolescentes e jovens.

No que diz respeito às sequências que configuram a transição para a vida adulta, fica claro que há uma predominância da sequência 3, de mudança (change), na qual muitos pais mudam do status “A - escola” a partir do evento “B - paternidade”, passando ao status “C - trabalho”. Diferentemente do que ocorre com a maternidade na adolescência e juventude, onde predomina a sequência 2, da interrupção (interuption), em que as mães interrompem o status “A - escola”, após o evento “B - gravidez”, regressando ao status “A - escola”. A sequência 1 (ruptura/rupture), é marcante na transição para a vida adulta destes jovens a partir do evento da parternidade, mas não é representativa, já que e marcada por casos pontuais, não se generalizando entre os entrevistados. As sequências que resultam de ou resultam em combinações são menos registradas, representando, também casos pontuais não se constituindo a maioria.

Não houve diferença entre os pais que tiveram seus filhos na adolescência e aqueles que tiveram na juventude quanto à reação à notícia da

gravidez – a maioria fala em “choque” e “susto”. Ao serem questionados sobre como receberiam a mesma notícia hoje, caso tivessem outro filho, alguns pais afirmaram que, ao ter um filho planejado, a reação seria “mais tranquila” e menos impactante que no passado. Portanto, é a falta de planejamento da fecundidade e a gravidez inesperada que suscitam a reação mencionada por eles.

No que tange à decisão de morar juntos após a notícia da gravidez, também não houve diferença entre os pais que tiveram seus filhos na adolescência ou na juventude. No entanto, mais pais jovens do que pais adolescentes permanecem em união com as mães de seus filhos, o que pode sugerir uma maior estabilidade de uniões que aconteçam a partir dos 20 anos.

Ao serem indagados sobre o desejo de ter mais filhos, apenas três entrevistados afirmaram não desejarem mais filhos – um tem 3 filhos, um tem 2 filhos e um tem 1 filho. Este desejo por mais filhos contribui para que, ao menos neste pequeno e seletivo grupo, a fecundidade se aproxime do nível de reposição.

Quando falam da fecundidade futura, sobre quando seus filhos e filhas se tornarem pais e mães, os entrevistados ressaltam que a maternidade e a paternidade devem ocorrer na “hora certa”. Além disso, certas fases devem ser cumpridas antes de ter um filho – estudar, trabalhar e casar. Interessante ressaltar que eles próprios pularam estas etapas ou as viveram em uma ordem distinta da considerada normativa, mas ainda assim desejam que seus filhos e filhas tenham uma trajetória distinta da deles.

Finalmente, o significado de ser pai está fortemente associado ao termo “responsabilidade”, que também aparece nas falas dos entrevistados como uma característica da vida adulta. Além da responsabilidade, ser pai está ligado a “estar presente”, “educar”, dar “carinho” e “afeto”, indicando mudanças na percepção da figura do pai em relação ao passado, mas sem deixar de lado o papel tradicional do pai provedor, que “sustenta a casa e o filho”.

Ainda que esta dissertação tenha contribuído para dar visibilidade aos pais no processo da fecundidade e tenha ajudado a desmistificar a visão de que a paternidade precoce é necessariamente ruim, ela tem várias lacunas. Uma delas está exatamente no fato das entrevistas terem sido feitas somente com homens. No futuro, seria interessante comparar a visão de pais e mães

adolescentes e jovens no que diz respeito aos temas tratados aqui. A suspeita é que tanto a paternidade quanto a maternidade, quando vividas de forma intensa, têm fortes consequências nas vidas de adolescentes e jovens. Outra lacuna diz respeito aos entrevistados formarem um grupo seletivo, que assumiu a paternidade. No futuro, seria interessante comparar os pais adolescentes e jovens entrevistados aqui com outros cuja paternidade teve pouco ou nenhum efeito em suas vidas. Uma terceira lacuna é o fato da pesquisa estar circunscrita a adolescentes e jovens homogêneos no que tange ao nível socioeconômico, uma vez que todos residem em bairros periféricos de Belo Horizonte e Região Metropolitana. Seria interessante investigar como é a paternidade na adolescência e juventude entre os mais privilegiados. Por fim, seria ótimo que alguns dos resultados encontrados aqui pudessem ser testados, através de pesquisa amostral e questionários quantitativos, com o objetivo de obter resultados generalizáveis.

Apesar das lacunas, essa dissertação pode contribuir para incentivar os fazedores de políticas a pensarem em políticas sociais que promovam a paternidade responsável. Um pai presente – que cuida, educa, dá carinho e é provedor – pode ter um impacto positivo não apenas na criança, mas também na vida dos próprios pais.

7 – REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. e CASTRO, M. G. (Orgs) **Juventudes, Juventudes: o que une e o que separa.** Brasilia: UNESCO, 2006. p. 744

ALMEIDA, M. C. C. *et al*. School trajectory and teenage pregnancy in three Brazilian state capitals. **Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro, 22 (7), p. 1397-1409, jul, 2006.

ALVES, J. E. D. Transição da Fecundidade e Relações de Gênero no Brasil. Dissertação de Mestrado em Demografia. Belo Horizonte, UFMG/FACE/Cedeplar, 1994.

ARÃO, L. Fala Galera: O modo de expressão do jovem. In: FRAGA, F. C. B. *et al* (Org). **Dez Ollhares sobre a Juventude.** Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa, 2011.

ARIÈS, P. **A História social da criança e da família.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa/Portugal, Edições 70, 2009.

BASSI, C. Exposição à maternidade precoce e estratos sociais das adolescentes brasileiras: justificativas via determinantes próximos das taxas de fecundidade. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: 2008.

BERQUÓ, E. S.; CAVENAGHI, S. M. Mapeamento Sócio-econômico e demográfico dos níveis de fecundidade no Brasil e sua variação na úlltima década. In: **XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2004**, Caxambu, MG. **Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Campinas, ABEP, 2004.

BERQUÓ, E. S.; CAVENAGHI, S. M. Notas sobre os diferenciais educacionais e econômicos da fecundidade no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População.** V. 31, n. 2, p. 471-482, jul/dez. 2014.

BLANCO, M. El enfoque del curso de vida: Orígenes y desarrollo. In: Revista Latinoamericana de Población. Ano 4, No. 8 (Enero/junio 2011), pp. 5-31.

BOTELHO, A. **Essencial Sociologia.** 1ªed. São Paulo: Penguin Classics - Companhia das Letras, 2013. p. 610.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro, Editora Marco Zero, 1983. p. 281.

BOZON, M. As características da População Pesquisada. In: HEILBORN, M. L. *et al* (ORGs). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros.** Rio de Janeiro, Garamond e Fiocruz, 2006.

BRADLEY, S. e NGUYEN, A. N. The school-to-work transition. In: Intenational Handbook on the Economics of Education. Edited Geraint Johnes, Jill Johnes. Cheltenham, UK - Northampton, MA, USA: Edward Elgar Publishing Ltd., 2004.

BRANDÃO, E. R. Gravidez na adolescência: um balanço bibliográfico. In: HEILBORN, M. L. *et al* (ORGs). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros.** Rio de Janeiro, Garamond e Fiocruz, 2006.

BRASS, W. e COALE, A. J. “Methods of analysis and Estimation”. In: BRASS, W. et. Al. The Demography of Tropical Africa. Princeton, Princeton University Press, 1973.

CABRAL, C. S. Gravidez na adolescência: Negociações na família. In: HEILBORN, M. L. *et al*. **Sexualidade, família e ethos religioso.** Rio de Janeiro: Gramond, 2005.

CABRAL, C. S. Reprodução e sexualidade juvenil: a paternidade na adolescência em foco. In: MIRANDA-RIBEIRO, P e SIMÃO, A. B. (Orgs) **Qualificando os números: estudos sobre saúde sexual e reprodutiva no Brasil.** 2ª ed. Belo Horizonte: ABEP: UNFPA, 2009.

CAMARANO, A. A. Fecundidade e anticoncepção da população jovem. In: **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: CNPD, 1998. v.1, p. 109-133.

_____ (Org.) **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro, IPEA, 2006. p. 332.

CAMARANO, A. A. *et al*. Um olhar demográfico sobre os jovens brasileiros. In: CASTRO, J. A. *et al* (Orgs). **Juventude e políticas sociais no Brasil.** Brasília, IPEA, 2009.

CARVALHO, J. A. M. A recente queda da fecundidade no Brasil: evidências e interpretações. Monografia 12. Belo Horizonte, UFMG/FACE/Cedeplar, 1981.

CARVALHO, J. A. M. e BRITO, F. A. A demografia brasileira e o declínio da fecundidade no Brasil: contribuições, equívocos e silêncios. **Revista Brasileira Estudos Populacionais.** v. 22, n. 2, p. 351-369, 2005.

CARVALHO, A. A. Insatisfação ou discrepância? Uma análise das preferências de fecundidade e do comportamento reprodutivo de casais de alta escolaridade em Belo Horizonte/MG. Tese de Doutorado em Demografia. Belo Horizonte, UFMG/FACE/Cedeplar, 2014.

CARVALHO, A. e PINTO, M. Veloso. Ser ou não ser... Quem são os adolescentes? In: CARVALHO, A., SALLES, F. e GUIMARÃES, M. (Orgs). **Adolescência.** Belo Horizonte, Editora UFMG, Proex-UFMG, 2009.

CASTRO, M. G. e MIRANDA, M. B. S. Juventude, Gênero, Família e Sexualidade: combinando tradição e modernidade. In: **Família, Gênero e Gerações: desafio para as políticas sociais.** São Paulo, Paulinas, 2007.

CECCARELLI, P. R. Paternidade e Masculinidade. In: **Paternidade Com Ciência** – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/> Acesso em: 18 mai. 2015.

CEDEPLAR. Educação e População: Módulo Produtividade Educacional com Basse nas Pesquisas Domiciliares e no Censo Demográfico. Análise dos Indicadores Educacionais Calculados Durante o Convênio INEP/CEDEPLAR (29/2002). Sumário Executivo, 2005.

Centro de Estudos e Pesquisa em Saúde Coletiva (CEPESC). Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de conteúdo. Rio de Janeiro, CEPESC 2009.

CESAR, C. C. *et al*. Efeito-Idade ou Efeito-Pobreza? Mães adolescentes e mortalidade neonatal em Belo Horizonte. Revista Brasileira de Estudos de População. V. 17, N. 1/2, Jan. /dez. 2000.

CHACAM, A. S. *et al*. Autonomia, gênero e gravidez na adolescência: uma análise comparativa da experiência de adolescentes e mulheres jovens provenientes de camadas médias e populares em Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Estudos de População.** V. 29, n. 2, p. 389-407, jul./dez. 2012.

COUTINHO, R. Z. e MIRANDA-RIBEIRO, P. Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude: lições de uma revisão bibliográfica sistemática de mais de meio século de pesquisas. **Revista Brasileira de Estudos de População.** V. 31, n. 2, p. 333-365, jul./dez. 2014.

DAYREL, J. T. Juventude, socialização e escola. In: Família, Escola e Juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte, UFMG, 2012.

ESTEVES, L. C. G. e ABRAMOVAY, M. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, M. *et al*. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade.** Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: UNESCO, 2007.

FONTOURA, N. O. e PINEIRO, L. S. Síndrome de juno: gravidez, juventude e políticas públicas. In: CASTRO, J. A. *et al* (Orgs). **Juventude e políticas sociais no Brasil.** Brasília, IPEA, 2009.

GIULLIO, P. e CARROZZA, S. The New Role of The Father. In: Pinnelli *et al*. **Gender in the Life Course.** The Springer Series on Demographic Methods and Population Analysis 19. 2007.

GOFFMAN, E. **Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro, Editora LTC, 1891.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de Pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Record, 2004.

GOMÉZ, G. R. La metodología cualitativa en la demografía: una propuesta desde la fecundidade. **Revista Brasileira Estudos Populacionais.** v. 29, n. 1, p. 53-65, jan/jun, 2012.

GROPPO, L. A. Juventude: Ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

_____ Dialética das Juventudes Modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime.** Ano 13, N^{o}. 25, pp. 9-22, Dezembro, 2004.

HEILBORN, M. L. e CABRAL, C. S. Parentalidade Juvenil: Transição condensada para a vida adulta. In: CAMARANO, A. A. (Org) **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro, IPEA, 2006.

HEILBORN, M. L. (Org.) **Sexualidade: o olhar das ciências sociais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

KERTZER, D. I. Qualitative and Quantitative approaches to historical demography. Population and Development Review. 23 (4), p. 839-846, Dezembro, 1997.

LEVANDOWSKI, D. C. Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. Estudos de Psicologia. 6(2), 195-209, 2001.

LEVANDOWSKI, D. C. e PICCININI, C. A. Paternidade na adolescência: aspectos teóricos e empíricos. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano.** 14(1), p. 49-62, São Paulo, 2004.

LIVI-BACCI, M. Crises de mortalidade: definição, métodos de cálculo, análise de consequências. In: MARCÍLIO, M.L. (org). População e Sociedade. Petrópolis: Vozes, p. 69-109, 1984.

LONGO, L. A. F. de B. Juventude e contracepção: um estudo dos fatores que influenciam o comportamento contraceptivo das jovens brasileiras de 15 a 24 anos. **Revista Brasileira de Estudos de População.** V. 19, n. 2, p. 229-247, jul./dez. 2002.

LOYOLA, M. A. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: HEILBORN, M. L. (Org.) **Sexualidade: o olhar das ciências sociais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LYRA, J. Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo,1997.

MEDRADO, B. e LYRA, J. A adolescência "desprevenida" e a paternidade na adolescência: uma abordagem geracional e de gênero. In: SCHOR, N. MOTA, M. S. F. T. e BRANCO, V. C. (Orgs), **Cadernos de Juventude, saúde e desenvolvimento.** Brasília. Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, V. 1, p. 230-248, 1999.

MINAYO. M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo, Hucitec, 2014.

MIRANDA-RIBEIRO. P. et al. "É igual chupar bala com papel": a vulnerabilidade feminina ao HIV/AIDS e o uso de camisinha em Belo Horizonte e Recife. In: Qualificando os números: estudos sobre saúde sexual e reprodutiva no Brasil. Org. Paula Miranda-Ribeiro, Andréa Branco Simão. 2ª ed. Belo Horizonte: ABEP: UNFPA, 2009.

NAÇÕESE UNIDAS. World Population Prospects: The 1993 revision. Nº E.93 XVIII.

NASCIMENTO, A. M. Aspectos da transição para a vida adulta no Brasil, dos filhos adultos que residem com os pais, segundo a Pesquisa sobre Padrões de Vida 1996-1997. Trabalho apresentado no XVI **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

OBERMEYER, C. M. Qualitative Methods: A key to a better understanding of demographic behavior? Population and Development Review. 23 (4), p.813-815, Dezembro, 1997.

OLIVEIRA, E. L. et al. Transições dos jovens para o mercado de trabalho, primeiro filho e saída da escola: o caso brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos de População.** V. 23, n. 1, p. 109-127, jan./jul. 2006.

OLIVEIRA, M.C., BILAC, E.D., MUSZTAT, M. Homens e anticoncepção: um estudo sobre duas gerações masculinas das "camadas médias" paulistas. In: MIRANDA-RIBEIRO, P. e SIMÃO, A. B. (Orgs). **Qualificando os números: estudos sobre saúde sexual e reprodutiva no Brasil.** 2ª ed. Belo Horizonte: ABEP: UNFPA, 2009.

PANTELIDES, E. A. Aspectos sociales del embarazo y la fecundidade adolescente em América Latina. **Notas de Población** 78: 7-33, 2004.

PAPPÁMIKAIL, L. Juventude(s), autonomia e Sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. **Revista do Departamento de Sociologia da FLUP**. Vol. XX, 2010, pág. 395-410.

PEREGRINO, M. Novas Desigualdades Criadas pela Expansão Escolar na década de 1990. In: DAYRELL, J. *et al* (Orgs). **Família, Escola e Juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal.** Belo Horizonte, UFMG, 2012.

PEREIRA, E. T. O brincar e a adolescência. In: CARVALHO, A., SALLES, F. e GUIMARÃES, M. (Orgs). **Adolescência.** Belo Horizonte, Editora UFMG, Proex-UFMG, 2009.

PRESTON, S. H. *et al*. **Demography: measuring and modeling population processes.** Blackwell Publisher, Massachusetts, 2001.

RIOS-NETO, E. L. G. Questões Emergentes na Análise Demográfica: o caso brasileiro. Revista Brasileira de Estudos Populacionais. São Paulo, v. 22, n. 2, p. 371-408, jul/dez. 2005.

RITCHIE, J; LEWIS, J. Qualitative Research Practice. London, Thousand Oaks and New Delhi, SAGE, 2003.

RODRIGUEZ, J. Reproducción en la adolescencia: el caso de Chile y sus implicaciones de política. **Revista de la CEPAL.** 86, Ago, 2005.

SACKMANN, R. e WINGENS, M. From Transitions to Trajectories – Sequence Types. In: HEINZ, W. R. e MARSHALL, V. W. **Social Dynamics of the Life Course: transitions, institutions, and interrelations.** New York, 2003.

SCHIRO, E.D.B. e KOLLER, S. H. Ser adolescente e ser pai/mãe: gravidez adolescente em uma amostra brasileira. **Estudos de Psicologia**, 18(3), jul/set. 2013.

SIMÃO, A. B. et al. Comparando as idades à primeira relação sexual, à primeira união e ao nascimento do primeiro filho de duas coortes de mulheres brancas e negras em Belo Horizonte: evidencias quantitativas. **Revista Brasileira de Estudos de População.** V. 23, n. 1, p. 151-166, jan./jun. 2006.

SIMÕES, C.C.S. A transição da fecundidade no Brasil: análise de seus determinantes e novas questões demográficas. São Paulo: Albeit Factory. 2006.

Síntese de Indicadores Sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira : 2015 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro : IBGE, 2015. 137p. Acesso em: 04/12/2015 <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=295011>

STYLES, J. Ousider/Insider: Researching Gay Baths. Urban Life, 8:2, Julho, p. 135, 1979.

TRINDADE, Z. A. e MENANDRO, M. C. S. Pais Adolescentes: vivência e significação. **Estudos de Psicologia.** 7(1), p.15-23, 2002.

TORRES, M. E. de A. *et al*. "Vai lá, tira a roupa… e… pronto…": o acesso a consultas ginecoógicas em Belo Horizonte, MG. Revista Brasileira de Estudos Populacionais. São Paulo, v. 25. n. 1 p. 49-69, jan/jun, 2008.

UTIAMADA, M. R. P. A paternidade na adolescência: um estudo a partir da visão dos pais adolescentes do ambulatório de pré-natal do Hospital de Clínicas de Londrina. **Anais do I Simpósio sobre Estudos de gênero e Políticas Públicas.** Universidade Estadual de Londrina. 2010.

VIEIRA, J. M. **Transição para a a vida adulta em São Paulo: cenários e tendencias socio-demográficas.** Tese (Doutorado em Demografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

VIEIRA, M. M. Incerteza e Individuação – Escolarização como processo de construção biográfica. DAYRELL, J. *et al* (Orgs). **Família, Escola e Juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal.** Belo Horizonte, UFMG, 2012.

WATKINS, S. C. If All We Knew About Women was What We Read in Demography, What Would We Know? **Demography.** Vol. 30, N^{o}. 4, p. 551-577, Nov., 1993.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Sexual relations among young people in developing countries: evidence from WHO case studies. Genebra, 2001.

ZHANG, L. **Male Fertility and Determinants.** The Springer Series on Demographic Methods and Population Analysis 27. 2011. p. 201.

ANEXO I

Roteiro de Entrevista em Profundidade a ser realizado com jovens pais que tiveram filhos entre os 15 e 24 anos.

Perfil do entrevistado
Gostaria que você se identificasse dizendo seu nome, idade e a cor com a qual se identifica...
1 – Nome?
2 – Idade?
3 – Cor/raça?
4 –Você tem religião, qual?

4.1 Qual o nome da sua igreja? Você foi criado nesta religião/igreja? Se não, desde quando faz parte dela? E em qual religião foi criado/cresceu?

4.2 De quais atividades você participa na igreja cultos/missas/cerimônias/estudos?

4.3 Com que frequência você vai aos cultos/missas/cerimônias/estudos?

4.4 A sua religião/igreja é a mesma da que a sua mãe frequenta?

Agora vamos mudar de assunto. Gostaria de saber sobre seus estudos...
5 – Até qual série estudou? Se não concluiu, por quê? Algumas vez parou e depois voltou a estudar? Em que momento? Qual era a situação para ter parado de estudar? Gostaria de ter continuado? Quais os planos para o futuro em relação aos estudos? Você acha que estudar é importante? Tanto para homem quanto para a mulher?

6 – Atualmente você trabalha?

6.1 Se sim, qual a sua ocupação? Com que idade começou a trabalhar? Porque começou a trabalhar? Decidiu sozinho que iria trabalhar? Alguma vez parou de trabalhar? Em que momento? Qual era a situação para ter parado de trabalhar?

Você acha que o trabalho fora de casa é mais importante para o homem ou para a mulher? Por quantos trabalhos você passou e quais as atividades desenvolvidas?

7 – Com quem você mora? E o seu pai (conhece, sabe quem é, tem o sobrenome?) Quantos irmãos você tem e qual é a idade do mais velho e da sua mãe?
Quando você nasceu qual era a idade da sua mãe? E Do seu pai?
8 – Qual é o seu estado conjugal (solteiro, namorando, ficando, mora junto)?
9 – Você tem filhos?

9.1 Quantos filhos?

9.2 Sexo e idade da(s) criança(s)?

Relação conjugal/afetiva, paternidade e sexualidade
Agora vamos falar dos seus filhos...

9 – Quem é a mãe do seu **1º filho**?

9.1 Qual é o nome dela?
9.2 Onde ela mora?
9.3 Ela trabalha? Estuda?
9.4 Idade dela?
9.5 Quantos anos ela tinha quando engravidou?
9.6 Ela estudava quando engravidou? Parou de estudar? E você?
9.7 Ela trabalhava quando engravidou? Parou de trabalhar? E você?
9.8 Como vocês se conheceram?
9.9 Quanto tempo vocês ficaram juntos?
9.10 Vocês conversavam sobre prevenção de DST e gravidez?
Gostaria de ter tido o filho naquele momento?
9.11 Vocês planejaram ter esse filho? Como foi? Pensaram em aborto?
9.12 Vocês cogitaram a possibilidade de morarem juntos?

9.12.1 SE sim, por que não deu certo?

9.12.2 Se moram juntos, o que pensa da vida a dois? É o que esperava? Melhor, pior? Por quê? Sobre o trabalho doméstico, quem faz o que? (lavar vasilhas, cozinhar, lavar roupas, cuidar da casa, limpar, comprar as coisas...) O que você faz e com que frequência? Você trocaria de atividades com a sua companheira? Como é a divisão das atividades da escola, banho, colocar para dormir, brincar, comida...?

9.11 Com quem mora o filho de vocês? Ele já morou com você? E desde quando não mora? O que houve para ele não morar mais?

9.12 Com quem ele fica a maior parte do tempo? Sua família tem contato com a criança? Como é esse contato?

9.13 Ele estuda/creche?

9.14 Como você se envolve nos cuidados diários com este filho seu? Como é feita esta divisão? Quem paga as despesas com o filho e por quê? Quem toma as decisões sobre a educação do filho e por quê? Como você se sente cuidando do seu filho?

9.14.1 Com que frequência você vê o seu filho?

9.15 Depois de ter o primeiro filho, algo mudou em seu comportamento sexual?

9.15.1 Como é o uso de preservativos?
Com que frequência usa camisinha.
9.15.2 Conversa com a namorada sobre o assunto?
Já se recusou a usar alguma vez? Porque?
Sua companheira já se recusou, porque?

10 – Agora vamos falar do seu **2º filho**, quem é a mãe dele?

10.1 Qual é o nome dela?
10.2 Repetir as perguntas do bloco 9

11 – E atualmente, você está se relacionando afetivamente com alguém?
12 – Quanto tempo você namora com ela?
13 – Moram juntos? Há quanto tempo?

Vamos falar mais um pouco sobre o uso de preservativos:

14 – Em sua primeira relação sexual você usou preservativo? Usou algum outro método de prevenção?
15 – Qual era a frequência de uso?
16 – Você conversa/conversava sobre sexualidade em casa, com os amigos, na escola?
17 – Você teve educação sexual na escola? O que era dado na escola?
18 – E hoje em dia, se tem dúvida, conversa sobre o assunto com quem? Gostaria de conversar com os pais sobre o assunto?

Categoria/fase de vida
19 – O que significa ser adolescente para você? Qual o período do ciclo de vida em termos de idade você entende por adolescência?
20 – E ser jovem, o que significa? Qual período?
21 – E ser pai? E ser mãe?
22 – Qual seria o pai ideal, em sua opinião?
23 – Entre seus amigos, parentes, vizinhos, você conhece alguém que foi pai junto/próximo com você? Na adolescência?
24 – O que significa ser adulto?

Paternidade subjetiva
25 – Como foi quando você ficou sabendo que ia ser pai pela primeira vez?
26 – Como você se envolveu na gravidez da mãe do seu filho?
27 – Você acompanhou o parto? O que acha desse momento? Sabe que é um direito seu participar? E no hospital, pode ficar quanto tempo? O que acha disso?
28 – Qual foi a reação dos seus pais/familiares (das pessoas com quem mora/va) amigos?
29 – Hoje como você receberia a mesma notícia?
30 – Você pretende ter mais filhos?
31 – Com que idade você gostaria que seus filhos tivessem filhos (ser avô)? A idade de um homem seria diferente da idade de uma mulher ao ter o primeiro filho?

Reconstrução
32 – E para finalizar, gostaria que você me falasse o seguinte: Se você pudesse voltar no momento antes de ter tido o seu primeiro filho, o que você faria diferente?
    32.1 Teria o filho?
    32.2 Mudaria o comportamento de SER pai? Faria algo diferente?
33 – Se você não tivesse o 1º filho como seria a sua vida?
34 – O que você acha que aconteceu com a vida da mãe do seu filho?
35 – Em sua opinião, o que é mais importante para mudar de vida?
36 – Me fale da sua experiência de ser pai.
37 – Mostrar material impresso “Homens também cuidam”, pedir para que veja rapidamente e perguntar o que acha disso (título, imagens, resumos).